



SOCIEDADE

LOW

POWER

emanuel dimas

de melo pimenta

What

título: **SOCIEDADE LOW POWER** - hiperconsumo contínuo e o fim da classe média num planeta hiperurbano

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 2008, 2009, 2010

Filosofia, estética, sociologia

edição: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

terceira edição eletrônica

copyrights: prefácio - Jon Rappoport

NEST - Marcia Grostein

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, imagem parcial ou integral desta publicação pode ser usada para fins comerciais ou relacionada a qualquer uso comercial, por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou qualquer outro tipo de armazenamento informacional, sem a prévia permissão por escrito do editor. No caso de haver permissão, o nome do autor, artista ou fotógrafo deve ser sempre incluído.

Índice

<i>introdução para a terceira edição</i>	5
<i>prefácio de Jon Rappoport</i>	7
<i>introdução para a primeira edição</i>	11

1. *Três Civilizações - família, alimentação, memória e energia, página 22*
2. *Jogos de Soma Zero e Não-Zero: julgamento de valores, página 46*
3. *Invenções - informação e sociedade, página 76*
4. *Poder, amor, posse, Montaigne e Maquiavel, página 96*
5. *Escrita, Cidade e Alto Poder: carbono, gás e hidrogênio - guerra, página 120*
6. *Consumo hiperurbano, lei e laser - gold standard e comunicação, página 167*
7. *Vigilância, controle, crime, terrorismo, fraude: paradigma e sintagma, página 202*
8. *A Cidade do Sol: Panopticon, Sinopticon e Omnipticon - Big Brother e o Gigante dos Mil Olhos, página 273*
9. *Instabilidade, hipercomunicação, pobreza, medo: ciclo de vida, reclamações, identidade e protesto, página 321*
10. *Narciso e Narcose: burocracia, low cost e formato, página 345*
11. *Televisão: a emergência de uma aristocracia burocrática - mais controle: Estado contra a Nação, página 383*
12. *Teleantropos - educação, viscosidade, estresse: a emergência dos neognósticos - copyrights e clones, página 473*
13. *F de Falso: destino e livre arbítrio - responsabilidade e competência, página 556*
14. *Ciberpanspermia, página 589*

<i>Dados sobre a Sociedade Low Power</i>	622
<i>Bibliografia</i>	625
<i>Fontes Internet</i>	
<i>Índice onomástico</i>	657
<i>Índice temático</i>	663
<i>breve biografia</i>	676

Introdução para a terceira edição eletrônica de *Sociedade Low Power*

Há sete anos este trabalho tinha início. Em 2003 eu conversava com Giorgio Alberti, à beira do lago Maggiore, em Locarno, Suíça, e as suas idéias foram o embrião deste trabalho.

Este livro é dedicado a ele e em memória de outro querido amigo, Daniel Charles.

Esta terceira edição conta com novos dados estatísticos, novas reflexões e novos fatos. É interessante ver como nesses últimos sete anos aquelas idéias iniciais se confirmaram, e muitos livros sobre questões a elas relacionadas foram publicados.

Não se trata de um livro pessimista, mas de um olhar de perplexidade diante de um planeta em rápida e voraz metamorfose. Não se trata de uma simples transformação, mas de uma mudança de natureza, uma verdadeira mutação.

Nesta terceira edição, o texto - antes um contínuo fluxo - foi dividido em capítulos de forma a tornar a leitura mais fácil.

O anglicismo “low power” é utilizado intencionalmente.

Sociedade Low Power termina com uma iluminada reflexão de René Berger, outro maravilhoso amigo, desaparecido em 2009.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

2010

PREFÁCIO

Este livro é um martelo que soa um gongo. O gongo é um planeta no meio da galáxia, e as ondas de som são lançadas – e ainda, o livro é extremamente preciso e penetrante; tão ampliado que explode todos os detalhes que oferece e faz dele um novo planeta – assim, estamos olhando para um livro que pode e torna a si mesmo de dentro para fora e revela a sua própria energia e processo conforme se expande – e por que um tal livro seria escrito, por que um tal livro apareceria do nada? – porque o autor, Emanuel Pimenta, existe, e nós estávamos à sua espera, estávamos sentados à frente de uma tela olhando as notícias e o vazio das notícias e os cartoons das notícias esperando que explodissem e colocassem um fim nelas próprias – e conforme esperávamos, fazíamos qualquer outra coisa, compondo os ligamentos interiores de outra história muito mais selvagem,

e este é o tal livro, também um poema, onde espirais e entrelaçamentos e desdobramentos ultrapassam labirintos Consensuais e se instalam como um pássaro na boca de uma flor.

O livro discute, em todos os parágrafos, o mundo, o planeta, a população como um todo, mas está sempre falando acerca do indivíduo que se oculta atrás e acima e abaixo de todo o fascínio daquelas ciências que definem a mudança constante com mapas e melhores mapas e mapas mais rápidos e mais urgentes e mapas determinados.

Assim, este é um livro sobre o futuro emergente do ser humano que está, num certo nível, preocupado em mapear a transformação coletiva, e que, num outro nível, estrutura uma revolução em si mesmo.

O livro é feito de ar. Ele é todas as aberturas. Todas as primeiras sentenças. É, desta forma, uma centena de livros, serialmente construídos – mas,

num exame mais próximo, as sequências tomam lugar de um centro, e lá habitam 500, mil, 5000 dimensões.

Pimenta vê uma explosão minuto a minuto a partir de incontáveis peças de informação, e fazendo isso, compreende que para dar sentido ao processo, ele necessita entrar nela. Assim, ele se torna na explosão enquanto a comenta.

Fazendo isso, toma um profundo conhecimento e simultaneamente ritmos e sonoridades em colisão, e o autor é, naturalmente, um conhecido e muito celebrado compositor. No seu livro, a sua música se torna serena e generosa e dissimulada e implacável, e uma recapitulação das idades do cobre e do bronze quando o ato de dar a forma a objetos era um empenho altamente pessoal e a alegria da primeira descoberta – surgindo do nada.

Em outras palavras, não se pode escrever um livro sobre as mudanças titânicas que têm

acontecido no macro nível deste planeta, nas passadas centenas de anos, sem estimular a si mesmo com correntes de magia. Você pode trazer à tona toda a ciência que quiser, mas estará inevitavelmente à beira de onde deverá MOVER correntes de informação que são como cordas, e fará uma música nova. Um comentário sem imaginação desaparece em segundos.

PARA ONDE CAMINHA A RAÇA HUMANA?
Pimenta responde a isto com o seu próprio processo de inquirição, e nos permite ver que a sua invenção, a questão e a resposta podem se fundir como se elas viajassem juntas no espaço. É informação literal? Certamente. É poesia? Sim. É música? Sim. É algo totalmente diferente? Sim. Temos um nome para isso? Não.

E ainda bem.

[Jon Rappoport](#)

Autor de The Magic Agent

LOW POWER SOCIETY
o híper consumo contínuo e o fim da classe
média num planeta híperurbano

*Como melhorar o mundo:
você só tornará as coisas piores.*

John Cage

Na primavera de 2003 eu caminhava junto ao lago Maggiore, em Locarno, Suíça, com [Giorgio Alberti](#) – um amigo de muitos anos.

[René Berger](#) nos apresentou na década de 1980. Estávamos todos envolvidos no célebre

Festival de Vídeo Arte e de Arte Eletrônica de Locarno, dirigido por Rinaldo Bianda, René Berger e Lorenzo Bianda, por onde passaram nomes como Nan June Paik, Steina e Woody Vasulka, Bill Viola, Edgar Morin, Tim Berners-Lee, Pierre Levy, Francis Ford Coppola, Basarab Nicolescu, Joseph Brenner, Francesco Mariotti e muitos mais. Aqueles fantásticos festivais também incluíam conferências e debates sobre arte, ciência e filosofia.

Era um final de tarde com um brilhante céu azul profundo em 2003 e eu caminhava calmamente com Giorgio Alberti, um PhD em informática, MBA do INSEAD em Fontainebleau, antigo bem sucedido administrador de empresas que se tornara colecionador de arte contemporânea e um especialista em arte e alquimia.

Ele estava fascinado com estudos que mostravam a modernidade do pensamento de John Kenneth Galbraith, com quem estivera pessoalmente alguns anos antes. «Hoje, tudo é fácil para as crianças e adolescentes. Eles têm,

quase automaticamente, computadores, telefones celulares, leitores de cds e de dvds, uma quantidade praticamente ilimitada de programas, música ou filmes. Tudo rápido e automático. Quando essas crianças crescerem, o nosso mundo estará profundamente mudado. Não existe mais a antiga idéia de esforço pessoal para se alcançar alguma coisa. Tudo gira em torno do *low price*. Criamos uma sociedade *low price!*».

Ele estava certo. A partir daquele momento, nos cinco anos seguintes, fui desenvolvendo este projeto, que é dedicado a Giorgio Alberti.

Em 2006, estivemos juntos no Encontro Internacional de arte e ciência [O Espírito da Descoberta](#), em Trancoso, uma pequena e maravilhosa cidade medieval, no norte de Portugal, onde eu tinha criado a [Fundação para as Artes, Ciências e Tecnologias – Observatório](#). Naquele Encontro também participaram o filósofo e cientista americano Joseph Brenner; o genial [Roy Ascott](#), da Inglaterra, que é um dos mais importantes artistas

e filósofos do ciber mundo em todo o planeta; Alex Adriaansens, fundador do famoso núcleo de arte contemporânea [V2 Organisation](#) em Rotterdam, Holanda; Gyorgy Darvas, cristalógrafo e historiador da ciência, da Hungria; o arquiteto [Marcos Novak](#), criador do conceito de *espaços líquidos*; o arquiteto português Gonçalo Furtado; a artista conceitual americana [Dove Bradshaw](#), o artista Suíço Peruano Francesco Mariotti; a artista polonesa Monika Weiss e o escritor e artista português António Cerveira Pinto.

Naquele Encontro Giorgio Alberti apresentou uma conferência chamada *Amores-Eros & Low Power Society*, que mais tarde seria publicada no *Technoetic Arts* quando fui o editor.

Numa das primeiras noites, quando estávamos numa grande mesa redonda ao jantar, começamos um *brainstorm* sobre as idéias de Giorgio Alberti e assim nasceu o conceito da *Low Power Society*.

No início do ano seguinte, Giorgio Alberti realizou um Encontro Internacional na Fundação Monte Verita, em Ascona, Locarno, na Suíça, que girou em torno das idéias que fundaram o conceito da *Low Power Society* – o Encontro se chamou *Fim de uma crença, na direção da era do subdesenvolvimento*.

Em 2007, também na mesma cidade e uma vez mais durante o [Encontro Internacional de arte ciência](#) *O Espírito da Descoberta*, também organizado pela *Fundação para as Artes, Ciências e Tecnologias – Observatório*, continuamos a reflexão sobre o conceito, desta vez gerando grupos de trabalho e reflexão. Minha conferência, então, teve o título *Low Power Society* e foi a base deste livro.

Naquele ano, para além de Giorgio Alberti e eu, também estavam presentes, novamente Roy Ascott e Joseph Brenner – que também apresentou uma conferência, muito interessante, sobre o

tema: *Transdisciplinaridade, Lógica e a Sociedade Low Power*; a filósofa espanhola Carmen Pardo; o filósofo e neurologista espanhol Pedro Marijuan; novamente o filósofo e escritor português António Cerveira Pinto; o músico italiano Leonello Tarabella; novamente a artista americana Dove Bradshaw; o matemático Jay Kappraff do Instituto de Tecnologia de Nova Jérsei; a artista, também americana, Rosemarie Castoro; e a grande violoncelista inglesa Audrey Riley.

Nesses Encontros, René Berger esteve sempre presente, participando de Lausanne, na Suíça, através de meios eletrônicos.

No ano seguinte, em 2008, Alberti organizou um novo Encontro Internacional dedicado especificamente ao tema, uma vez mais na *Fundação Monte Verità*, na Suíça.

Nesse mesmo ano, em 2008, em Nova York, a artista plástica [Marcia Grostein](#) ficou encantada com o conceito e surgiu a idéia de fazermos uma grande exposição revelando

questões convencionalmente consideradas como exclusivamente econômicas ou sociológicas como sendo, de fato, estéticas. René Berger já o fizera no *World Economic Forum*, em Davos, nos anos 1990, ainda que não especificamente sobre uma *Low Power Society*.

Nina Colosi, criadora do [Streaming Museum](#) em Nova York, rapidamente abraçou a idéia com entusiasmo. Logo, Paul Goldberg – que para além de *expert* em sistemas financeiros também é um reconhecido músico de jazz – tornou-se produtor de uma futura exposição de arte contemporânea sobre o tema.

Essa é uma breve história de como nasceu o conceito sobre uma *Low Power Society*. No final do livro há um *timeline* dos eventos que determinaram o conceito até agora.

Quando eu acabei o livro, recebi a triste notícia do desaparecimento de Daniel Charles – querido amigo, grande e generoso filósofo a quem

tão profundamente sempre admirei. Mesmo que não tenha estado envolvido com o projeto original, decidi também dedicar este trabalho à sua memória. Giorgio Alberti é o verdadeiro pai do conceito.

O livro está dividido, sem fronteiras muito definidas, em duas partes – uma primeira, mais orientada para questões filosóficas; e, a seguir, uma parte mais dedicada ao mundo concreto. Tudo fluindo num fluxo, sem capítulos ou departamentos.

Não se trata de um livro sobre o futuro, mas sobre o presente, que já é passado. Não se trata de fazer julgamentos de valor, se isto ou aquilo é certo ou errado – como reitero algumas vezes durante o texto.

Também, não é uma abordagem absoluta – e sim, uma porta para novas idéias, para novas abordagens.

Não se trata de pretender melhorar o mundo.
Apenas um olhar arregalado – nos mundos visual
e de texto – para a escala humana de um universo
em permanente metamorfose.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta
Nova York, 2008



NEST, obra de Marcia Grostein, Nova York 2008

Sociedade Low Power

O melhor governo é aquele que nada governa; e quando as pessoas estiverem preparadas para isso, aquele será o tipo de governo que terão.

Henry David Thoreau

Combustíveis fósseis levam multimilhões de anos em complexas reduções e processos de conservação, progredindo da apropriação vegetal da radiação solar através da fotossíntese para o profundo armazenamento de energia concentrada sob a superfície da terra. Haveria uma vasta superabundância de energia em mais lugares em todo o mundo, e em mais tempos, para produzir energia aos bilhões, como é agora empregada pelo ser humano, se ele soubesse como a armazenar quando ela está disponível, para a usar quando não está disponível.

Richard Buckminster Fuller

Três civilizações – família, alimento, memória e energia

É uma espécie pobre de memória aquela que apenas funciona para trás..

Lewis Carroll

Em 1964, na busca de estabelecer um critério para a identificação de vida e possíveis sociedades extraterrestres, o astrofísico russo Nikolai Kardashev criou uma classificação – que mais tarde ficaria popularmente conhecida como *Esquema de Classificação Kardashev* – diferenciando estágios civilizatórios em termos de consumo de energia.

O seu esquema estabelecia três grandes categorias.

O primeiro tipo de civilização seria aquele capaz de dominar todas as formas de energia do seu próprio planeta. Assim, ela poderia modificar e manipular livremente o clima, os movimentos tectônicos, e extrair as suas necessidades energéticas do planeta onde vive. Numa tal civilização, a necessidade de recursos energéticos seria tal que implicaria um sistema muito sofisticado de comunicação entre os seus habitantes – como mostrou, sempre com grande clareza, o físico Michio Kaku.

A exploração da energia do planeta implicaria ainda um grande refinamento do conhecimento, tornando possível a uma tal civilização gerir a complexa e caótica cadeia de eventos ambientais.

O segundo tipo seria aquele que ultrapassou o potencial energético do seu planeta e foi obrigado a dominar fontes energéticas estelares.

As suas necessidades teriam aumentado a ponto da energia do planeta mãe não mais ser suficiente para o consumo, conduzindo-o para a utilização da estrela do seu sistema solar como fonte energética.

O terceiro tipo civilizatório em termos energéticos seria aquele para o qual nem mesmo a energia contida numa estrela seria suficiente para as suas necessidades, obrigando à expansão de consumo a uma escala galáctica.

Se o nosso consumo energético continuar crescendo como tem acontecido, a uma ordem de cerca de 3% ao ano, sem aceleração, estima-se que alcançaremos o *Tipo I* no *Esquema de Classificação Kardashev* dentro de cem a duzentos anos.

Mantendo, a partir de então, estável o crescimento do consumo energético, o *Tipo II* seria certamente alcançado em cerca de oitocentos a mil anos, e o *Tipo III* poderia ser alcançado dentro de um período de cerca de dez mil anos.

Trata-se de uma hipótese espantosa se considerarmos que há apenas dez mil anos ainda nos encontrávamos no Paleolítico, dando os primeiros passos para a concretização do Neolítico!

Essa classificação civilizacional em termos energéticos ainda nos alerta para o fato de que, ao longo da História, todo o salto civilizatório implicou um aumento de consumo de energia.

Fred Cottrel, sociólogo da Universidade de Miami, definiu a tese defendida no seu livro *Energy and Society*, de 1955, como sendo a afirmação de que «a energia disponível para o ser humano limita o que podemos fazer e influencia o que faremos».

Todo o desenvolvimento civilizacional implica, de alguma forma, um aumento de consumo energético.

Mesmo a produção de idéias implica

consumo de energia através dos seus suportes e acumuladores. O papiro, o pergaminho, o papel e o silício, tomados nas suas mais gerais utilizações, são claros exemplos de como isso acontece.

A estruturação de idéias como processo bioquímico em nossos cérebros também é consumo energético.

Indo para um pouco além da abstração do mundo das idéias *puras*, a invenção do vestuário possibilitou o armazenamento energético nos nossos corpos e, assim, tornou possível um maior e mais eficiente consumo de energia libertando o nosso tempo. O tempo livre torna possível o livre pensar. Se não tivéssemos roupas, seríamos obrigados a comer maiores quantidades de alimento mais vezes ao longo do dia.

O controle do fogo terá sido, seguramente, o primeiro fator revolucionário que projetou uma lógica de concentração e produziu o *Homo Sapiens*.

nas árvores, condicionando a sua evolução. Para Johan Goudsblom, sociólogo da Universidade de Amsterdam, o controle do fogo teria exercido um papel fundamental nesse acontecimento.

Isto é, o princípio de concentração gerado pelo controle do fogo foi, provavelmente, um dos fatores responsáveis não apenas pela evolução humana como também pelo aparecimento dos macacos, num processo evolucionário tecnológico que projetou diferentes espécies.

Curiosamente, tal como acontece com o princípio de estruturação molecular da madeira, o controle do fogo implica uma lógica de concentração.

O fogo é um fenômeno instável, de fácil propagação com uma natureza fortemente destrutiva, exigindo uma grande concentração de atenção e conhecimento para a sua manipulação.

Assim, as técnicas de controle do fogo

as sementes pré-históricas desse interessante conceito, depois transformadas em *conteúdo* de um novo meio.

Num certo sentido, o significado medieval da palavra *família* acabou por ser preservado pela *máfia* e por outras organizações criminosas similares no sul da Itália, para as quais todos os servidores são membros da família.

Seria somente a partir do meio do século XVII que a palavra *família* passaria a indicar um grupo de pessoas formado por pais e filhos!

Ainda que sob o manto de um passado obscuro, o termo *família* poderá resgatar a sua origem etimológica em duas raízes latinas: *fas* que significa “lei divina” e *for* ou *fari*, que significa “falar”. Uma ligação entre essas duas raízes há muito tem sido proposta por diversos estudiosos e foi vivamente reforçada pelo trabalho do linguista estruturalista francês Émile Benveniste, que viveu entre 1902 e 1976 e que foi um fiel seguidor das

Ao longo de milhares de anos, fomos nos habituando a lidar com esse fenômeno de crescente consumo energético, a ponto de o considerarmos algo perfeitamente natural.

Mas, principalmente depois da segunda metade do século XX, devido em grande parte ao explosivo aumento demográfico mundial, a idéia de um consumo energético crescente enquanto índice civilizacional se tornou rapidamente num verdadeiro tabu. A justificativa era evitar julgamentos de valor e jogos de poder.

Por essa via, a estreita relação que existe entre energia e memória acabou por ficar afastada.

Aquilo a que chamamos de *memória*, e que vulgarmente associamos exclusivamente a algumas das nossas funções neuronais está, na verdade, presente em tudo. Trata-se, antes, de um fenômeno de natureza física. Memória nada mais é que estabelecimento de *forma* – o que significa, em

pelas mãos de Pitágoras – a palavra *filosofia*.

Na verdade, todas as questões envolvendo o conhecimento possuem um denominador comum: a *escala*.

Mas, memória não é apenas a fixação pura e simples de um momento de espaço tempo. Ela é um permanente ato de criatividade, porque tudo é mudança, sempre. Nenhuma diferenciação é fechada em si mesma. Tudo o que é diferente implica o Outro. E aquilo que determinamos vagamente como o Outro, apenas pode ser vago, pois é de natureza dinâmica e complexa.

Pelas mesmas vias que o sistema a que chamamos *vida* é extremamente dinâmico, qualquer sistema de memória é o confronto de diferentes *formações* – ou *atratores*. Assim, memória e cognição estão inevitável e fortemente entrelaçados.

Toda vida é uma espécie de memória – e

toda a memória implica consumo de energia, pois toda *formação*, todo estabelecimento de *forma*, toda *ação*, é essencialmente de natureza *anti entrópica*.

A palavra *energia* surge da raiz indo europeia **werg*, que indicava precisamente a idéia de *ação*. Aquele antigo termo indo europeu passou quase diretamente ao inglês *work*, que significa *trabalho*. Mas antes ele se transformou nas palavras gregas *ergon*, que significa *energia*, e *energein* que indica o *fazer*, o *agir*.

Não existe ato humano – mesmo de natureza filosófica, estética ou outra – que não signifique *a priori* consumo de energia e que, portanto, não implique o estabelecimento de *forma*.

O próprio conceito de *idéia* é, em termos lógicos, *energia*.

Energia é diferenciação. Quando se estabelece que aquilo a que chamamos de *poder*

acontece enquanto estruturação de conflitos, não se trata somente de conflitos numa macro escala.

Assim, tudo o que chamamos de *civilização* – seja ela qual for – está diretamente associado a aumentos do padrão de consumo e acumulação energética.

Todos os índices civilizatórios são – ainda que algumas vezes por vias menos evidentes – são relativos à geração de forma e, conseqüentemente, ao processamento energético.

Mesmo um *buda* necessitará de energia para estar vivo. A formação de pensamento implica a estruturação de *forma*. Esse é um dos elementos Zen: estamos vivos.

O *Damaphada* – livro que para muitos reúne os ensinamentos ditados diretamente pelo próprio Buda, compilados no século III – afirma que «a nossa vida é criação da nossa mente» e «as pessoas tolas e ignorantes não são atenciosas ou observadoras;

mas as pessoas que são observadoras consideram isso o seu grande tesouro» – vida e estabelecimento de *forma*.

Geralmente, abordamos questões relacionadas ao consumo de energia com grande desconfiança, como se elas inevitavelmente afetassem de forma negativa a vida e, especialmente, o equilíbrio do nosso planeta. Assim, quanto menos consumo energético, melhor.

Isso acontece porque, em primeiro lugar, abordamos o consumo de energia tomando o segundo princípio fundamental da termodinâmica – a *entropia* – de forma parcial e absoluta. Ainda, porque normalmente consideramos energia, no seu todo, como sendo algo material e extinguível, de natureza finita, tal como acontece com os recursos relacionados a combustíveis fósseis – e, em finalmente, porque geralmente nos colocamos acima da Natureza e não nos tomamos como parte integrante dela.

considero tudo aquilo a que chamamos de *artificial* como parte desse mesmo processo – não como algo novo e perigoso, mas enquanto um processo dinâmico e mutante.

Não se trata de ser otimista ou pessimista, bom ou mau, certo ou errado, mas, simplesmente, de observar a História, os dados de diferenciação que alcançamos ao longo de milhares de anos, e perceber que, apesar dos horrores, das perseguições e das mais variadas tragédias, das inquisições, guerras, assassinatos, crimes hediondos, todas as ações de desagregação, a Humanidade também contou com almas iluminadas, com poetas, cientistas, filósofos, músicos, arquitetos, pensadores, artistas fabulosos – todas as ações de agregação.

A misteriosa rede que dá unidade e revela esse formidável lado iluminado acabaria por ser ilustrada pelo conceito de *serendipidade*: quando as descobertas acontecem por *acaso*, tantas vezes simultaneamente, em diversas partes do planeta.

Um fenômeno que, sob ângulos por vezes diferentes, levou Teilhard de Chardin a criar o conceito de *noosfera*; Wyndham Lewis a cunhar, no seu clássico *America and Cosmic Man*, de 1948, a expressão *aldeia global*, logo popularizada por Marshall McLuhan; e Jacques Monnod a estabelecer o conceito de *ideosfera*, que seria vivamente abraçado por Douglas Hofstadter.

Aquilo que existe deve, obrigatoriamente ser diferente, pois apenas a diferença gera a consciência, como ensinava os antigos pensamentos Indianos da tradição Védica.

Todo o estabelecimento de *forma* implica a descoberta de elementos diferenciais. Toda a diferença é estabelecida segundo princípios, e esses princípios estão ligados entre si.

Alteramos a estrutura lógica e tudo é mudado, toda a compreensão, todos os efeitos, todas as ações, mas continuamos falando da Humanidade e da Natureza.

Jogos de Soma Zero e Não-Zero: julgamento de valores

A Filosofia é um jogo com objetivos e sem regras. A matemática é um jogo com regras e sem objetivos.

David Hilbert

Tudo é, por diferentes vias, interdependente.

Assim, tal como indicava o antigo deus romano *Jano*, mesmo na escala planetária, lidamos sempre com duas faces do ser humano – uma iluminada e outra obscura – da mesma forma como contamos com duas leis fundamentais da termodinâmica e com dois princípios fundamentais

de jogo: os de *soma zero* e os de *soma não zero*, pois, como ensinava o genial filósofo Charles Sanders Peirce, toda existência concreta está suportada no número *dois*.

Um jogo de tênis, por exemplo, é de *soma zero* – há sempre um perdedor e um vencedor. Uma relação amorosa ou um encontro entre amigos geralmente é, ou deveria ser, um jogo de *soma não zero* – sem perdedores ou vencedores.

Todo jogo de *soma zero* implica *dissipação* e, paradoxalmente, *concentração* – um valor transita de um a outro estado. Quando dois oponentes se degladiam num combate, por exemplo, eles são *aparentemente* iguais no início da contenda, mas serão *aparentemente* diferentes no final.

A primeira lei fundamental da termodinâmica é a da agregação de energia, a segunda é a da dissipação, ou entropia. A *entropia* implica dissipação e diminuição de energia disponível, diminuição de diferenciação.

O primeiro impulso é considerar jogos de *soma zero* como anti-entrópicos e, portanto, típicos da primeira lei da termodinâmica, de concentração de energia. Todavia, trata-se de uma ilusão – um *iludus*, ou *contra-jogo*.

Jogos de *soma zero* implicam dissipação e se há uma aparente diferenciação dos seus elementos no final do processo, na verdade o que ocorre é a eliminação dos fatores diferenciais através da dissipação e eliminação. Isto é, anulando uma das partes aquilo que era concentração se torna desdiferenciação.

No jogo de *soma zero*, uma das partes é eliminada. Se tudo fosse caracterizado pelo jogo de *soma zero*, depois de uma sequência finita de passos, nada mais existiria para além de um vencedor final.

Mas, ainda assim, na escala da vida real há um evidente paradoxo nos jogos de *soma zero*: devido

ao fato de não existirem condições absolutas, à dissipação segue-se uma concentração e um reforço dos elementos de diferenciação. Todo o resto tende à *entropia*.

Nos jogos de *soma não zero*, que caracterizam a *simbiose*, a geração de elementos diferenciais acontece por *dissipação positiva*, tal como a viscosidade, por distribuição. Mas, nos jogos de *soma não zero* há igualmente um curioso paradoxo – embora o princípio de distribuição seja entrópico por natureza, todo o sistema tende à geração de elementos diferenciais. Isto é, neles, em princípio, nenhuma das partes ganha; mas, por isso, ambas as partes acabam por ser reforçadas, reafirmadas. Assim, não é eliminado o conflito – e a consciência, tal como tudo o que conhecemos, apenas pode existir através da diferença.

Ambos os tipos de jogo implicam a entropia porque operam numa escala onde a flecha do tempo é omnidirecional. Portanto, numa ou noutra condição, há dissipação.

Na verdade, qualquer que seja a relação entre diferentes partes, ambos os tipos de jogo estarão presentes, sempre dependendo da escala.

É o que o antropólogo Darcy Ribeiro dizia sobre uma ação recíproca entre uma tendência à homogeneização e outra voltada para a diversificação – um fenômeno que não pode ser restrito a qualquer período histórico.

Ainda que num dado contexto estejamos tratando de dissipação e concentração, num outro plano acontecerá o oposto, como se fosse um contínuo processo de *mudança de fase*. Um grupo de soldados vence outro numa batalha, por exemplo. Dentro do grupo de soldados, seja ele o dos vencedores ou dos perdedores, pelo menos idealmente, o que encontramos imediatamente é colaboração, ação sistêmica e, portanto, um jogo de *soma não zero*; mas no conjunto da ação, haverá uma entidade ganhadora e outra perdedora, um deles desaparecerá e teremos um jogo de *soma*

zero.

Tudo dependendo da escala.

Conceitualmente, todo organismo nada mais é que jogo de *soma não zero* – ainda que, em outros planos, em diferentes escalas, possam coexistir jogos de *soma zero*. A *Teoria da Seleção Natural* de Darwin é um exemplo de como tal acontece.

Assim, não há *data de nascimento* para o princípio de jogo de *soma não zero*.

Temos, por vezes, a imagem estereotipada de que o jogo de *soma zero* pode ser compreendido como a luta pela sobrevivência numa floresta, por exemplo, e que o jogo de *soma não zero* é excelentemente representado pelo que chamamos de *civilização*. Ainda que, mesmo idealmente, essas figurações sejam muito apropriadas, não podemos nos esquecer de que em qualquer que seja o processo estarão sempre presentes os dois

tipos de jogo.

Quando pensamos nos incontroláveis desígnios do destino, tocamos o princípio de *soma não zero* num complexo de partículas interdependentes, mas simultaneamente no jogo de *soma zero* enquanto *ação* em dissipação.

Toda a articulação de memória é criativa por excelência, pois se trata inevitavelmente de complexos combinatórios, dissipativos – afinal, *criatividade* nada mais é que combinar coisas que ainda não estavam totalmente associadas.

E ainda que o estabelecimento da *forma* esteja, através do princípio da criatividade, diretamente relacionado com a primeira lei da termodinâmica e com o jogo de *soma não zero*, a sua aspiração à fixação geral, à determinação absoluta de um estado de concentração, é a expressão da segunda lei da termodinâmica, a *entropia*, e o jogo de *soma zero*.

A idéia da *entropia* como destino fatal do Universo – num processo onde gradualmente todas as energias se tornariam iguais, eliminando qualquer possibilidade de mais dissipação – foi originalmente formulada em 1852 pelo físico inglês William Thomson.

Grande parte das pessoas ainda acreditava, nos primeiros anos do século XXI, que a segunda lei da termodinâmica – para a qual tudo caminharia inevitavelmente para um quadro de desordem, de desdiferenciação, ou *entropia* – já teria designado o temido final do Universo: tudo disposto em partículas iguais... tudo morto.

Mas, Ludwig von Bertalanffy, pai da *Teoria Geral dos Sistemas* – e que teria sido um dos fundadores espirituais da *transdisciplinaridade*, não tivesse a expressão sido cunhada por Piaget apenas em 1970 – defenderia, no seu livro *Problems of Life*, de 1952, que «ordem espontânea... pode aparecer» em sistemas através dos quais energia fluísse. Semelhante argumentação também tinha

sido feita, sete anos antes, por Erwin Schrödinger no seu clássico *What is Life?*, publicado em 1945.

«Qual é o aspecto mais característico da vida? Quando é que se pode dizer que uma parte da matéria tem vida?» – perguntava-se Schrödinger – «Quando ‘faz alguma coisa’, quando se move, quando procede a trocas de matéria com o respectivo meio ambiente... É, ao evitar a queda rápida no estado inerte de ‘equilíbrio’ que um organismo se apresenta tão enigmático; por isso, nos primórdios do pensamento humano era defendida a idéia de que alguma força especial não-física ou sobrenatural atuaria no organismo...». A resposta, então, aconteceria através de uma simples palavra: *metabolismo*.

O termo *metabolismo* surge do grego *ballein*, que significa “jogar”, “atirar”. Dessa palavra apareceu a expressão *bailar*, que significa *dançar*, *atirar* os corpos ao movimento. Daí temos o termo *ballet*. Quando ao grego *ballein* é somada a partícula *sum* – formando *sumballein* – a expressão

significa *símbolo*, que nos traz a idéia de *atirar junto*, de *co-incidência*. É também daí que emerge a palavra *diabo*, de *diaballein*, que significa *atirar através*, *atirar* algo no meio das pessoas, fazendo com que haja confusão e discórdia. Somada à partícula *meta*, cujo significado é *mudança*, produz *metaballein*, ou *metabolismo*, que indica a idéia de *atirar a mudança* ou, em outras palavras, lidar com a mudança em movimento.

Essa idéia de *movimento em ação* rapidamente revelou o princípio da *troca* como base do seu significado – troca de energia ou, mais precisamente, resgate da ordem do ambiente, extração dos elementos diferenciais do complexo universo que compõe cada coisa: *metabolismo*.

Por isso, quanto menor a diversidade, menor a possibilidade de resgatar ordem, e maior a tendência à *entropia*.

Mais tarde, Ilya Prigogine tornaria os argumentos de Bertalanffy e Schrödinger ainda

Mesmo o princípio Marxista da *mais-valia* implica o permanente intercâmbio com o Outro. Fosse a questão uma simples expropriação de valor pelo mais poderoso, o próprio valor não poderia existir.

Por isso, quando Marx revela a *mais-valia* como chave para a compreensão do processo de acumulação de capital, ele imediatamente imagina a utopia do comunismo – pois a utopia não é o impossível, o não existente, mas sim o surpreendentemente possível. O ideal do comunismo, assim como o próprio conceito de ideal, está dentro dos princípios estabelecidos pela *Teoria dos Jogos*.

É seguramente chocante para muitos, e até mesmo profano, associar Marx a questões de idéias, tal como algo ideal, pois para ele tudo era ação. Mas, ação e pensamento são uma única coisa. A idéia sem ação – semente da acusação contra Hegel – é igualmente uma armadilha preparada pelo princípio do *terceiro excluído*.

Não há acumulação sem consumo, e não há exploração sem algum tipo de partilha, assim como não há jogo de *soma não zero* puro, no seu sentido absoluto. Como também não há jogo de *soma zero* total.

Da mesma forma, não pode existir egoísmo absoluto – um rei apenas o é se tiver súditos. Esse fenômeno foi observado pelo economista e prêmio Nobel Thomas Schelling quando defendeu que num caso ideal de jogo de *soma zero* puro simplesmente não há comunicação.

A ilusão do espírito egoísta é um traço artificial, fenômeno de linguagem, tal como acontece com o seu oposto, o altruísmo, como tão claramente demonstrou Marcel Mauss no seu clássico *Essai Sur Le Don*. Ao oferecermos *desinteressadamente* um presente a alguém, estamos estabelecendo escondidos laços de obrigação e dívida, mesmo que disso não tenhamos consciência.

Ambas as palavras *good* e *bom* indicam, por diferentes caminhos, o princípio de *agregação* – revelando uma conexão direta com a idéia do *belo*.

Por outro lado, a palavra *mal* é lançada à origem indo européia na partícula **m* que indicava as idéias de *limite* e de *medida*. Dessa raiz surgiram numerosas palavras, como o sânscrito *manu*, que significa “aquele que pensa” e “aquele que mede”, para além de *medida*, *matéria*, *morte*, *milagre* e *mágica*.

A partícula indo européia **m* tinha ainda o significado de *energia criativa*, impulso no sentido de estabelecer relações concentradas de idéias diferentes e, por isso, ainda, a razão de ter sido geradora das palavras *medida* e *milagre*.

Essa estranha e enigmática origem etimológica para a palavra *mal*, que nos revela a íntima conexão entre os termos surgidos do indo

ilumina um antigo ensinamento Védico: somente a diferença produz a consciência.

Como lidamos com esses princípios, *como* estabelecemos *forma*, ou melhor, *como* nos revelamos enquanto *forma*, são questões fundamentalmente de natureza estética – estratégias de percepção.

Portanto, as vias sobre *como* designamos a composição da nossa *paleta sensorial*, *como* designamos aquilo que *somos*, o nosso *design sensorial*, será a chave dos princípios de ordem que determinam o humano, nas suas mais complexas metamorfoses ao longo de milhares de anos.

Diferentes fatores são responsáveis pela metamorfose da nossa *paleta sensorial*. Devido ao fato de sermos todos interdependentes, esses fatores estão diretamente relacionados à tendência de específicas intensificações sensoriais e também à escala.

Entre 1990 e 2004 a população planetária conheceu um explosivo crescimento de cerca de 21%, mas o aumento do consumo energético foi ainda maior, ultrapassando os 30%! O nosso crescimento de consumo energético ultrapassou em muito o demográfico.

Isso indica que, apesar de muitas impressões negativas, o universo das relações humanas se tornou mais complexo e mais rico.

O aumento de consumo energético a nível planetário implica uma mutação civilizacional, uma ampliação da memória, no seu sentido mais vasto e mais profundo, e também, naturalmente, uma profunda metamorfose estética.

Em termos gerais, essa não é uma idéia nova. No célebre ensaio *Energy and the Evolution of Culture*, publicado no *American Anthropologist* em 1943, o antropólogo Leslie White defendia que «tudo no Universo pode ser descrito em termos de energia».

White combateu vivamente, e muitas vezes tomando como questão puramente pessoal, as idéias de outro famoso personagem, Franz Boas, que para além de genial antropólogo – tantas vezes dedicado a questões de natureza estética – também era um renomado físico.

Boas, que acabaria por ser reconhecido como o pai das linhas fundamentais da antropologia que caracterizaram o século XX, foi responsável pelo conceito de *etnocentrismo* e também pela idéia de que é fundamental estudar cada cultura a partir dos seus próprios termos. «Todas as atividades humanas assumem formas que as conferem valores estéticos», defendia Boas.

Por outro lado, os antropólogos *evolucionistas* – como White – defendiam que as raças caucasianas eram absolutamente superiores, em função de um inquestionável processo evolucionário. Para Boas – ainda que os seus tratados não deixem por vezes de revelar um certo traço racista, comum

– tal como a memória – não é exclusivamente um dado imediato, congelado num determinado momento, numa época específica. É um fenómeno de acumulação e dissipação.

O consumo energético indica o metabolismo da transformação da matéria e da transmissão das idéias.

Ao tomarmos o consumo de energia como sendo o estabelecimento de *forma* e, portanto, de *memória*, tudo se revela enquanto estética.

O tratamento, acumulação e consumo de energia é, em última análise, uma questão de *ordem*, uma questão de natureza estética, de ordem do pensamento – sem nunca se tratar, entretanto, de julgamentos de valor.

Independentemente de que tipo de sociedade tratamos, sem evocar qualquer espécie de unidade psíquica humana, o conceito *civilização* implica, pela sua própria natureza fundamental, a

estruturação de forma, uma densidade energética. Trata-se do mesmo princípio básico da formação de organismos: a *simbiose*.

Não por outra razão a palavra *civilização* nasce do latim *civis*, que indicava a *cidade*.

Dessa idéia essencial nasceu o célebre texto de Emanuel Kant – *Idéia para uma História Universal com um Propósito Cosmopolitano* – onde ele sugere que a própria história do ser humano possui uma espécie de *plano natural escondido*.

Então, Kant imaginaria que, assim como a história se desdobra, nós seremos capazes de perceber «como a raça humana trabalha no sentido de uma situação na qual todos os germens implantados pela Natureza podem se desenvolver inteiramente, e na qual o destino humano pode ser plenamente realizado aqui na Terra».

Não seria esse *plano natural escondido* aquilo a que simplesmente chamamos *lógica* e que

Uma transformação metabólica que encontra nos dois princípios fundamentais da termodinâmica plena expressão e que nos conduz a uma reflexão com as palavras do legendário jornalista Americano Walter Cronkite quando dizia: «Infelizmente, segurança e liberdade formam uma equação de soma zero. A inevitável troca: aumentar segurança é diminuir liberdade e vice versa».

Invenções – informação e sociedade

Informação não é conhecimento.

Albert Einstein

Estima-se que a média de invenções tecnológicas responsáveis por relevantes transformações sociais tenha sido de uma a cada cerca de vinte mil anos no Paleolítico Médio. Mas, ao que tudo indica, há cerca de quinze mil anos, com o aparecimento das primeiras cidades ou proto-cidades, as revolucionárias invenções passam a emergir num ritmo de uma a cada duzentos anos, em média.

Em 1989, o escritor Isaac Asimov, que se tornou mundialmente conhecido pelas suas apaixonantes obras de ficção científica, dedicou-se a um exaustivo levantamento das invenções e descobertas que tinham sido, de alguma forma, responsáveis por importantes mudanças e enriquecimento das relações humanas.

De 20.000 a.C. ao ano zero, em vinte mil anos, Asimov conseguiu identificar cerca de setenta e sete invenções revolucionárias. A partir do ano zero até ao ano mil, em apenas mil anos, vinte quatro invenções! Mas, a aceleração não parou, desenhando uma curva assintótica e, assim, o escritor identificou quarenta invenções nos quinhentos anos seguintes, do ano 1000 a 1500; de 1500 a 1600, em cem anos, quarenta e três; de 1600 a 1700, noventa e quatro; de 1700 a 1800, cento e cinquenta; de 1800 a 1900, mais de quatrocentas e quarenta; e de 1900 a 1988, em menos de cem anos, cerca de setecentas invenções!

Uma verdadeira explosão de invenções e mutações tecnológicas!

Ainda que levantamentos desse tipo possam ser questionáveis sob muitos aspectos, eles mostram um indiscutível aumento da complexidade dos sistemas humanos.

E mesmo que se possa imediatamente, com alguma aparente razão, estabelecer uma associação entre aqueles acontecimentos e a densidade demográfica, esta não é em si um fator gerador de invenções ou descobertas. A China é, desde há muito, superpopulosa, mas viveu grandes períodos sem grandes descobertas ou invenções, e a antiga Grécia era pouco populosa em comparação com os centros urbanos do Egito ou da Mesopotâmia no seu tempo.

A quantidade de descobertas científicas e invenções parece estar associada à estrutura mental, a um tipo de organização da inteligência.

Quando a visão periférica se tornou mais importante, a visão central se transformou no *conteúdo* do novo meio, e surgiram as primeiras cidades.

A visão central é sensível à alta concentração informacional, à textura e à cor, enquanto que a visão periférica é especializada na percepção da luz e do movimento.

Uma característica fundamental – típica da visão central – é o fenômeno conhecido como *sístase*: tudo abordado num único lance – tudo *concentrado* num único quadro.

Quando admiramos uma pintura de Leonardo da Vinci, ou uma gravura de Hokusai, por exemplo, não olhamos uma coisa de cada vez. Se o fizéssemos perderíamos, simplesmente, a compreensão do todo.

A *sístase* é a *imagem* por excelência da primeira cidade.

A dinâmica articulação entre o antigo uso da visão, mais vocacionado para a visão central – pois somos animais predadores – e a nova escala de uso da visão periférica, com longos percursos retilíneos, fez surgir a escrita.

Tal não significa negar as formidáveis descobertas de Denise Schmandt-Besserat e Pierre Amiet, segundo as quais a primeira escrita teria surgido de uma evolução do intensivo uso de símbolos feitos em pequenas figuras de barro.

A brilhante tese de Schmandt-Besserat explica como a dívida produzida por uma negociação comercial era registrada através do encerramento daqueles pequenos objetos dentro de um invólucro de barro. Três cones de barro significariam que uma das partes do negócio estaria em dívida para com a outra em três sacas de grãos, por exemplo. A prova do compromisso estaria lacrada no interior do invólucro de barro. Com a intensificação do uso desse recurso, as pequenas

figuras de barro passaram a ser impressas sobre o invólucro, ainda amolecido, de forma a possibilitar a leitura do que estaria no seu interior, sem ser necessária a sua violação.

Mas, aqui, não se trata de investigar a forma que caracterizou a transformação sensorial, e sim as suas mais profundas raízes ao nível do conhecimento, os caminhos mentais que a antecedeu.

Ação é conhecimento, um nunca antecipando o outro. A questão está em saber a origem da concentração, ao nível lógico, que caracteriza, por exemplo, a representação de uma dívida – quer em quantidade como em qualidade – em pequenas figuras de barro.

Por mais distante que agora nos pareça, o princípio lógico que estrutura a estratégia da leitura moderna é o mesmo, em bases gerais, que aquele que caracterizou as primeiras escritas.

em permanente mutação. No antigo idioma grego, surgiu o *artigo* definindo o objeto em si e não a sua classe, como acontece com muitas outras línguas e até mesmo com o latim.

Quando dizemos o edifício, o artigo nos indica um objeto específico e não os edifícios em geral, como acontece no latim – há, então, uma clara concentração de atenção sobre um objeto específico.

O célebre historiador Bruno Snell, nos seus clássicos estudos sobre a emergência do pensamento científico entre os gregos, defendia que a língua grega é «a única que nos permite traçar a verdadeira relação entre fala e a emergência da ciência, pois em nenhuma outra língua os conceitos surgem diretamente do corpo da linguagem verbal».

A presença do *artigo* é o que nos permite distinguir um conceito abstrato de um adjetivo ou de um verbo. É o que nos permite formular

questões *universais* como *particulares*.

Normalmente não nos damos conta, mas nas periferias das megacidades, não raramente o artigo se torna gradualmente fora de uso, praticamente eliminado num contexto fortemente simplificado e numa ordem menos predicativa.

Quando, há cerca de dois mil anos, a língua grega perdeu importância face à emergência do latim, gradualmente também diminuíram as descobertas científicas – mas é importante ter em mente que esse momento também coincide com a perda de controle sobre a produção de papiro por parte do Império Romano.

É o *artigo* que providencia a prosa, desencadeando a literatura e a *tragédia*.

Todavia, essas mudanças não são obrigatoriamente *positivas*, como acreditavam os defensores da idéia de progresso. Estudos arqueológicos apontam, por vezes, que a vida

dos primeiros agricultores, com maiores e mais pesadas jornadas de trabalho, era mais difícil do que dos seus antepassados caçadores coletores.

Num primeiro momento da passagem do universo nômade para o da agricultura a estatura e até mesmo a expectativa de vida parece ter diminuído num primeiro momento com a passagem do universo nômade para o da agricultura – como mostram os estudos arqueológicos do antropólogo John Lawrence Angel, que viveu entre 1915 e 1986.

Pode-se argumentar que a emergência de grupos estáveis e sedentários terá significado um aumento do grau de defesa coletiva face a outros grupos – mas a mobilidade também é um importante elemento estratégico de defesa.

Por essa via, a natureza da *mudança* não acontece segundo os clássicos princípios *funcionalistas* teleológicos, mas sim de acordo com princípios *teleonômicos*, operando diferentes

princípios de ordem, diferentes princípios de diferenciação. Por essa via, a chave para a compreensão da origem da mutação humana é aquilo a que chamamos de *estética*: a organização da mente.

Gradualmente, nas mais diferentes culturas, no desdobramento da metamorfose da estrutura de pensamento e expansão planetária do consumo energético – que possivelmente nos conduzirá a uma condição de civilização energética do *Tipo I*, caso não mergulhemos num processo de autodestruição – emerge um novo fenômeno: a *sociedade low power*.

Não se trata de algo sobre o futuro ou sobre o passado – é agora: permanente presente.

Acostumamos, ao longo de milhares de anos, a lidar com a expressão *poder* enquanto *high power*: *alta* concentração de energia, *alta* concentração de domínio, *alta* concentração de memória e de conhecimento.

Francis Bacon defendia que o *conhecimento* é poder e John Archibald Wheeler, sempre genialmente, alertava para um fato fundamental: *it from bit*.

Tudo é informação, todo o tempo.

Quando lidamos com a compreensão da Natureza lidamos com informação, e a ordem da informação, dos elementos diferenciais, nada mais é que lógica e, em última instância, estética.

Assim, o *Milagre Grego* nada mais terá sido que uma revolução estética.

Curiosamente, os Estados Unidos tal como conhecemos, fundado na constituição adotada em dezessete de setembro de 1787, parece ter nascido como um deliberado processo de *design informacional*.

James Madison, Alexander Hamilton e

Esse foi o princípio adotado pelo espírito da *classe média*, cujos valores foram determinantes para o estabelecimento do domínio da chamada cultura ocidental ao longo de duzentos anos, pelo menos.

Enquanto que para os Federalistas a realidade deveria obedecer ao controle hierárquico e teleológico das forças de desagregação; para os Confederados, mais profundamente envolvidos com a agricultura, a realidade era de natureza mais fortemente acústica operando pela proximidade física.

De forma inversa, mas tal como no passado, quando o mundo da agricultura vencera o universo nômade, os Federalistas dominaram o cenário, o Estado se tornou burocrático e o conceito guerra se transformou em estatística.

O primeiro Gabinete de Estudos Estatísticos seria criado por Winston Churchill no âmbito da Segunda Guerra Mundial. Churchill percebeu que

o melhor instrumento, de natureza lógica visual, para controlar forças de desagregação era a estatística matemática.

Neste caso, o controle de forças de desagregação nada mais é que a imposição de um quadro de jogo de *soma não zero* num cenário complexo.

Apesar das históricas exceções – tal como aconteceu com Gengis Khan – se, para o mundo oriental a arte da dominação e da conquista estava, muitas vezes, imersa na sutileza de ágeis movimentos entre jogos de *soma zero* e de *soma não zero*, a idéia de poder que caracterizou o período moderno no ocidente, bastante evidente nos brilhantes textos de Adam Smith e de Charles Darwin, é a prevalência dos princípios de *soma zero*: um mundo feito de perdedores e vencedores.

Inspirado nos trabalhos do filósofo positivista inglês Herbert Spencer – responsável pela criação da expressão *sobrevivência do mais*

apto e considerado pai do chamado *darwinismo social* – o jornalista e divulgador de ciência americano Robert Wright defendia, nos primeiros anos 2000, que «A guerra, por tornar os destinos mais participados, por manufaturar jogos de *soma não zero*, acelera a evolução da cultura no sentido de uma profunda e vasta complexidade social».

Ainda que ao nível da organização militar, muitas vezes haja uma realidade de *soma não zero*, as mortes, a destruição e o domínio de uma sociedade sobre outra, evidenciam a terrível prevalência de uma realidade de *soma zero*.

Mas, estará a natureza do *poder* – em toda a sua amplitude e em todas as suas sutis variações – inevitavelmente associada à guerra e aos jogos de *soma zero*?

Em maio de 2007, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos anunciou que estava interditando o acesso ao *Youtube*, ao *MySpace* e a muitos outros *sites* semelhantes através das

linhas de Internet no Iraque e no Afeganistão, pois a comunicação em tempo real entre soldados, respectivas famílias e amigos, assim como a transmissão e distribuição de uma grande quantidade de informação, poderia alterar o conceito de guerra.

O jornal *Le Point*, de 22 de outubro de 2008, anunciava que o exército francês iria interditar os telefones celulares dos soldados em ação no Afeganistão, dada a grande quantidade de imagens e mensagens de texto enviadas.

Sem uma *história*, isto é, sem uma *imagem* especializada de um conjunto preciso de acontecimentos, sem uma estrutura teleológica, a única guerra possível é a de guerrilha.

Poder, amor, posse, Montaigne e Maquiavel

O poder não tem limites.

Tiberius Caesar

A palavra *poder* emerge do indo europeu **poti*, que indicava a figura do chefe tribal – aquele que submetia as outras pessoas. O seu poder face aos outros não era apenas uma questão de força, pois fisicamente uma pessoa não é capaz de submeter um grupo de outras.

A raiz indo europeia de **poti*, **p*, indicava a idéia de *purificação* – daí, ainda, as nossas palavras

que seja o poder, existirá sempre um elevado grau de *identidade*, quer seja por parte daqueles que o detém, quer seja por parte dos seus seguidores.

Quando o poder é estabelecido pelas vias do terror, a obediência traz em si uma estrutura de ameaças, veladas ou não, como uma estrutura de potenciais perigos que amortece a capacidade de reação. Sob o jugo de um tirano sanguinário a sociedade não é, geralmente, violenta. Quando o déspota se impõe, as pessoas perdem, muitas vezes, o ímpeto da reação.

Daí o velho ditado “carne macia na boca do lobo”, que funciona nas mais diversas escalas, desde a ordem tão vulgarmente imposta por criminosos dentro de prisões até a tirania imposta no seio de algumas famílias, muitas vezes sob o despótico comando de um pai ameaçador, revelando muito das suas origens biológicas.

Quando um predador arrebatava irreversivelmente a presa, muitas vezes esta

Não há poder sem identidade, sem diferença.

Quando o poder é estabelecido pelo repertório, pelo conhecimento – tal como defendia Francis Bacon – há um outro tipo de entorpecimento, mais instável, volátil e poderoso.

Aqui, o consentimento emana como espécie de livre vontade daquele que segue e, se não todos, muitos de nós já o experimentamos junto aos nossos mestres mais queridos – trata-se de um outro nível de *amor*.

Quando tal acontece, temos – também essencialmente – um jogo de *soma não zero*. Não há perdedores ou ganhadores no amor.

As remotas origens da palavra *amor* estarão no indo europeu **kam* – que indicava, na sua raiz, a idéia do *movimento cósmico*, do *envolvimento da vida* e, assim, também a *felicidade*. Dessa antiga raiz, emergiram as palavras *céu*, *cielo* em italiano,

Ela teria sido, segundo uma das tradições, filha de Urano, personificação do céu, das estrelas, do cosmos, do que se conhece na Natureza. Urano era o elemento fecundo, nascedouro por excelência. Pois teriam sido os seus órgãos sexuais, provedores da potência do nascimento, que – cortados por Cronos, o tempo – caíram nas mais profundas águas do mar e delas, nascida das imprevisíveis ondas, surgiu Afrodite.

A potência do nascimento das coisas que, mergulhada em águas profundas, faz surgir uma deusa, deusa do maravilhamento, do envolvimento total, da eliminação de fronteiras precisas. Nada disso seria possível sem o repertório, o conhecimento, que é fornecido pelo tempo, na figura de Cronos, que é elaboração, construção – pois sem a emergência de elementos diferenciais não há tempo, não há percepção.

O mesmo corte desferido por Cronos, elemento de interrupção, movimento descontínuo, possibilitou a potência do nascimento.

No amor, se entrelaçam as idéias de tempo, de maravilhamento, de descoberta, de cognição, de construção e de repertório.

O repertório manifesta, ainda, duas faces, uma positiva e outra negativa. O poder *positivo* por ele emanado indica a submissão voluntária face à admiração, ao amor. Acontece quando nos encantamos com o conhecimento do outro.

Já o poder *negativo* do repertório ocorre quando alguém se julga mais importante do que o outro, considerando-se mais conhecedor e, portanto, *superior*. A consciência de saber mais sobre algo não dá à pessoa a automática qualificação de ser superior. Muitas vezes essa situação não é aceita pelas outras partes e aquele que se julga detentor de um tal poder não raramente é simplesmente considerado arrogante. Pois em termos etimológicos a palavra *arrogante* significa exatamente aquele que *roga* ou *chama para si* valores que não lhe pertencem.

O fato do repertório possuir essas duas faces, uma positiva e outra negativa, acontece simplesmente porque tudo o que existe tem uma natureza dual.

Isso não significa dizer que o domínio de repertório implica automaticamente alto poder. Muitos sábios simplesmente desapareceram no esquecimento e nunca tiveram qualquer poder durante as suas vidas.

Tratando-se do poder *positivo* emanado do *repertório*, estarão as suas raízes em algo que poderá enriquecer uma comunidade, um amigo, um líder – um *conteúdo*, tal como evidenciou a literatura – ou será a *fama*, que é a *presença sem corpo*, superficial.

A expressão grega dórica *phama*, de onde surgiu a palavra *fama*, significava algo que é *revelado*, *divulgado*, e apenas mais tarde se tornaria mito, já em Roma, tão magnificamente

Face a essa enigmática, encantadora e etérea presença – como a voz – muitos fazem o que ela desejar, obedecendo sem necessidade de troca.

Ao contrário da superficialidade que caracteriza a fama, o repertório – enquanto domínio de idéias e estratégias – implica um contínuo exercício de descoberta, no desvendar das relações entre todas as coisas.

Maquiavel defendia que «um príncipe não deve temer a má fama de ser cruel, desde que por ela mantenha os seus súditos unidos e leais...» e colocava uma séria questão: «se é melhor ser temido que amado, ou o contrário? A resposta é de que seria necessário ser ambas as coisas; mas, como é difícil as reunir, é muito mais seguro ser temido do que amado».

Mas, há uma terceira categoria de poder que, num certo sentido, implica as outras duas: a *posse*.

Quando se possui bens materiais, também aparentemente se possui aquilo que eles *são* – e tudo é, em última instância, conhecimento.

Trata-se de uma ilusão pois, como ensinou Marcel Proust, aquilo que conhecemos não nos pertence. Assim, não se trata propriamente de repertório, mas da posse material de elementos de conhecimento, sem *conhecer* mas *sendo*. Portanto, tal como a fama, a posse também é, essencialmente, um processo de segunda instância, um fenômeno superficial.

Por isso, quando se dá um presente a alguém e, de alguma forma, este não ainda não retribuiu, torna-se em dívida para com aquele e, num certo sentido, submetido ao seu poder.

Mas, da mesma forma que acontece com a *fama*, a *posse* também implica uma espécie de omnipresença, na medida em que tudo o que se possui trás em si os laços de significação com outras coisas, traços de identidade.

Para além da violência, outra das soluções mais comuns para a busca de identidade é o consumo.

Por isso, sociedades com um baixo sentido de identidade entre os seus indivíduos, geralmente mais violentas, muitas vezes acabam por também se revelar fortemente consumistas.

Possuímos um automóvel da moda, por exemplo, e ele é um artefato conhecido das pessoas, faz parte do imaginário coletivo, da rede de inteligência. Uma pessoa que possui muitas coisas é um verdadeiro acumulador de referências. Quando identificadas, essas referências são tomadas como indicadores de conhecimento, não em termos pessoais – pois, em algum sentido, os objetos se tornam *conteúdo* das pessoas.

A identidade gerada pelo consumo é degenerada, fenómeno de segunda instância, tal como acontece com a metáfora e, portanto,

os privilégios do chefe. Um dos indígenas, ele próprio um chefe, respondeu orgulhosamente: ser o primeiro a caminhar para a guerra.

Em certas tribos indígenas brasileiras, o papel fundamental do chefe é nada possuir. Assim, ele se torna o receptor exclusivo de todas as oferendas destinadas à tribo e assume a função de *distribuidor* entre os membros da comunidade. Ele conhece bem cada pessoa e pode facilmente detectar as mais diferentes necessidades entre as mais diversas personalidades.

A acumulação de bens como manifestação de dominação acontece de forma mais evidente nas sociedades letradas, onde o conteúdo, a predicação, a ilusão da contiguidade se manifestam como traço cognitivo fundamental.

Por essa via, ao longo de milhares de anos, esse misterioso e complexo fenômeno conhecido como *poder* tem sofrido as mais ricas variações combinatórias de todos esses elementos.

O antropólogo Arjun Appadurai reforçaria a idéia de o consumo ser fundamentado no princípio da *repetição*, «porque o corpo é a arena íntima para as práticas de reprodução».

Todo o processo cognitivo é fortemente fundamentado na *repetição*, tal como já mostrara com clareza Freud. Num pequeno livro sobre a história do *design* do tempo, de 1983, eu fiz algumas reflexões sobre a *repetição* como elemento cognitivo básico.

O mais interessante, entretanto, é resgatar as idéias de Appadurai quanto a uma relação biológica, metabólica, entre o princípio de *reprodução* – mesmo a reprodução celular – e o consumo, tudo ligado à *repetição*.

Existindo, portanto, uma tal relação entre objeto e pessoa, quanto mais trocas de objetos, maior a sensação de rejuvenescimento. Por isso, Claude Lévi-Strauss dizia que os americanos

do poder e os seus possíveis enfeixamentos combinatórios.

Enquanto que para os índios brasileiros visitados por Montaigne era perfeitamente natural o papel do chefe ser o primeiro a se sacrificar – tal como acontecia com o Mahatma Gandhi quando defendia que «presidente significa servidor chefe» – Maquiavel defendia existirem duas formas básicas para um príncipe preservar a subserviência dos seus súditos: através das leis ou pela força.

Poder não é substantivo, mas relacional. Quando tratamos de poder, tratamos sempre de relações, tal como acontece quando lidamos com a linguagem, qualquer que seja a sua natureza.

Escrita, cidade e alto poder: carbono, gás e hidrogênio – guerra

O poder nunca dá um passo atrás – mas apenas face a um poder maior.

Malcolm X

É a emergência da escrita e o aparecimento da cidade que estabelecem os primeiros momentos de uma sociedade *high power*. Não há alta concentração de poder sem algum tipo de escrita.

A escrita nasce como uma projeção da *figuração*, da fixação da imagem e do som, como extensão dos nossos sistemas de memória

– «Transportei o pequeno bloco de pedra para a luz do sol. Tornou-se, então, evidente que na parte superior da face esquerda e inclinado acentuadamente para baixo, havia o contorno de um touro. Os seus quartos traseiros desapareciam na pedra, assim como as extremidades das suas patas posteriores. Mas, a linha do lombo estava firmemente gravada, com uma nítida protuberância junto às omoplatas. Como frequentemente ocorre nas obras de arte pré-históricas, a cabeça era vigorosamente modelada. À primeira vista, era como se o animal estivesse pastando num socalco de terreno levemente convexo, tendo as suas patas dianteiras, fortemente realçadas, assentadas num nível inferior. Quando ergui a pedra para a recolocar no seu lugar, por mero acaso a girei fazendo um ângulo de cento e oitenta graus. Isso me fez perceber que a curva do terreno compunha o pescoço e o peito de outro animal que, segundo a nossa maneira de olhar para uma pintura, seria descrito como estando de cabeça para baixo. (...) Aparentemente, o animal fora retratado em plena corrida. Uma pata dianteira esticada se situava

a par da cabeça do touro que, também devido à alteração de luz, desaparecera – pelo menos da nossa vista. Mas, os olhos do ser humano pré-histórico estavam livres. Ele não considerava necessário traduzir todas as composições em paralelas verticais».

Giedion faria, ainda, uma outra importante observação – «O ser humano pré-histórico podia apreender as coisas na sua totalidade, sem necessitar as organizar de acordo com um ponto de vista estático...».

Os olhos do ser humano pré-histórico eram *livres* das regras e normas que viriam a ser estabelecidos pelos exercícios especializados da visão, determinados pela escrita.

Os mundos sumério e acádico ainda respiravam algo desse sentido de liberdade. Na escrita cuneiforme – especialmente no período arcaico – o significado da mensagem dependia da disposição dos elementos em cada tabuinha,

sua intensificação, algum tipo de dispersão.

O alfabeto fonético sintetizou a representação de todos os sons básicos da fala em pouco mais de vinte símbolos, num processo de grande implicidade que possibilitou uma formidável concentração informacional, gerando uma verdadeira explosão de dispersão.

Tanto o papiro como o papel são meios leves, baratos e descartáveis. A velocidade de uso que eles permitiram fez com que se revelassem poderosos acumuladores informacionais. Com o uso do papiro – e ainda mais acentuadamente, mais tarde, com o papel – a escrita foi fortemente simplificada e aconteceu uma verdadeira onda planetária de dispersão.

Na sequência de um longo processo de alguns séculos, Johann Sebastian Bach e Jean-Philippe Rameau promoveram a síntese da escala musical através do *temperamento*, implicando uma espécie de concentração de recursos, sintetizando

o número de frequências usadas, o que levou a uma grande expansão da música tonal.

Até mesmo a invenção da bicicleta no século XIX, tornada possível pelo uso da borracha na fabricação de pneus para as rodas, significou um grande poder de síntese e uma impressionante dispersão – estima-se que pouco mais de cento e cinquenta anos após a sua invenção, o número de bicicletas no planeta tenha ultrapassado a marca de um bilhão de unidades em uso.

Quando acontece esse processo de síntese e concentração, mas sem dispersão, emerge aquilo a que chamamos de *aura*.

A *aura* também pode acontecer em termos negativos como acontece com o valor dado às antiguidades, por exemplo. O valor do objeto único, mas nunca de um objeto qualquer.

Essa *aura* – tão vivamente evidenciada por Walter Benjamin – indica-nos outro elemento

essencial pertencente a todo tipo antigo de escritura, pintura ou escultura: a *abstração*.

Quando admiramos as paredes de Lascaux, de Altamira ou de Foz Coa, encantamo-nos com esses dois elementos, vibrantes como num nascimento: a concentração e a abstração.

A informação é concentrada e todos os elementos explodem em referências múltiplas, *abstrações* – que se tornariam tão comuns para nós através dos mais diferentes tipos de linguagem não verbal que foram emergindo.

Assim, o significado de um signo é outro signo, de natureza diferente – fascinante fenômeno que pode ser claramente identificado nas pinturas rupestres.

Com a escrita, tem início a era da alta concentração de poder e, também, da alta concentração de energia. Mas, com a escrita se trata ainda do surgimento de um poder que está

para além do elemento físico, da coisa em si, tal como a madeira, o petróleo, a energia solar ou eólica.

Quando consideramos a passagem do universo pré-histórico para as primeiras sociedades agrárias, percebemos com clareza que dois elementos primeiros caracterizam todo o processo de metamorfose: a concentração – nas suas mais variadas vertentes – e a abstração.

Expressão soberana desse processo é o aparecimento da figura do rei, que é portador de uma divindade, abstraindo o que já era abstrato, e parecendo concentrar em si todo o poder.

Esse fenômeno, para o qual Sigfried Giedion nos alertava como sendo um complexo dinâmico e não linear, revela-nos algo sobre como aconteceu a passagem de um sistema de relativa baixa concentração e forte interação, como era o universo pictórico pré-histórico, para outro, de alta concentração e forte hierarquia, como passou

a acontecer especialmente com a emergência do mundo sumério.

Essa também é a chave presente na passagem da escrita cuneiforme, estabelecida sobre as tabuinhas de barro – e mais especificamente na forma do cuneiforme arcaico – para a revolução promovida pela escrita do alfabeto fonético.

No cuneiforme arcaico, a informação está presente *entre* signos dispersos, tudo acontecendo por *aproximação*. Assim, o significado dependia da posição e distribuição dos signos. A sua interpretação, mais que simples leitura linear, implicava um conhecimento espacial das coisas, providenciando associações múltiplas, num sistema instável e aberto.

Esse também é o elemento essencial das pinturas e gravuras rupestres.

Com o aparecimento da escrita fonética, cada som passou a ser representado por uma

Ao longo de séculos, os assentamentos tribais indígenas Bororo, no Brasil Central, foram sendo edificados sobre uma estrutura diagramática circular de palhoças que eram destruídas e reconstruídas em outro local, em ciclos de cerca de sete anos.

No desenho de cada aldeia ou sistema circular Bororo está presente a representação do cosmos, com a projeção do movimento do Sol e todo um refinado sistema de relações sociais.

As aldeias vão sendo desconstruídas e construídas em diferentes lugares, espalhando-se pela região.

Não há um processo de concentração e transformação – no seu desenho, as aldeias Bororo permaneceram praticamente imutáveis durante centenas de anos.

Quando passamos para o universo da

oxigênio, temos o dióxido de carbono, que é a fonte essencial para o crescimento das plantas. Quando está associado ao hidrogênio, forma diversos compostos inflamáveis conhecidos como hidrocarbonos, que é a base do que conhecemos como combustíveis fósseis. Quando combinado com hidrogênio e oxigênio, surgem, entre outros, os açúcares, as celulosas, os álcoois e as gorduras. Se estiver associado ao nitrogênio, formam-se os alcalóides, que associados ao enxofre formam, entre outros, as proteínas. Se estes elementos estiverem associados ao fósforo, teremos a emergência do DNA e do RNA – ácidos dióxido ribonucleicos e ácidos ribonucleicos – os códigos químicos da vida.

Tudo no carbono implica concentração. E a palavra *concentração* indica exatamente que tudo está atraído para um centro.

A cidade e a escrita parecem obedecer à lógica do carbono.

chamar civilização: colaboração.

Naturalmente, não se trata de pura simbiose, que implica uma realidade de troca contínua, pois passamos a ter todas as variantes do poder na gênese desse fenômeno.

Dois aparentes paradoxos: enquanto que nas florestas o jogo de *soma zero* prevalece como condição aparentemente privilegiada, o elemento lógico essencial em termos estatísticos é o da dispersão, da distribuição; mas, quando temos a emergência do princípio da colaboração articulada em termos de memória de longo termo, do jogo de *soma não zero* – o princípio da colaboração tem em si um caráter fortemente distributivo em termos lógicos – assistimos a um intenso processo de concentração em todas as suas vertentes, pois a Natureza opera por contrários.

Isto é, sendo que a característica central dos jogos de *soma zero* é da concentração, quando ele é o traço mais evidente, o efeito é dispersão. Por

outro lado, quando o jogo de *soma não zero* – cuja característica fundamental é a distribuição – torna-se o elemento principal, o efeito é concentração, como o surgimento da cidade.

O papel, a madeira, o carvão, os combustíveis fósseis, as proteínas, os açúcares e o álcool são poderosos acumuladores energéticos estruturados com o átomo de carbono – elementos que estiveram sempre presentes em grande escala em toda civilização da escrita.

Não houve o nascimento de qualquer civilização escrita sem um mais intenso consumo de carbono. A intensificação do consumo de carbono parece estar diretamente associada à emergência da escrita e de outros elementos civilizacionais de concentração. Essa é a história que vimos participando ao longo de vários milhares de anos.

Todo o ato humano de concentração aponta para a *sístase* – elemento lógico visual que nos faz abordar *tudo num único lance*. A audição tem uma

natureza sensorial totalmente diferente: sendo *uma coisa depois da outra*.

Com a visão, temos a concentração informacional e com ela a emergência de acumuladores de memória de longo termo. Com o seu domínio, a antiga aspiração ao conhecimento absoluto de tudo simplesmente desaparece. Com a visão no papel de principal faculdade sensorial – e, conseqüentemente, a *sístase* – tornou-se suficiente ter idéias chave para ter acesso a especializados conjuntos de informação e com eles desencadear sempre novas descobertas.

A antiga aspiração ao conhecimento universal – típico traço de sociedades acústicas – passou como *conteúdo* da religião em culturas literárias.

Assim, a natureza da audição é distributiva – pelo seu desenho lógico – gerando o processo da permanente mudança no tempo, do nomadismo e do universo gregário mas, paradoxalmente,

indica aquilo que Edward T. Hall, e depois dele Marshall McLuhan, chamou de *meio quente* – quando toda a informação está tão concentrada que a imaginação é relativamente pouco solicitada.

Os mosaicos *explodem* a informação, tornando tudo mais *frio*, em partículas que devem ser livremente associadas pela imaginação – *vazios* preenchidos pelo que já conhecemos. Assim, com os mosaicos, também o desenho se torna menos *aquecido*, como se as figuras estivessem estabelecidas num complexo informacional mais distributivo e menos concentrado.

Mais tarde, já na passagem para o renascimento a gradual emergência das tecnologias da *perspectiva plana* indicou uma nova onda de concentração – coincidente com uma formidável explosão na produção de livros enquanto verdadeiros acumuladores informacionais.

Essa formidável concentração, que inicialmente tomou a representação como

vingte mil pessoas. Em 430 a.C., a Babilônia possuía cerca de duzentas mil pessoas. Em 200 a.C., Alexandria tinha cerca de trezentas mil. No ano 100 d.C., Roma tinha quatrocentas e cinquenta mil pessoas.

Tal como aconteceu em outros domínios, a partir de então o mundo ocidental passou por um processo de reversão de concentração. As cidades passaram a ter menos pessoas, as populações ficaram mais dispersas.

Até que, no ano de 775, Bagdá – então centro mundial da literatura – alcançaria a marca de um milhão de habitantes.

Mas, o continente Europeu continuaria com baixa concentração urbana até ao final da Idade Média, e seria somente em 1700 que Paris atingiria os seiscentos mil habitantes.

Um século mais tarde, Londres ultrapassaria o número de um milhão de pessoas. Em 1900, a

grande tecido dissipativo de discontinuidades: a Terra como *hípercidade*.

Em 1800 somente cerca de 3% da população mundial vivia em cidades. Esse número passou para 14% em 1900. No final do século XX, cerca de 50% das pessoas em todo o mundo vivia em estruturas urbanas e calcula-se que nos primeiros vinte anos do século XXI esse número já alcance os 75% da população mundial.

As megacidades são centros urbanos com mais de dez milhões de habitantes. No final do século XX, haviam dezoito delas em todo o mundo – em 2015, pouco mais de quinze anos depois, haverão mais de sessenta.

Aquilo que era o *campo* se transformou e, em certo sentido, foi urbanizado – anulando até mesmo o clássico fenômeno da cidade como condição oposta à *urbis*, através das múltiplas conexões em *tempo real*, fazendo o planeta mergulhar na era do *híperurbano*.

Paradoxalmente, a *super concentração*, não apenas física mas também informacional, produz uma reversão, eliminando a própria condição de *concentração*.

A partir da expansão dos sistemas virtuais no final do século XX, gradual mas rapidamente, iniciamos uma metamorfose transformando a antiga onda de concentração e distribuição de *singularidades informacionais* numa onda da dispersão em densidade massiva.

As obras de arte antecipam esse fenômeno e, também gradualmente, deixaram de *representar* e passam a ser o seu próprio objeto, aproximando-se, de certa forma, ao que acontecia com o mundo pré-histórico.

Do neolítico ao mundo moderno as crescentes concentração e abstração foram o signo primeiro da chamada *civilização ocidental*. Durante todo esse período, a forma de guerra – sabiamente

compreendida por Napoleão Bonaparte como sendo a conjunção entre princípios de *estratégia* e de *tática* – foi uma excelente representação daquele signo.

O termo latino para *guerra* era *bellum* – de onde temos a nossa palavra *bélico* – e indicava a luta entre exércitos organizados, entre grupos de alta concentração. Com o final do Império Romano e as constantes investidas dos povos germânicos – que então obedeciam a outra lógica, muitas vezes estabelecida pela dispersão de pequenos grupos, ou grupos não homogêneos de guerreiros – a expressão *bellum* deixou de ser aplicável.

Assim, já no século XI, a palavra *guerra*, tal como *war*, terá surgido a partir do termo Franco **werre*, no norte da França, a partir de uma expressão germânica *werra*, cuja raiz etimológica Indo Européia era **wers*, indicando um estado de *confusão*, de *desdiferenciação* – uma curiosa referência à *entropia*.

O século XI conheceu o início da fabricação de papel na Europa, indiciando um maior uso da visão e a reversão do quadro de não concentração medieval. Aquilo que era a condição dos combates bélicos durante a Idade Média, desenhada pela dispersão e pela emboscada, tornou-se conteúdo da nova realidade, como símbolo, ilustrado pela nova palavra para designar *guerra*.

Quando temos um quadro de desdiferenciação, de desordem, provocado pela destruição, temos igualmente *confusão*. Assim, a palavra *war*, no seu sentido etimológico, parece indicar as consequências do desastre, ou o conteúdo da ação. Isso apenas poderia ter acontecido a partir daquela época, quando a Europa já produzia papel e já mergulhava numa estratégia direcional e hipotática de pensamento.

Mas, o que se passou a assistir no início do século XXI não mais foram propriamente *guerras* – trata-se de outra natureza de conflito, muitas vezes não mais estabelecido entre exércitos, mas

confundido com espécies de guerras civis, violência aparentemente desordenada, muitas vezes sem objetivos claros, massivos ataques brutais na defesa de interesses de pequenos grupos, principalmente na defesa de negócios comerciais específicos, tudo funcionando como um novo tipo de *processo*.

Vários pensadores nos primeiros anos do século XXI, como o escritor Amin Maalouf, sentiram o mundo contemporâneo imerso numa realidade similar, em algum sentido, a uma guerra civil planetária.

As chamadas guerras contemporâneas praticamente nada mais têm a ver com o conceito de concentração de forças entre homogêneos grupos distintos.

As guerras se expandiram para o universo virtual e com elas surgiram os conceitos de *ciberguerra* e *netguerra*. O conceito de *ciberguerra* se refere ao uso sistemas digitais e redes de informação gerando uma guerra no ciberespaço.

Segundo diversos autores, o planeta já entrou num cenário de *ciberguerra* contínua desde o final do século XX – o que é, sem dúvida, uma muito apropriada indicação para uma *terceira guerra mundial*.

A *ciberguerra* envolve todas as pessoas, militares ou não, todo o tempo. Ela é caracterizada, principalmente, por *hackers* a trabalho para governos que visam afetar países inimigos.

A *ciberguerra* pode ser constituída por espionagem, industrial, militar, política ou até mesmo pessoal; propaganda, no envio de mensagens não apenas através da Internet, mas também de telemóveis, PDAs e *smartphones* entre outros; ataques contra sistemas de redes; distribuição de vírus e *cavalos de tróia*; alteração ou destruição de páginas na Internet; ataques contra computadores militares responsáveis pela coordenação de satélites; ataques contra infra-estruturas tais como sistemas de transportes,

As desconfianças em relação à China continuaram com ataques realizados ao longo de anos – ao ponto desses contínuos e coordenados ciberataques terem sido denominados pelo governo americano pela expressão *Titan Rain*.

Os *hackers* do *Titan Rain* chegaram mesmo a ganhar acesso aos computadores da *NASA*!

O conceito de *netguerra* foi elaborado pelos especialistas em estratégias de guerra David Ronfeldt e John Arquilla.

Netguerra designa uma forma de conflito virtual contínuo de baixa intensidade, exatamente como acontece a sociedade *low power*. Um conflito generalizado, sem identificação, distribuído pelas redes de comunicação através de vírus, *cavalos de tróia*, informações falsas e roubos de identidade entre outros, por terroristas, organizações criminosas, grupos ativistas, movimentos sociais ou mesmo pessoas independentes, gerando

segundo a revista *Fortune*, tinham sido criadas na passagem do século XIX para o século XX.

Trezentas corporações multinacionais representavam, em 2003, mais de 25% da movimentação financeira mundial. Os valores de vendas anuais de cada uma das seis maiores corporações transnacionais eram então superadas apenas pelo PIB de vinte e um países. 40% do comércio mundial aconteciam entre corporações transnacionais – como mostra Noreena Hertz.

Os princípios econômicos clássicos ainda em uso no início do século XXI giravam em torno da realidade das pequenas empresas, que era o que mais existia no início do século XIX, quando as grandes teorias econômicas tomaram corpo, estabelecendo a supremacia do controle sobre a restrição do crédito e o rigor do déficit público. Mas, não funcionam para os grandes conglomerados transnacionais.

No final do século XX, mais da metade das

O outro tipo é caracterizado pela combinação de hidrogênio e oxigênio – que é o princípio básico das chamadas baterias ou pilhas de hidrogênio.

Na composição dos combustíveis fósseis, a madeira possui dez átomos de carbono para cada átomo de hidrogênio; o carvão possui um ou dois átomos de carbono para cada átomo de hidrogênio; o petróleo possui um átomo de carbono para cada átomo de hidrogênio e o gás natural apenas um átomo de carbono para cada quatro de hidrogênio.

Desde o Neolítico até ao século XX e início do século XXI, praticamente toda a energia acumulada esteve sempre diretamente relacionada ao carbono.

Nos primeiros anos do século XXI a produção de energia a partir do hidrogênio contrariaria aquela tendência, alcançando os quatrocentos bilhões de metros cúbicos, já equivalentes a cerca de 10% da produção de petróleo no ano de 1999

– num processo em franca evolução.

O hidrogênio representa três vezes mais energia por unidade de peso que a gasolina – fator que salta para quinze vezes se tivermos em conta que mais de 80% da energia produzida com a gasolina é perdida em calor.

É curioso imaginar como um processo civilizacional baseado no controle do fogo é substituído, num certo sentido, pela água – exatamente quando, ironicamente, ela se torna num bem cada vez mais raro para a Humanidade.

O processo de passagem de uma lógica de alta *concentração* – que caracterizou os últimos milhares de anos – para a da *distribuição* pode ser claramente observada em termos de consumo de energia. A madeira deu lugar ao carvão; este, ao petróleo que, por sua vez, passou a encontrar no gás natural um sério competidor, com consumo crescente.

que mais tarde se tornaria no célebre *Oráculo de Delfos*. Coincidentemente, na mesma época, cultos ao deus do fogo surgiram também na Índia e na Pérsia.

Seriam os chineses, quinhentos anos mais tarde, os primeiros a utilizar sistematicamente o gás natural – conduzido através de tubos de bambú – que era usado para aquecer a água retirada dos oceanos, num eficiente processo de dessalinização.

Em cerca de 1785, os ingleses seriam os primeiros a utilizar comercialmente o gás natural para a iluminação urbana e de moradias. Durante todo o século XIX, o gás natural foi utilizado praticamente apenas para iluminação.

O pico de produção de gás natural coincide com o do petróleo – ambos acontecendo nos primeiros anos do século XXI. E o mesmo se pode dizer da produção de energia atômica a partir do urânio.

Consumo, hiperurbano, lei e laser – padrão ouro e comunicação

*O consumo conspícuo de bens com valor é uma forma de
boa reputação do cavalheiro do laser.*

Thorstein Veblen

Entramos num supermercado e encontramos com facilidade, muitas vezes a preços extremamente baixos, clássicas obras cinematográficas, armazenadas num sistema de concentração informacional em alta definição conhecido como DVD – iniciais de *digital video disc* ou mesmo de *digital versatile disc*, neste caso especialmente quando o sistema não é utilizado

Para ele, a única saída para um universo do híper consumo seria a híper educação – curiosamente, em aparente contradição com o que caracterizaria a sociedade *low power*.

A passagem para o híper consumo encontra referência direta na híper produção. Enquanto que em 1910 a fabricação do *Ford T* saltou de um veículo a cada doze horas e vinte e oito minutos para um veículo a cada uma hora e trinta e três minutos apenas quatro anos mais tarde; somente uma das fábricas *Ford* produzia quase um carro por minuto em 2003.

A mudança de escala, em todos os sentidos, foi vertiginosa.

Num mundo da *afluência*, a própria cidade deixou de ser a representação da alta concentração de poder, revelando um tecido de descontinuidades surpreendentes, muitas vezes contrariando a clássica figura de centro e periferia.

Na Antiguidade, a cidade possuía um rei – que era a autoridade máxima local. Esse conceito navegou quase intato até ao século XX, quando em muitas cidades o seu líder político era incontestável.

Mas, nas grandes metrópoles dos últimos anos do século XX, muitas delas transformadas em megacidades, boa parte da população nem sabia quem era o líder político – que se transformou em mero burocrata de impostos e rico feitor de obras públicas.

Paralelamente ao antigo *alto poder* que se transformou numa imensa estrutura desencarnada, sem a figura humana do indivíduo – como acontece com gigantescas empresas espalhadas por diversos países, sem proprietários identificáveis, por exemplo – associou-se um *baixo poder* espalhado por milhões de vorazes consumidores.

Se antes as companhias eram a forma de

criar imensas fortunas pessoais e familiares para os seus proprietários, o objetivo delas passou a ser a geração de riqueza para milhões de acionistas a partir da década de 1980, num processo que foi revertido no final do século XX, transformando-se na criação de fortunas pessoais para os seus administradores.

Em 2006, o administrador de uma grande corporação recebia em média mais de oito vezes o que era pago vinte anos antes, nos anos 1980, em valores presentes, isto é, corrigidos. Nos anos 1980, os administradores das grandes companhias recebiam salários quarenta vezes mais altos que um trabalhador comum. Em 2001, a média dos pacotes salariais de administradores de topo era mais de trezentas e cinquenta vezes mais alto que aqueles pagos aos trabalhadores comuns.

Rapidamente, os objetivos dos administradores se tornaram, em muitos casos, totalmente divorciados dos interesses dos acionistas ou mesmo das próprias empresas.

Não uma pós-história política, como defendeu Francis Fukuyama a partir das idéias de Hegel, mas a desintegração da história enquanto tecnologia de pensamento, provocada pela criação de um cenário de múltiplas verdades, mais próxima da aspiração máxima e impossível da história: a sua significação total – como venho defendendo desde o início dos anos 1980.

O universo conceitual inaugurou essa via – e Marcel Duchamp foi a sua figura máxima na arte, numa onda que designa complexas galáxias de signos gerando a desmaterialização da obra de arte.

A alta concentração em pura abstração surge como último estágio na transição para uma lógica da dispersão – tomando, entretanto, a realidade anterior, de alta concentração, como seu conteúdo.

A aura da obra de arte – como elemento essencial da *peça única* – gradualmente deixa de

fazer sentido. Não mais se trata da reprodutibilidade técnica, como brilhantemente alertava Walter Benjamin, mas do surgimento de obras na rede de telecomunicação interativa em *tempo real*.

Não apenas, a obra de arte passou a se expandir livremente pelas artes gráficas, pelo cinema, televisão e pelo chamado desenho industrial – que também não mais é puramente industrial – entre outros.

O valor da obra de arte na era mecânica obedecia ao princípio da raridade – o objeto único, de difícil alcance. O valor da obra de arte na era da sociedade *low power*, obedece ao princípio da visibilidade – quanto mais visível, mais desejável.

Nos anos 1980, Alvin Toffler cunhou a expressão *prossumidor* – designando o produtor dos artefatos para o seu próprio consumo, fenômeno que tem gradualmente caracterizado boa parte das atividades humanas nos primeiros anos do século XXI.

Um fenômeno que reduz dramaticamente o sentido de identidade e promove, por outro lado, um aumento da violência. Violência nada mais é que a busca pela identidade.

Esquecemos, muitas vezes, de que aquilo a que chamamos de *corrupção* também é um ato de violência. Etimologicamente, a palavra *corrupção* significa *romper junto*, indicando uma *destruição*, o *rompimento* de uma condição.

Sociedades com menos identidade se tornam mais violentas e mais corruptas.

Com rápidas mudanças, o sentido de identidade se torna volátil, aumentando a violência e a corrupção. Foi o que aconteceu em torno do século XIII na Europa, quando a expansão da produção de papel gerou uma profunda metamorfose social.

Então, a temperatura dos fornos aumentou rapidamente, a produção de vidro conheceu uma

A rápida mudança da estratégia de pensamento no final da Idade Média implicou uma volatilização da identidade.

Quando uma pessoa tem uma profissão e a desempenha ao longo dos anos, constrói uma identidade. Mas, se estiver fluando entre empregos de naturezas diferentes – tal como acontece com a sociedade *low power* – o seu sentido de identidade tenderá a ser reduzido. Não é apenas a diminuição da identidade através do desemprego e da carência de meios de sobrevivência que produz violência, mas também a falta de *profissão*, de *identidade na ação*.

Gradualmente, a única preocupação social relevante passou a ser a sobrevivência, jogo de *soma zero*, como animais numa selva. Uma situação de tal forma instável que levou a muitos a preferir um ditador à liberdade, ou a considerar aceitáveis regimes ditatoriais como o chinês no início do terceiro milênio.

O mundo da desconcentração também projeta, paralelamente ao consumo, o entretenimento como elemento social básico. O entretenimento implica, pela sua própria natureza, um forte caráter dispersivo – buscando uma grande média e um grande público.

Em última análise, o consumo e o entretenimento pertencem ao mesmo fenômeno lógico da dispersão.

Lugares de compras – tal como supermercados, hipermercados, centros comerciais ou grandes superfícies especializadas como a *FNAC*, o *Décathlon* ou a *Ikea* entre outras – tornaram-se verdadeiros centros de lazer, onde o *consumo contínuo* é explorado em todas as suas formas, com espetáculos de música popular, cafés, projeção de filmes, entrevistas com personalidades famosas e distribuição gratuita dos mais variados tipos de brindes e *gadgets*.

Apenas na França, as grandes superfícies especializadas, verdadeiros parques de diversão movimentados pelas compras, representavam, no ano de 2004, mais de 40% do mercado de jardinagem, cerca de 65% do mercado de eletrodomésticos e de telefones.

Aeroportos e estações ferroviárias acabaram por ser transformados em grandes centros comerciais, à vezes incluindo piscinas, restaurantes, saunas, hotéis, livrarias ou centros de saúde e beleza.

Mesmo os hospitais foram gradualmente se metamorfoseando em centros de consumo e lazer - alterando substancialmente aquilo que Michel Foucault tão brilhantemente chamou a atenção como sendo a emergência dos conceitos modernos de hospital e de prisão em finais do século XVIII estabelecendo, então, um claro padrão de poder.

Para o universo que emergiu no século XVIII, os cuidados com a saúde estavam relacionados ao

à instabilidade do consumo contínuo, ainda que, por vezes, à sua margem assim como à margem da Lei.

Aqueles que antes eram os excluídos de uma sociedade focalizada numa elite são transformados nos heróis – especialmente para as novas gerações – na música popular e nos filmes de cinema entre outros meios. Curiosamente, há uma inversão claramente visível no cinema, onde a antiga elite social é transformada em marginal como signo do *politicamente correto*. A irreverência e o inconformismo passaram a estar, muitas vezes, na abordagem positiva da antiga elite, como acontece com as obras de Woody Allen – que passou a ser tomado como o *politicamente incorreto*.

Assim, as antigas elites, elementos de concentração, parecem se tornar marginais – muitas vezes até mesmo face à Lei. Todo o imaginário parece passar a classificar ricos e nobres como vilões – quando a origem da palavra *vilão* era exatamente a indicação daquele que era

Assim, em diversos países foi emergindo um novo comportamento social. Empresários que fazem tudo ilegal, intencionalmente, pois a complicação resultante das frequentes mudanças reduz em muito a eficiência dos tribunais. Pessoas que agem desonestamente nos negócios, para evitar as armadilhas da burocracia que condenariam o seu esforço. Empresas, de qualquer dimensão, que sistematicamente não cumprem com os seus compromissos porque poucos clientes se darão ao trabalho de reclamar, também devido à flagrante ineficiência dos tribunais. Uma situação que fez surgir uma questão, comum às mais diferentes sociedades: haveria ainda um lugar para as pessoas honestas?

A palavra *honestidade* surge do Latim *honor*, que gerou a expressão *honra* – e honra é algo diretamente dependente do indivíduo!

Por outro lado, a burocracia elimina a necessidade de credibilidade. Com ela não há mais a importância de se crer, fiar, acreditar nas

peças. A burocracia elimina o antigo valor dado à honra. Tudo passa a ser estabelecido através de formais compromissos impessoais, de números e fichas.

Nesse ambiente fortemente burocrático, para muitas pessoas, a solução de sobrevivência passou a ser simplesmente a imobilidade – porque quando alguém nada faz há menos razões para ser criticado e, de alguma forma, prejudicado.

Como essa realidade também *desenhava* o comportamento dos chamados serviços públicos, uma nova componente policial emergiu: fazer cumprir pela força, o que era estabelecido pela burocracia.

Em diversos países foi criado um princípio que poucos anos antes teria feito com que as pessoas tremessem de horror: quando surge uma cobrança do Estado contra o cidadão considerada errada ou abusiva, este terá de pagar antecipadamente para ter o direito de defesa! Tal como acontecia em

A resposta a essa situação foi reduzir dramaticamente a taxa de juros, intervir ilegalmente nos mercados e expandir a base monetária – mecanismos que pareciam fazer o mundo mergulhar ainda mais profundamente no universo *low power*.

Curiosamente, trata-se de um universo onde funciona uma grande média de baixo poder, evidenciando o fenômeno identificado por Kuznets décadas antes: em sociedades pobres o crescimento econômico faz aumentar a disparidade entre ricos e pobres. Agora, imagine-se esse fenômeno num cenário de pobreza relativa média generalizada, onde passou a existir uma super concentração de riqueza tornando as pessoas muito ricas praticamente inexistentes em termos estatísticos. A maior parte da população passou a ser relativamente rica e relativamente pobre, com exceções de gigantescas concentrações de riqueza.

os símbolos para a imagem do mundo que construía à sua frente: tudo mais subjetivo, sem responsabilidade individual e fortemente relativo – dados essenciais para a compreensão da sociedade *low power* e de uma cultura *low cost*.

Schumacher foi um grande filósofo, economista, que amava a jardinagem. Morreu no dia quatro de setembro de 1977, aos sessenta e seis anos de idade, durante uma série de conferências na Suíça.

Vigilância, controle, crime, terrorismo, fraude: paradigma e sintagma

...céticos, liberais, indivíduos com gosto para a vida privada e para os seus próprios padrões interiores de comportamento, são objeto de medo e zombaria e alvos de perseguição de qualquer dos lados... nas grandes guerras ideológicas do nosso tempo.

Isaiah Berlin

No ambiente do híper comércio do consumo contínuo e do dinheiro eletrônico surgem equipamentos, programas e comportamentos que evidenciam uma transformação substancial daquilo a que as pessoas até então chamavam de *direito à privacidade*.

No inverno de 1992, o filósofo francês Gilles Deleuze publicou, no MIT, um pequeno ensaio que chamou de *Postscript on the Societies of Control*. Nele, Deleuze descrevia a emergência de um novo tipo de sociedade, que ele chamou de “sociedades do controle”. Revelando o fenômeno gerado com um uso intensivo e especializado da visão e a sua gradual desarticulação com os novos meios virtuais, o seu texto significou um grande impacto entre intelectuais de todo o mundo: «Foucault localizou as sociedades disciplinadas nos séculos dezoito e dezenove; elas alcançaram o seu ponto alto no fim do século vinte. Elas deram início à organização de vastos espaços de fechamento. O indivíduo nunca cessa de passar de um ambiente fechado a outro, cada um com as suas próprias leis; primeiro a família; então a escola (“você não está mais na sua família”); então os quartéis (“você não está mais na escola”); então, a fábrica; de tempos em tempos o hospital; possivelmente a prisão... (...) Foucault analisou de forma brilhante o ideal desses ambientes de fechamento, particularmente

precisamente a interpretação da transição de uma sociedade da visão para algo que existia antes, para um mundo de culturas acústicas.

Por um lado, se nos socorremos do passado para explicar o futuro que ainda não compreendemos, por outro, o universo das culturas virtuais guardam alguns curiosos traços de semelhança com as antigas culturas orais – até mesmo por serem, como aquelas, sistemas de comunicação de *mão dupla*.

Toda sociedade acústica é uma sociedade do controle. Mas, agora, a escala planetária e a diversidade da *paleta sensorial* produzidas pelos sistemas virtuais alteraram toda a realidade, gerando algo diferente do universo oral.

Na década de 1950, o genial antropólogo americano Edward T. Hall chamava de *ambiente* aquilo que posteriormente viria a ser denominado como *enclosure* por Deleuze.

Enclosure não parece ser apropriado quer para sociedades acústicas, quer para as virtuais – pois, em ambos os casos, o que temos é um *contínuum*. *Enclosures* são estabelecidos por *departamentos*, típicos nas culturas mecânicas e literárias.

O conceito de *enclosure* é tipicamente produto de um pensamento literário.

Em maio de 2002, Brandon Mercer – jornalista para o programa de televisão *TechLive*, no Estados Unidos, que esteve no ar entre 1998 e 2004, lançava o artigo *Can Computers Read your Mind?* onde apresentava uma entrevista com o engenheiro Dave Schraer que desenvolvia para a *NCR* um novo tipo de caixa eletrônico capaz de detetar o humor das pessoas. Assim, a máquina poderia alterar o seu próprio visual e oferecer produtos de diferentes naturezas dependendo do humor do utilizador naquele momento. Por outro lado, a flutuação de humor poderia ficar registrada no sistema, de forma a elaborar um perfil daquele

software sobre o qual trabalhou, se você esteve naquele lugar». De fato, o ambiente *conhece* tudo sobre a pessoa.

No Brasil, ilegalmente, desde o início dos anos 2000, sistemas de segurança de diversos edifícios apenas permitem a entrada de pessoas após deixarem uma fotografia, cópia de um documento de identificação, assinatura e impressões digitais nas suas bases de dados.

Cada vez que um *site* de vendas, como a *Amazon*, é acessado, um *cookie* é automaticamente instalado no computador do usuário, rastreando todos os seus movimentos automaticamente, mas sem a sua autorização ou conhecimento.

Programas de vigilância digital, como o *Spector*, são comercializados em grandes quantidades pela Internet. No *site* da *Spector*, por exemplo, há uma descrição dos seus inúmeros benefícios: «Imagine uma câmera de vigilância apontada diretamente para a tela do

seu computador, filmando tudo o que é feito no seu Macintosh (ou PC). Essa é a idéia por trás do programa de Monitoração de Internet e Vigilância número um em vendas, Spector. Spector funciona captando uma imagem do que quer que seja na tela do computador e salvando num lugar escondido no seu disco rígido. Poucos segundos depois, Spector tira outra fotografia. Na verdade, Spector pode tirar fotografias da tela do seu computador numa frequência de uma por segundo. Você pega gravações de todas as conversas em *chat*, mensagens instantâneas, emails escritos e lidos, todos os *web sites* visitados, todos os programas e aplicações funcionando, todas as teclas tocadas – TUDO o que eles fazem no seu computador e na Internet. Você pode voltar ao seu computador poucos minutos, poucas horas, poucos dias ou semanas mais tarde e VER EXATAMENTE o que eles estiveram fazendo, porque Spector gravou tudo. Spector é apropriado para pais preocupados sobre o que os seus filhos estão fazendo online, ou preocupados com a proteção dos seus filhos em relação aos perigos da Internet. Spector também é

de gravação; aparelhos de escuta, gravadores de telefone digitais, microfones sem fios, gravadores escondidos de voz analógicos e digitais, ouvidos biônicos e bloqueadores áudio; equipamento GPS passivo e em tempo real para seguir o seu carro e / ou seus bens; aparelhos de detecção, testes caseiros para detecção de consumo de droga, de álcool ou de comportamentos de infidelidade, detectores de frequências de rádio, detectores de câmeras escondidas, detectores de câmeras sem fios, monitores de contra vigilância; equipamentos para mudança de voz; equipamentos para mudança de voz em telefones celulares; equipamentos profissionais para mudança de voz e transformação de voz; segurança telefônica; detecção de grampo; equipamentos de espionagem; detectores de metal...», entre outros.

Em Janeiro de 2009, a *Spy Tools Directory* lançava um comunicado de imprensa onde relatava as qualidades de um novo produto: «Você está procurando um programa de espionagem para um *smartphone* de forma a poder secretamente obter

cópias de mensagens de texto de um adolescente rebelde, de uma esposa infiel, ou de telefones celulares de empregados suspeitos na empresa? Os recursos tecnológicos de espionagem *online* da *Spy Tools Directory* lança agora o *Mobile Spy*, um programa que captura secretamente toda a atividade do telefone celular de um *smartphone* e a salva para que você a possa ver à distância através da Internet vinte e quatro horas por dia».

Em abril de 2008, a empresa *Record Cell Phones* anunciava um programa de espionagem, em formato popular, que «permite qualquer utilizador de telefone celular gravar conversas feitas em telefones celulares para serem ouvidas através de secretárias eletrônicas ou serem salvas e guardadas em formato MP3. O serviço, conhecido como *Call Record Cards*, permite aos utilizadores reencaminhar todas as chamadas de telefones celulares através de um canal de telecomunicações onde as conversas são gravadas digitalmente. As chamadas gravadas podem ser operadas online através de uma interface num site de Internet, ou

tróia, que se acredita terem sido escritos por duas pessoas que vivem no Reino Unido, para espionar os seus mais próximos rivais nos negócios com um elevado grau de sucesso».

Em abril de 2009 o site com o sugestivo título de *Go Hacking* ensinava todos os passos para se fazer um *Trojan Horse* utilizando linguagem C para computadores. O autor explicava que «este cavalo de tróia funciona bem rápido e é capaz de devorar aproximadamente 1 GB de disco rígido a cada minuto de funcionamento. Assim, eu o chamo *Space Eater Trojan*. E devido ao fato de ter sido escrito utilizando um alto nível de linguagem de programação, ele normalmente não é detectado por anti-vírus».

Entre seis de abril a seis de Agosto de 2009, especificamente em relação às instruções sobre como construir um *Trojan Horse*, o site *Go Hacking* recebeu dezenas de mensagens de mais de sessenta pessoas de diversos países, todos manifestamente adolescentes, um dos quais assumia o *nickname*

de *Hitler*. O autor do *site*, que se dizia chamar Srikanth, aparentemente era um jovem e brilhante estudante de engenharia na Índia.

O mesmo *site* ainda oferecia: um programa de vírus para inutilizar portas USB, um programa de vírus para bloquear *sites* na Internet, um programa de vírus para reiniciar o computador todas as vezes que for iniciado, outros cavalos de tróia e *backdoors*.

Nessa mesma época havia, ainda, o *Sniffer* – para além de inúmeras outras ferramentas de espionagem na rede. O *Sniffer* registra o tráfego de dados, captura partes e decodifica o seu conteúdo. É um instrumento que tem sido frequentemente utilizado por *hackers* para obter cópias de arquivos durante a sua transmissão, obter *senhas* e até mesmo capturar conversações em tempo real.

Se por um lado a espionagem ativa, como o uso de câmeras ou de programas de computador, alcançou uma formidável expansão no início do

nomes falsos – conheceram um grande sucesso editorial, principalmente nos Estados Unidos, com a publicação do livro *Identity Theft Inc.* O livro conta a história, presumivelmente verdadeira, de como os autores se tornaram milionários através da descoberta e uso criminoso de identidades. Ao longo das suas mais de trezentas páginas, todo o processo de roubo de identidade é cuidadosamente descrito, passo a passo.

«Mesmo no início dos anos 1990, os bancos estaduais e federais já operavam com uma rede de computadores altamente eficiente que armazenava oceanos de dados bancários detalhados sobre virtualmente todas as pessoas que tivessem tido alguma vez uma conta bancária nos Estados Unidos. O sistema funcionava de forma muito parecida com o Centro Nacional de Informação Criminal do FBI. Introduzindo o seu nome, banqueiros tinham acesso instantâneo a todos os detalhes de informação relativos à sua história bancária, para além de detalhes pessoais como o seu número de INSS, data e lugar de nascimento, e últimos

sonho super-bisbilhoteiro: uma “Total Information Awareness” sobre todos os cidadãos americanos. Isto não é algum distante cenário orweliano. Isto é o que vai acontecer com a sua liberdade pessoal nas próximas semanas se John Poindexter alcançar o poder sem precedentes que pretende».

TIA, ou *Total Information Awareness*, foi elaborado para ser um sistema controlado por computadores, condição operacional que passaria a ser conhecida como *COMPUTINT*; e não comandada por seres humanos, ou *HUMINT*. Assim, tal como acontece com as câmeras e sistemas de detecção de excesso de velocidade nas estradas, toda a informação recolhida sobre todas as pessoas seria superficial e não-subjetiva, pretendendo respeitar os direitos de privacidade. Mas, ainda assim, os dados finais seriam, em última instância, operados por seres humanos, após vários níveis de análise digital que – tal como os programas de tradução automática de línguas em uso na Internet – eram extremamente falíveis. Isto é, a análise digital poderia produzir grandes

Outro programa, quase que totalmente desconhecido, suportado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos, utilizando os mesmos princípios do *TIA*, chamava-se *MATRIX Multistate Anti-Terrorism Information eXchange* – tal como o famoso filme de cinema que mostrava uma sociedade submetida a um governo totalitário controlado por computadores. *MATRIX* seria operado por entidades privadas, centralizada na empresa *Seisint Inc.* – fundada por Hank Asher que, segundo a *Associated Press*, estava associado ao tráfico de cocaína nos anos 1980. O *MATRIX* foi oficialmente terminado em 2005, mas os seus princípios, que eram os mesmos do *TIA*, continuaram a proliferar em muitos outros projetos em todo o mundo.

Passou a ser comum a existência de programas de vigilância e controle que iniciam e terminam subitamente, provocando confusão e abrindo portas para que procedimentos de captura de dados pessoais pareçam algo comum

tenham tido problemas como alcoolismo, maus tratos ou perturbações mentais, permitindo uma permanente monitorização e intervenções relâmpago, mesmo contra a vontade pessoal – tudo em nome do bem estar social.

Um dos meus mais queridos mestres de arquitetura, para além de ter sido um inesquecível amigo, Eduardo Kneese de Mello, que viveu entre 1906 e 1995, para além de ter sido responsável por um grande número de excelentes projetos, foi ainda arquiteto chefe na construção de Brasília, ao lado de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Burle Marx e de Juscelino Kubitschek; primeiro presidente do *Instituto dos Arquitetos do Brasil*; e foi grande amigo de Alvar Aalto, Kenzo Tange, Marcel Breuer e Walter Gropius, para além de ter estado próximo de Frank Lloyd Wright e Le Corbusier entre outros.

Eduardo Kneese de Mello me contou da estranheza que sentiu quando foi aos Estados Unidos em 1965. Depois de ter ficado alguns anos

sem viajar para outros países, ele foi convidado para receber a medalha de sócio honorário do *American Institute of Architects*, em Washington DC. «Antes, praticamente não existiam linhas comerciais de aviões. As rotas eram relativamente poucas. Viajávamos sempre de navio. Quando íamos para a Europa, partindo do Brasil, levávamos semanas para cruzar o Oceano Atlântico. Quando entrávamos no navio, as pessoas já sabiam quem era quem. Quando saíamos, todos se conheciam muito bem. À saída dos navios nunca era necessária a apresentação do passaporte. O documento viajava conosco para o caso de um acidente, de uma emergência, apenas isso. Quando o navio atracava, as autoridades locais conheciam o comandante e tinham confiança nele. Por outro lado, ele nos conhecia. Assim, nunca houve qualquer incômodo. Mas, quando cheguei aos Estados Unidos, a primeira coisa que me pediram no aeroporto foi o passaporte! Eu me senti como se fosse um criminoso. Para quê eu deveria me identificar? Eu não tinha cometido qualquer crime!».

qualquer pessoa podia imigrar com relativa facilidade. Quando, já no final do século XX, as ondas de imigração se tornaram avassaladoras, surgiram imensas barreiras burocráticas tornando boa parte do fluxo migratório ilegal! Algo que seria inimaginável poucas décadas antes: a proibição do direito de ir e vir!

De fato, já existia algum controle de movimento durante a primeira metade do século XX – o que levou à morte de milhares de pessoas nos períodos de guerra.

Mas, ao longo de poucas dezenas de anos, os mecanismos de controle eletrônico se tornaram tão intensos que um caso como o do célebre diplomata português Aristides de Sousa Mendes – que, através da emissão de passaportes, salvou milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, ainda que tal ato heróico condenasse o seu futuro e o da sua família – praticamente não mais seria possível.

fosse a sua natureza, pudesse existir. A informação era registrada e automaticamente enviada para as autoridades, estabelecendo um controle total.

Em setembro de 2008, alguns críticos consideraram a avassaladora crise financeira mundial, anunciada como o início de uma nova e devastadora depressão internacional, como sendo uma violenta manipulação de massa numa escala planetária com o objetivo de criar um melhor ambiente para um dos candidatos na luta pela presidência americana. Com o caos espalhado por todo o mundo, uma figura mais conservadora e mais velha teria mais chances de vencer. A tremenda crise mundial aconteceu exatamente sete anos depois dos terríveis ataques de 11 de setembro.

Mas, Barack Obama – o candidato mais novo e menos conservador – ganhou as eleições, fazendo uso intensivo dos efeitos da crise na sua campanha.

Assim, a crise financeira mundial de 2008 teria servido, de fato, para reforçar e tornar definitivos aqueles instrumentos, eliminando antigos procedimentos democráticos, apagando direitos dos cidadãos e estabelecendo uma realidade próxima dos mercados pesadamente controlados, como o que acontece em ditaduras – mas orientada para um crédito intenso e um consumo contínuo.

Em vinte e seis de setembro de 2009, os jornais de todo o mundo anunciavam que os países do chamado G-20 tinham decidido por implantar ainda mais rígidos mecanismos de controle, intervindo até mesmo em empresas privadas, nos salários de executivos, lembrando os antigos ideais marxistas de intervenção social nos meios de produção. A Alemanha e a França chegaram a pedir o estabelecimento de limites para salários de administradores de grandes grupos. O primeiro ministro britânico, Gordon Brown, chegou a afirmar que aquelas medidas de controle iriam salvar

“milhões de empregos” – mesmo que poucos meses mais tarde, no início de 2010, a Europa e os Estados Unidos atingissem níveis recorde de desemprego.

No meio do furacão financeiro de 2008, Durval de Noronha Goyos, reconhecido advogado brasileiro, árbitro da *Organização Mundial do Comércio*, manifestava a sua profunda indignação: «A injeção massiva de capital em empresas privadas, empréstimos a juros simbólicos, a expansão da base monetária, tudo isto feito sem a aprovação dos parlamentos, sem consulta popular, sem aprovação ou mesmo conhecimento prévio de instituições multilaterais como a *Organização Mundial do Comércio*, o *Banco Mundial* ou o *Fundo Monetário Internacional* são não apenas ilegais mas acontecem em total desrespeito para com aquelas entidades multilaterais, afetando pesadamente a sua credibilidade».

Um possível resultado daqueles atos seria o gradual desaparecimento de tais instituições,

privada dos cidadãos.

Entretanto, forças de controle e vigilância divorciadas do interesse público não são novas. Em 1913, Charles Lindbergh – congressista Republicano – foi um firme opositor ao estabelecimento do *Federal Reserve Act*: «Este Ato estabelece o mais gigantesco consórcio do planeta... Quando o Presidente assinar este Ato, o governo invisível do poder do dinheiro, provado existir pelo *Money Trust Investigation*, será legalizado... A nova lei criará inflação quando o consórcio quizer inflação... A partir de agora, a depressão será cientificamente criada».

Mesmo com a clara e frontal oposição de Charles Lindbergh – pai do famoso aviador – o Presidente Woodrow Wilson aprovou o *Federal Reserve Act* naquele ano de 1913. Alguns anos mais tarde, Woodrow Wilson lamentaria: «Sou o mais infeliz dos homens. Involuntariamente, arruinei o meu país. Uma grande nação industrial é agora controlada pelo seu sistema de crédito.

controladas localmente».

Em dezessete de junho de 2009, o presidente Barack Obama anunciava o lançamento de «um novo sistema de regulamentação financeira que aumenta os poderes do Federal Reserve e cria uma agência de defesa do consumidor de produtos financeiros».

Mas, a vigilância e o controle total não são uma prerrogativa exclusiva do Estado e das empresas. Um dos problemas com o qual o direito, em diversos países, tem lidado com dificuldades devidas à sua larga e crescente escala é a fotografia indesejada, muitas vezes feita com o uso de telefones celulares em vestiários e a seguir vendida no mercado negro do mundo virtual.

Outras vezes, *hackers* roubam imagens de comunicações pessoais, que a seguir são transferidas de pessoa a pessoa na rede – muitas vezes imagens pornográficas ou eróticas – e iniciam um processo de chantagem.

Mesmo a imagem pessoal, que durante séculos contou com o rigor do pudor e da honra, passou valer praticamente nada quando inserida no contexto do universo *low cost*, ainda quando são imagens íntimas de relações sexuais.

Segundo uma reportagem realizada pela em 2008, a Televisão *Suisse Romande* mostrava que imagens pornográficas e eróticas guardadas na memória dos telefones celulares de adolescentes, por vezes imagens de outros adolescentes seus colegas, eram por eles considerados verdadeiros troféus, fortes sinais de poder. E existiam em grande quantidade, contando não raras vezes com a concordância da outra parte.

Esse quadro de uma sociedade de *baixo poder*, ou de generalizado poder em baixa concentração, indica uma população voltada para o entretenimento e para o consumo.

A formação de grupos de criminosos e

terroristas passou a não mais ocorrer de forma concentrada, tal como era comum até ao século XIX e boa parte do século XX, mas passaram a participar dinamicamente em todas as esferas sociais – até mesmo em governos e instituições policiais.

Os filmes de *Hollywood* nos dão um claro exemplo de como tal acontece.

Da mesma forma, pessoas pertencentes a esse novo domínio social, favelas, cortiços, onde reina uma grande pobreza, não raramente fazem uso das mais avançadas tecnologias – e têm acesso ao que de mais avançado daquilo que antes era chamado de *cultura erudita*.

Esse complexo fenômeno caracteriza, ainda, muito das redes de criminosos em todo o mundo.

No ano de 2006, o cineasta e escritor brasileiro Arnaldo Jabor lançou, como verdadeira, uma entrevista fictícia com Marcola, um perigoso

procurado criminoso Americano nos anos 1990, terrorista contra a tecnologia e contra os centros de pesquisa nas universidades, lançou um manifesto, através de cartas enviadas a partir de 1995 ao *New York Times* e logo também publicadas pelo *Washington Post* com o título *The Future of the Industrial Society*. Contra a esquerda e contra as novas tecnologias, o terrorista revelava um surpreendente refinamento intelectual.

Tal como na entrevista fictícia criada por Arnaldo Jabor, no *Unabomber* outro clássico da literatura parece estar em evidência: *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* de George Orwell.

Em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, o personagem Emmanuel Goldstein lançava um enigmático manifesto onde afirmava que «ninguém jamais viu o Grande Irmão. A sua função é a de agir tal um ponto de focalização para o amor, o medo e a reverência; emoções que são mais facilmente sentidas num indivíduo que numa organização».

Por outro lado, o manifesto do *Unabomber*, depois de defender que existiriam três tipos de instintos – um primeiro, que exige um esforço mínimo da pessoa; um segundo, que exige um grande esforço; e um terceiro, que é inalcançável – tratava de defender que «na sociedade moderna, as necessidades tais como a sexualidade, o amor ou o estatuto social permanecem amiúde como instintos do segundo gênero, em função da situação individual. Mas, excetuando-se as pessoas com um apego particularmente forte ao estatuto social, o esforço requerido para satisfazer esses instintos sociais é insuficiente para corresponder adequadamente ao processo de aquisição de poder. Criaram-se por isso necessidades artificiais que se integram nos instintos do segundo gênero, com vista a satisfazerem o processo aquisitivo de poder».

A literatura tornada *conteúdo* de um novo meio.

A antiga condição de alta concentração e

alto poder, que conduziu ao ideal do *welfare* na defesa de uma relativa estabilidade social, e que caracterizou uma nítida separação entre pessoas honestas e criminosos, tende simplesmente a desaparecer com a sociedade *low power*. Deixaram de existir as antigas barreiras de classes, de educação ou de desenvolvimentos tecnológicos.

Em vários países, não raramente, a polícia passou a ter armamento menos sofisticado que o utilizado por grupos de bandidos e, em certos casos, até mesmo menos potentes que as armas utilizadas ou escondidas pela população em geral. Era estimado existir cerca de uma arma por pessoa nos Estados Unidos, no início do século XXI!

Mesmo nos países mais desenvolvidos, redes de tráfico de drogas e de assassinos são muitas vezes organizadas a partir das próprias prisões onde estão encarcerados. Em alguns países, como o Brasil, por exemplo, bandos de criminosos chegam mesmo a fazer vídeo conferências ilegais em *tempo real* entre diversos estabelecimentos

identidade teria ultrapassado o tráfico de drogas como principal problema criminal nos Estados Unidos.

Entre abril de 1998 e abril de 2003, segundo relato da *Federal Trade Commission* dos Estados Unidos, aconteceram mais de vinte e sete milhões de casos de roubo de identidade em solo americano, sendo que cerca de dez milhões tinham acontecido apenas nos doze meses entre 2002 e 2003. As estimativas apontavam para que esse número superasse os setenta e cinco milhões num futuro próximo. O mesmo relatório mostrava que metade das pessoas simplesmente nem chegou a perceber que tinha sido roubada.

Henry N. Pontell e Simon A. Cole – professores de criminologia na Universidade da Califórnia – explicavam, em 2005, a facilidade com que se realizava um roubo de identidade nos Estados Unidos, num processo muito semelhante senão idêntico a outros países: «Apenas com um nome e o número do INSS, um “especialista”

em caso de fraude fiscal. Uma vez estabelecida a evidência de fraude fiscal, as informações seriam fornecidas pelo governo, como exige a constituição suíça. Mas, a convenção deixou de fazer sentido num contexto de roubo por parte de outro Estado.

Para Nicolas Arpagian, trata-se da eclosão de uma terceira Guerra Mundial, desta vez virtual, espalhada por todos os setores da sociedade: a *ciberguerra*.

No dia dezesseis de maio de 2008, o *Financial Times* anunciava que cerca de setecentos e cinquenta mil computadores pertencentes a empresas alemãs estavam contaminados por programas espíões.

No dia três de setembro de 2007, o Pentágono reconheceu oficialmente que parte da sua rede informática tinha sido desligada durante alguns dias, pois tinha sido vítima de um ciberataque.

Em outubro de 2008 Kelly Humphries, porta-voz da NASA, anunciava que a Estação Espacial Internacional tinha sido atacada por um vírus informático chamado *W32.Gammima.AG*, alojado nos computadores portáteis dos astronautas. O objetivo desse vírus, segundo anunciado, seria apenas o de coligir informações sobre jogos de vídeo!

Ainda que fosse verdade, não tinha sido aquela a primeira vez que um vírus informático tinha entrado na estação orbital.

Três meses antes do anúncio feito por Humphries, a *OSCE Organização para a Segurança e Cooperação na Europa* lançaria a Declaração de Astana: «A Assembleia Parlamentar da OSCE exorta aos governos a condenar os ciberataques sobre um plano moral, ao mesmo título que trata os seres humanos ou a pirataria visando a propriedade intelectual, e a estabelecer normas de conduta universal no ciberespaço».

muitas vezes considerados absolutamente normais e perfeitamente aceitáveis por grande parte das pessoas.

Assim, em 2009 o governo australiano anunciava a definitiva implantação do sistema *Smartgate* nos seus aeroportos e outras estações de transporte. Trata-se de um sistema que identifica automaticamente o viajante, através de sofisticados processos de reconhecimento facial, entre outros processos de identificação.

No aeroporto de Schiphol, em Amsterdam, Holanda, estava sendo estabelecido o sistema de reconhecimento de identidade conhecido como *Privium*. Através dele, os dados capturados são automaticamente partilhados com o governo americano, numa extensão que é mantida distante do conhecimento público pelo habitual secretismo Estatal.

Na sua página de “política de privacidade”, o aeroporto de Schiphol promete que não usará

Em 2006, David Stork, cientista que trabalha para a *Ricoh* na Califórnia, dizia: «Brevemente, quando fizermos uma fotografia com o nosso telefone celular, ele será capaz de descobrir quem é a pessoa, baseado na sua localização e lista de contatos».

Isto é, o reconhecimento facial há muito deixou de ser uma questão essencialmente humana.

Essa competência de reconhecimento humano, incluindo a detecção de preferências de todo o tipo, cruzando informações como saldos em contas bancárias, hábitos de consumo, livros preferidos, restaurantes e pratos preferidos, perfumes, hábitos de comportamento como saídas à noite e horas médias de sono, deslocamentos territoriais, preferências musicais, hábitos de conversação, se a pessoa é mais tímida ou não dependendo da diversidade dos contatos telefônicos e de *social networks*, tendências políticas, evidências de níveis de consumo e muito

século XIX, ou se a mente pode estar em diversos lugares e se aquilo que identificamos como consciência individual nada mais será que um momento, tal como uma espécie de macro sinapse num complexo quadro de relações.

As antigas noções de vida pessoal, de profissão e até mesmo de desígnio histórico, dependem do princípio de concentração. Mas, os novos tipos de organizações – e, entre elas, as criminosas – expandem-se através de nano associações, grupos voláteis, estratégias colaborativas não intencionais, ligações feitas ao acaso, imprevisíveis e instáveis.

Da mesma forma, entre os grupos econômicos, grandes empresas subcontratam fornecedores de toda a natureza, formando uma cadeia fortemente distributiva.

O surgimento do apelo ao *downsizing* nos anos 1990 transformou a estrutura de milhares de empresas em todo o mundo, distribuindo funções

sociedade literária.

Não por acaso, Thomas Kuhn resgatou da linguística a expressão que usou para designar os saltos revolucionários de transformação do conhecimento. Ferdinand de Saussure já utilizava a palavra *paradigma* para indicar um conjunto homogêneo de significado.

A palavra *paradigma* surgiu da contração de duas palavras gregas, *para* e *deiknynai*, que significam, respectivamente, *lado a lado* e *mostrar*, indicando a idéia de *modelo*, de *exemplo*.

Um copo, por exemplo, é um *paradigma*. Um automóvel é um *sintagma* – pois é formado por diversos *paradigmas*, como os pneus, o motor, portas, assentos e assim por diante.

O mundo industrial, *paradigmático*, visual e literário, fortemente designado pela emergência da classe média, transformou-se no mundo dos serviços, trans-sensorial, transdisciplinar e

sintagmático, onde as metamorfoses acontecem nos mais variados níveis, de forma turbulenta e instável.

Um universo onde a própria imagem se tornou efêmera e volátil. No início do século XXI, pela primeira vez, se tornou impossível identificar uma falsificação fotográfica. David Brin, em *The Transparent Society*, dizia que «uma das nossas previsões mais assustadoras que agora circulam é que nós estamos para abolir a era da prova fotográfica».

Como um elegante paradoxo, o planeta é tomado por sistemas de memória sem precedentes, com um incalculável número de imagens – mas, nunca se poderá saber quais são verdadeiras, porque aquilo a que chamamos de *verdade* é uma questão essencialmente literária.

Muitas vezes, as pessoas parecem ter dificuldade em compreender a extensão das graves implicações geradas pela falta de privacidade,

acreditando ingenuamente num aumento da segurança. Basta, entretanto, imaginar o que teria sido um regime como o nazista, se tivesse o controle da informação geral, para tremer diante de um cenário devastador.

A Cidade do Sol: Panopticon, Synopticon e Omnipticon – Big Brother e o Gigante com Mil Olhos

A perda de liberdade é inimiga de todas as formas de literatura... O fato é que certos temas não podem ser celebrados com palavras, e a tirania é um deles. Ninguém jamais escreveu um bom livro de elogio à Inquisição.

George Orwell

Aquilo que se convencionou como *visão paradigmática* do mundo e do poder emergiu com uma estrutura lógica que terá conhecido o seu momento de maior esplendor entre os séculos XV e XX – quando aconteceu o gradual domínio de uma lógica verbal, brilhantemente captada pela física como *mecânica*.

É quando o Universo *livro*, defendido por Bacon, passa a ser descrito como um perfeito mecanismo de relojoaria.

Seguramente, uma das mais curiosas e fascinantes obras que ilustram esse fenômeno – especialmente em relação à vigilância – é o livro *Civitas Solis*, ou *A Cidade do Sol*, de Tomaso Campanella, originalmente escrito em 1602.

Nele, Campanella mostra a cidade ideal, onde reina a paz e o amor, feita de *múltiplas circunferências*, dirigida por três chefes. O primeiro, o *Poder*, cuida da vigilância. O segundo, o *Saber*, que é a informação, obriga todas as artes, ciências e escolas. O terceiro, o *Amor*, dirige a reprodução humana, estabelecendo critérios de seleção, tais como a cor dos olhos, a estatura ou a cor dos cabelos, por exemplo.

Na imaginária Cidade do Sol, ninguém pode ser proprietário de coisa alguma porque,

explica Campanella, «o amor à coisa pública aumenta segundo o grau de renúncia ao interesse particular». Assim, ninguém pode receber favores particulares.

A música é permitida apenas às mulheres e, às vezes, também às crianças. As oficinas são dirigidas por velhos, homens e mulheres, que castigam ou fazem castigar aqueles que não os obedecem. Os jovens são obrigados a servir os que têm mais de quarenta anos de idade. É proibido fazer qualquer ruído durante as refeições.

Os médicos comandam os cozinheiros sobre o que podem ou não fazer. O sexo apenas é permitido às mulheres com mais de dezenove anos e aos homens com mais de vinte e um. As relações para aqueles que tivessem ultrapassado as idades limite eram reguladas pelo médico chefe.

Até mesmo os nomes daqueles que nasciam eram determinados pelo diretor geral. Todas as pessoas, nessa cidade imaginária, eram obrigadas a

controlado pela luz:

«O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Pode-se chama-los, se preferir, de *celas*. Essas celas são isoladas uma da outra e os prisioneiros são assim excluídos de toda a comunicação entre eles por *divisórias* na forma de raios indo da circunferência ao centro, e estendendo tantos metros quantos necessários para formar a maior dimensão da cela. O apartamento do inspetor ocupa o centro; pode-se chama-lo, se preferir, a *casa do inspetor*. Será bastante conveniente, senão em todos os casos, ter um espaço ou área vazia em todo o círculo, entre tal centro e tal circunferência. Pode-se chama-lo, se preferir, a área *intermediária* ou *anular*. (...) Cada cela tem na sua parte externa da circunferência uma janela grande o suficiente não apenas para iluminar a cela mas para, através da cela, fornecer luz suficiente para a arte correspondente da casa do inspetor. A circunferência interna da cela é formada por uma grade de ferro, de forma que a luz não esconderá qualquer parte da cela da visão

Toth foi o deus da escrita, da literatura, aquele que tornou possível a existência de todos os outros deuses, pois é ele quem permite a emergência da *história*.

É a história – que no Hermes grego significa a função de guia do pensamento, da psique – o que elimina o monstro que vê tudo, sem ser visto, manifestação avassaladora do poder, do controle.

A palavra *Argo* significa, etimologicamente, “brilhante” e “rápido”. Quando nos questionamos sobre qual seria, em termos lógicos, os universos sensoriais que implicam como sua natureza primeira o controle absoluto, sem defesa possível, a passagem de informação sem barreiras, eles são a audição e o olfato.

Podemos fechar os olhos, não tocar e não comer. Mas, com o olfato e a audição, não há barreiras. Entramos num ambiente e sentimos, inevitavelmente, as suas fragrâncias e o seu som.

Cada espaço possui um som.

Por isso, a audição e o olfato são referências primeiras de todo o poder, de todo o controle.

Assim, nas culturas não-visuais, fortemente acústicas, tudo deve ser controlado, a todo o tempo. Aquilo que emerge como o conceito de liberdade na independência de decisões, livres de controle, surge com o estabelecimento de uma cultura mais fortemente literária e histórica.

É ela que *mata* o gigante Argo Panoptes, mas é também ela que sucumbe ao mesmo monstro que tudo controla quando a paleta sensorial é alterada no final do século XX e início do XXI através dos meios virtuais.

Se Campanella retrata a *Cidade do Sol* como sendo a cidade perfeita na forma de uma prisão; é a prisão de Bentham que aspira ser tudo, condicionar e forjar uma sociedade perfeita.

como “crime”.

Conheci um caso, por exemplo, de uma pessoa que recebeu uma pesada multa por excesso de velocidade na Suíça. A pessoa não vivia no país, mas conhecia bem o trajeto e soube que havia uma falha na sinalização – como muitas vezes acontece, embora raramente na Suíça. Soube que para fazer frente à multa, seria obrigada a contratar um advogado e entrar num processo judicial, que custaria bem mais caro que a multa.

O excesso de velocidade foi detectado por um sensor automático. Não houve qualquer consideração em relação à pessoa, sobre eventuais condicionantes da sua ação. O resultado foi comunicado automaticamente e, na realidade, não havia defesa possível – até pelo fato da pessoa morar em outro país.

Reclamações sobre sensores que registram velocidades erradas não são incomuns, mas não é possível provar. A única evidência que

as autoridades apresentam é uma fotografia mostrando que o veículo estava lá, mas não há como provar que houve realmente infração.

Um *low power* aplicado cegamente, operando em baixa intensidade e largo espectro.

Em maio de 2009, a *BBC* anunciava que «milhares de câmeras de Reconhecimento Automático de Número de Matrículas já estão em operação nas estradas britânicas. Uma rede nacional de câmeras e computadores de registro automático de números de matrículas estará ativa em meses. As forças policiais na Inglaterra, País de Gales e Escócia em pouco tempo estarão aptos a trocar informação num único computador central. Oficiais dizem que se trata de um instrumento útil no combate ao crime, mas críticos dizem que a rede é secreta e sem regulação».

Aquela mesma reportagem contava uma terrível história vivida por um habitante de Brighton: «John Catt estava no lado errado do

sistema de Reconhecimento Automático de Número de Matrículas. Ele participa regularmente em demonstrações anti-guerra no lado de fora de uma fábrica em Brighton, sua cidade natal. Num desses protestos a polícia de Sussex colocou um “marcador” no seu automóvel. Isso significa que ele foi colocado numa “lista negra”. Trata-se de uma sistema destinado a criminosos mas John Catt jamais foi condenado por qualquer coisa e numa viagem a Londres o pensionista se encontrou detido por uma unidade anti-terrorismo. “Fui ameaçado sob o *Terrorist Act*. Tive de responder a todas as questões que eles me colocavam, e se houvesse qualquer questão que eu me recusasse a responder, eu seria encarcerado. Pensei comigo mesmo, em que tipo de mundo estamos a viver?”. A polícia de Sussex não fala sobre o caso».

Na Sociedade *Low Power* não se conhece a pessoa, mas apenas o dado estatístico. Assim, na quase generalidade dos casos, a polícia de trânsito abandonou o seu antigo papel educativo e passou a trabalhar praticamente para o faturamento com

objetivo de aumento das receitas do Estado. Em muitos casos, os policiais passaram a receber uma comissão sobre os valores arrecadados – como também passou a acontecer com boa parte dos funcionários públicos.

Uma notícia de junho de 2009 ilustra com clareza o fenômeno: um automóvel utilitário estava mal estacionado sob um viaduto na cidade de Nova York. Repetidamente, durante várias semanas, os agentes da polícia de trânsito multaram o infrator. Mas, ele estava morto! Durante semanas, nenhum policial sequer reparou que havia uma pessoa morta dentro do veículo. Era George Morales, que faleceu vítima de um ataque cardíaco. Mesmo com um forte odor do corpo em putrefação, ele apenas foi descoberto quando o automóvel foi rebocado. Durante semanas, os vários policiais que lá passaram tinham uma única função: arrecadar dinheiro através de multas. Para eles, o cidadão, o ser humano, não era o objetivo principal.

Apenas um mês antes, em maio de 2009,

a *BBC* denunciava a existência de um sistema de vigilância e de uma base de dados de ADN – então com informação genética de quase cinco milhões de pessoas – controlados pelas autoridades britânicas.

Os sistemas de vigilância na Grã Bretanha já eram tão desenvolvidos e refinados que possuíam até mesmo pequenos objetos voadores de captação de imagem e de som, conhecidos como *robots* aéreos, remotamente comandados por computadores: «Aviões de controle remoto para vigilância foram usados pela primeira vez pela polícia em 2008. Esses pequenos aviões são muito leves, pesando cerca de um quilo e meio, relativamente silenciosos, alimentados por bateria, podem levar diferentes câmeras e são controlados à distância. Eles podem voar ou flutuar no ar enquanto transmitem imagens ao vivo para um operador no chão, e podem operar durante o dia ou à noite. Veículos aéreos não tripulados, *UAVs* na sigla inglesa, podem ser utilizados para muitas e diferentes atividades tais como a procura de

sistema onde a polícia tem um trabalho muito facilitado haverá um limite onde se ele se torna demasiadamente fácil poderá cair para um Estado policial».

Mas, não se trata apenas da polícia. No verão de 2009, um amigo que vive em Nova York precisou enviar uma pequena quantia de dinheiro para o filho, que estava no Chile. Telefonou para o banco e solicitou a transferência. O funcionário da entidade bancária deu início, então, ao interrogatório convencional, solicitando o seu nome completo, número de identificação fiscal, número do cartão de crédito, endereço, data de nascimento, local de nascimento, número de telefone, nome da mãe, assim como a resposta a uma pergunta de segurança previamente criada para a verificação de identidade. Todos esses dados se encontravam arquivados no banco. Quando as perguntas foram respondidas satisfatoriamente, ele foi transferido para outra pessoa, que deu início a um novo interrogatório com o objetivo de validar a identificação anterior. Então, a pessoa lhe

em diversos casos, acabam por se transformar em estrelas – mas, sem qualquer função, sem qualquer percurso ou história para além de terem sido vistos indiscretamente por milhões de outras pessoas.

O que ocorre com o surgimento de um *omnipticon* é não apenas a incorporação de um processo de *panopticon* – através dos múltiplos sistemas de espionagem sobre pessoas em geral – e de um fenómeno de *synopticon*, com um *voyerismo* generalizado responsável, por exemplo, por boa parte do *design* dos programas de televisão, do jornalismo em geral e do mundo político, mas o cruzamento intensivo de *voyerismo*, controle e narcisismo entre massas de pessoas auto proclamadas *comuns*.

Milhões de *web-cams* foram sendo instaladas nos mais diversos países, transmitindo em tempo real as mais íntimas imagens do mais variado tipo de pessoas.

Subitamente, muito do que antes poderia ser alvo de espionagem passou repentinamente a ser oferecido generosamente por milhões de pessoas para quem o sigilo e a intimidade são elementos irrelevantes.

Por outro lado, a comercialização de pequenas câmeras de vídeo e fotografia digital em alta definição a preços baixos, muitas vezes instaladas em telefones celulares, possibilitou a expansão de imagens de pessoas por todo o mundo, sem o seu consentimento e, em grande parte das vezes, sem o seu conhecimento prévio.

Graças a isso, surgiu um incontável, por vezes contraditório, elenco burocrático de leis auto proclamadas defensoras dos direitos de imagem.

Tudo passou da esfera do observador e da arte, para a das leis e da repressão. Muitas das fotografias do genial Henri Cartier-Bresson não teriam sido possíveis num contexto de tão intenso rigor burocrático de normas e proibições.

câmeras acopladas aos seus telefones celulares e que tiravam uma fotografia por dia, em média – o que significa mais de um bilhão e quinhentos milhões de fotografias a cada mês.

Em 2007, Daniel J. Solove, professor de direito na George Washington University Law School, lançava o livro *The Future of Reputation*. O livro começa com o relato de um mundialmente famoso caso que aconteceu no metropolitano em Seul, na Coréia do Sul, em 2005. Nele, uma jovem mulher trazia um cachorro, que defecou no vagão. Os passageiros mais próximos pediram para que ela limpasse. Ela se recusou dizendo, simplesmente, que não era assunto deles. Alguém fotografou a cena, utilizando um telefone celular. A imagem foi rapidamente colocada num popular blog.

Don Park contava o resultado daquele incidente: «Em poucas horas, ela passou a ser conhecida como *gae-ttong-nyue* – garota da merda do cachorro – e as fotografias dela e brincadeiras estavam em todo o lado. Em poucos

dias, a sua identidade e o seu passado foram revelados. Pedidos por informação sobre os seus pais e parentes começaram a surgir de todo o lado e as pessoas passaram a reconhecê-la através do cachorro e da bolsa que ela carregava, assim como através do seu relógio de pulso, claramente visível na fotografia original. Todas as referências sobre invasão de privacidade foram deixadas de lado... A desculpa comum para o comportamento das pessoas foi a de que a garota não merecia privacidade».

Aqui, o direito é imediatamente transportado para o julgamento público – e, é importante nunca esquecer, que as grandes tragédias da humanidade foram sempre feitas em nome de grandes maiorias.

Howard Reingold afirmaria que «o lado sombrio do poder que emerge com um bilhão e quinhentas mil pessoas *online* é o aspecto da vigilância... Estamos acostumados a nos preocupar sobre o *big brother* – o Estado – mas,

agora, naturalmente são os nossos vizinhos, ou as pessoas no metrô».

Um dos possíveis cenários como resultado da expansão das imagens captadas por milhares de milhões de pessoas em todo o mundo será a radical transformação do direito Napoleônico, que designava os princípios jurídicos em diversos países, principalmente de natureza latina, estabelecendo um ambiente de instável e volátil jurisprudência.

Quando o julgamento é público, a jurisprudência se torna volátil. Paradoxalmente, quando isso acontece, a reação à mudança é crescente. Os julgamentos em praça pública, em toda a história, sempre foram os mais reacionários – Sócrates é um bom exemplo.

O nosso conceito de privacidade, assim como os relativos aos direitos de autor, suportam-se na lógica do *terceiro excluído*, que é um princípio fundamentalmente Aristotélico. Ainda assim, são departamentos relativos a ambientes precisos. Eu

posso fazer coisas num restaurante que não faria em casa de um amigo, por exemplo. Como posso autorizar a publicação de um texto em certas condições e não em outras. Essa relatividade implica uma espécie de diagramação territorial, que é algo caracteristicamente visual.

Mas, os sistemas virtuais estabelecem um novo universo lógico, uma nova estética, onde a inclusão e a convergência substituem a exclusão e a departamentalização.

Uma questão essencial apresentada por Solove está ligada à questão da memória: toda a estrutura do direito, seja ele de que natureza for, está baseada na duração da memória, numa condição biológica. O estabelecimento de sentenças, a reintegração social, os critérios de prescrição – tudo está diretamente associado ao tempo em que nos lembramos dos fatos.

Mas, num universo onde tudo fica registrado para sempre e lembrado a cada momento,

Em junho de 2009, a *Photobucket*, considerado o mais importante *site* dedicado exclusivamente ao gratuito armazenamento e distribuição de imagens digitais, com grande impacto especialmente junto a utilizadores de câmeras em telefones celulares, fundado em 2003 por Alex Welch e Darren Crystal da *Fox Interactive Media*, anunciava ter cerca de cinquenta milhões de visitantes por mês em todo o mundo, tendo cerca de oito bilhões de imagens em arquivo com um crescimento de cerca de mil novas imagens a cada quinze segundos.

Na estrutura principal desse fenômeno estão as chamadas *social networks*.

Em 2009, o *Facebook* – criado cinco anos antes por Mark Zuckerberg, então um estudante na Harvard – anunciava na sua primeira página aquilo que era o seu objetivo central: «Dar às pessoas o poder de partilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado». Através do *Facebook*, informação

rapidamente atualizada sobre uma pessoa poderia ser vista por milhões de outras que conheceriam os seus hábitos e preferências de todos os tipos, sempre descritas pela pessoa.

Tal como o *Facebook*, o *MySpace* é um banco de dados sobre informações, muitas vezes confidenciais e íntimas, de um grande número de pessoas que proclamam alegremente o fim da privacidade.

Privacidade e avatar – a projeção de um ego ideal, uma máscara....

Facebook e *MySpace* eram, em maio de 2009, consideradas as *social networks* mais usadas para distribuição de fotografias digitais.

Em 2006, o *MySpace* já contava com mais de cem milhões de membros. Naquela época, o seu crescimento era de quase duzentos e cinquenta mil novos membros por dia.

numa conferência que durou um dia inteiro, em Manhattan, e que foi dedicada à educação... sobre o futuro das escolas. Vinte anos atrás, as idéias trocadas naquela conversa estariam confinadas às mentes dos participantes. Dez anos atrás, uma transcrição poderia ser publicada na web, semanas ou meses mais tarde. Cinco anos atrás, um punhado de participantes teria feito um blog sobre as suas experiências em relação ao fato. Mas, este evento estava acontecendo em 2009, assim tudo acontecendo em tempo real, a conversação do mundo real foi igualmente uma conversação no *Twitter*. No início da conferência, os nossos anfitriões anunciaram que qualquer um que desejasse colocar um comentário ao vivo sobre o evento via Twitter deveria incluir a palavra *#hackedu* nos seus cento e quarenta caracteres. Na sala, uma grande tela mostrava as mensagens. (...) No início, todas essas mensagens vinham de dentro da sala e eram exclusivamente criadas pelos participantes da conferência através dos seus *lap tops* ou dos seus *BlackBerrys*. Mas, em cerca de meia hora, as palavras começaram a

telefonema saber qual é o número que o está chamando – provocou uma grande reação negativa por parte das populações. As pessoas consideravam uma intrusão no seu universo de privacidade.

Gradualmente, e principalmente após a massificação do uso de telefones portáteis, aqueles identificadores se tornaram lugar comum e os protestos simplesmente desapareceram.

Com o conhecimento daquele simples número, uma gigantesca quantidade de informação passou a ser rapidamente acessível. Como explicava Marc Rotenberg, professor de direito e diretor executivo do *Electronic Privacy Information Center*, os identificadores de chamadas são um meio de obter informação pessoal sem prévio consentimento ou conhecimento.

Numerosas empresas de *marketing*, dedicadas à venda dos mais variados produtos, passaram a utilizar informações a partir das chamadas telefônicas para identificar novos nichos

de mercado.

Não somente as chamadas telefônicas, mas também os *cookies* instalados sem o consentimento da pessoa a ser espionada, informações através do uso de cartões de crédito, cartões de clientes preferenciais, inscrições em clubes de ginástica, adesões a programas de descontos comerciais, assinaturas de revistas e praticamente tudo o que caracteriza o dia a dia de uma pessoa, tornou-se numa coleção de verdadeiros interrogatórios policiais, onde grandes quantidades de informação pessoal, poucos anos antes consideradas confidenciais, passaram a circular livremente, sendo analisadas não apenas por agentes da polícia fiscal, mas também por vendedores de todo o tipo de produto.

Tudo passou a ser controlado, um pouco por toda a parte, sem conhecimento da história pessoal, através de uma realidade fortemente *omnióptica*.

Assim, todo o discurso político no estabelecimento de novos instrumentos de vigilância é fundado nas idéias de que eles servirão para assegurar a democracia e os direitos individuais.

Instabilidade, hipercomunicação, pobreza, medo: ciclo de vida, reclamações, indenização e protesto

Não há outra causa que entre todas seja mais antiga que aquela que, de fato, desde o início da nossa história tem determinado a verdadeira existência da política, a causa da liberdade versus a tirania.

Hannah Arendt

Na introdução do relatório *Un Monde de Ressources Rares*, realizado pelo *Cercle des Economistes* da França e publicado em 2007,

Eric Orsenna dizia: «O mundo de hoje é feito de desequilíbrios potenciais, tensões insuportáveis para os mercados demasiadamente globalizados, polarização sem equivalente de riquezas, perturbações nos modos de vida, de produção e de consumo que quebram uniformemente fracos e fortes».

A instabilidade e volatilidade da nova sociedade é claramente revelada pela produção e consumo de novos produtos. A cada ano, segundo dados de 2006, surgiam anualmente cerca de dezesseis mil novos produtos nos supermercados americanos, e a taxa de insucesso era de cerca de 90%. Na Europa, a cada ano, mais de vinte mil novos produtos eram colocados nos supermercados, com uma taxa de insucesso de 95%!

Calcula-se que, no início do século XXI, cerca de 70% dos produtos vendidos em grandes superfícies não permaneciam no mercado por mais do que dois a três anos.

Essa transformação lógica se fundamenta na mudança de escala, através da hiper conectividade humana.

Ainda nos anos 1960, calculava-se que uma pessoa nos Estados Unidos estaria submetida a um bombardeamento de cerca de mil e quinhentas mensagens publicitárias por dia! Os investimentos em publicidade, não apenas nos Estados Unidos, foram multiplicados várias vezes na última metade do século XX e aquele número, estima-se, terá saltado para mais de dois mil e quinhentos anúncios de produtos e serviços todos os dias!

Nos anos 1950, nos Estados Unidos, os célebres programas de televisão de Milton Berle, todas as quintas-feiras à noite, alcançavam 80% de *share* de audiência. Já haviam anúncios publicitários nos intervalos do programa e as autoridades notaram que a pressão do sistema de abastecimento de água em várias cidades era notavelmente reduzido naqueles momentos – as pessoas aproveitavam os intervalos para ir ao banheiro, evitando a publicidade.

Então, as mensagens comerciais eram diretas, bem definidas e departamentalizadas – o contrário do que aconteceria cinquenta anos mais tarde, quando o universo publicitário se tornaria efêmero, volátil, de baixa precisão, largo espectro e essencialmente subliminar.

Uma pessoa que é bombardeada por cerca de dois mil e quinhentos anúncios de produtos e serviços diariamente, como passou a acontecer em boa parte das grandes cidades a partir do início do século XXI, não vê um anúncio mas acaba por ter constituído um imaginário de nuvens de informação.

Surgiram os *pop-ups* e uma imensa invasão de *spams*. Segundo a *TV Ratings* da empresa *Nielsen*, os *pop-ups* cresceram, apenas do primeiro ao segundo trimestre de 2002, de 3,9 bilhões a 5 bilhões de inserções.

Em 2003, diversas pesquisas indicavam que

mais de 40% das mensagens de correio electrónico eram *spam*.

Em 2004, cerca de 75% da população nos Estados Unidos estava conectada à Internet, utilizando a rede durante cerca de três horas por dia em média. Desde então, esse número não parou de subir. Muitas daquelas pessoas eram relativamente pobres – ainda que não se possa comparar com os bolsões de pobreza pesada que se espalham pelo planeta.

Na década de 1980, eram publicados cerca de sessenta mil novos livros todos os anos nos Estados Unidos. Esse número subiu para mais de cento e sessenta mil em 2003. Mas, os índices de analfabetismo funcional eram alarmantes.

Estima-se que cerca de 25% da população mundial no início do terceiro milênio era *totalmente* analfabeta, não apenas em termos *funcionais*.

A American Management Association,

qualquer teste.

Em 2007, pais de milhares de alunos no Brasil protestaram, pelas mais diversas formas e nos mais diversos lugares, pelo fato de os seus filhos, então já adolescentes, não serem capazes de ler, escrever ou mesmo de resolver as mais simples operações aritméticas.

John Stuart Mill lembrava que «o valor de um Estado é o valor dos indivíduos que o compõe».

Num mundo em rápida mutação, novos sistemas de ensino não são imediatamente descobertos.

Nos primeiros anos do século XXI, a totalidade dos jovens entre os dezesseis e dezenove anos de idade, na Noruega, possuía e utilizava regularmente telefones celulares, enviando em média cerca de nove mensagens de texto todos os dias.

Entre 1981 e 1985 foram comercializados,

bilhões de pessoas, ainda vivia na mais absoluta miséria, com apenas o equivalente a dois dólares por dia.

Segundo o *1999 Human Development Report, United Nations Development Programme*, em 1820 a relação entre pessoas pobres e ricas no planeta era de 3 para 1. Em 1913 esse número passou para 11 para 1; em 1950, 35 para 1; em 1973, 44 para 1; e em 1992, 72 para 1.

Mas, esse quadro de crescente pobreza trás em si inúmeras contradições. Na África, continente mais pobre do mundo, teve início uma verdadeira explosão de consumo de telefones celulares nos primeiros anos do século XXI. Em 2007, um estudo mostrava que 97% da população da Tanzânia tinha acesso a telefones móveis. Na África do Sul, metade dos utilizadores de telefones celulares pertencia às camadas mais pobres da população.

Em 2008, na China – país que apenas duas décadas antes era classificado como pobre – já

havam mais de trezentos e cinquenta milhões de telefones celulares em uso contínuo.

Como mostrou Gilles Lipovetsky, no seu já clássico livro *Le Bonheur Paradoxal*, de 2006, «anteriormente, as classes populares e médias viam nas marcas de luxo bens inacessíveis que, destinados apenas à elite social, não faziam parte do seu mundo real, nem sequer dos seus sonhos. Produziu-se uma ruptura face a esta forma de cultura: a aceitação do destino social deu lugar ao *direito* ao luxo, ao supérfluo, às marcas de qualidade».

Cerca de 1,1 bilhão de pessoas praticamente não tinham acesso a água potável; e quase metade da população mundial, cerca de 2,6 bilhões de pessoas, não tinha acesso a tratamento sanitário básico segundo o *2006 United Nations Human Development Report*.

Então, quase um trilhão de dólares eram gastos anualmente em armamentos em todo o

na primeira metade do século XX.

Também o consumo passa a revelar um espectro contínuo – todos tendem a consumir permanentemente. Da mesma forma, tudo vai se transformando rapidamente em entretenimento contínuo.

Não há mais a divisão crítica entre produtor e consumidor, tal como tende ao desaparecimento a longa duração de artefatos.

Nos sistemas digitais, a existência da memória – como espécie de prótese para os sistemas neuronais de memória de longo termo – passa a ser potencialmente infinita, ou de brevíssima duração, simultaneamente. Um paradoxo que praticamente elimina o antigo conceito de *ciclo de vida*. Basta experimentar uma grave falha num computador para viver esse fenômeno paradoxal.

A fama é cada vez mais generosamente distribuída – são cada vez mais pessoas famosas

no mundo, nas mais diversas escalas.

No passado, figuras como Dante Allighieri, Luís de Camões ou William Shakespeare eram famosos em círculos de *connaisseurs*, e quando a fama atingia uma escala maior, raramente ultrapassava as fronteiras do seu país. Mesmo Johann Sebastian Bach teria de ser resgatado por Brahms para se tornar mais popularmente conhecido.

Numa sociedade do entretenimento onde participam bilhões de pessoas os milhares de *Goethes*, de *Schopenhauers* ou de *Leonardos* necessitariam de um processo de intensa concentração para uma conseqüente expansão, ou simplesmente desaparecem no todo.

Um pouco na seqüência das brilhantes e proféticas idéias de Galbraith, Massimo Gaggi e Edoardo Narduzzi lançaram em 2006 o livro *La Fine del Ceto Medio*, anunciando a avassaladora emergência das companhias *low cost* e o fim da

Os ideais dessa *classe média*, que fundaram os conceitos de desenvolvimento econômico e social no século XX, eram estabelecidos sobre o sentido de uma expectativa crescente – todos deveriam lutar para *vencer na vida*. Na velhice, a aspiração era estar sob uma verdadeira tutela do Estado.

A antiga classe média foi sendo rapidamente substituída por uma *low power society*, onde as empresas e serviços *low cost* revelavam um novo modelo econômico e social.

Se para a antiga *classe média* existia o direito à reclamação e à indenização, esse direito praticamente deixou de fazer sentido numa realidade *low cost*.

Em novembro de 2003 a IATA – *International Air Transport Association* estabeleceu a *Convenção de Montreal sobre a Unificação de Certas Regras para o Transporte Aéreo de Bagagem*, eliminando

Mas, com os novos meios eletrônicos, qual é o sentido da urgência e da necessidade? Mais do que isso, numa sociedade liderada por um espírito *low cost*, do consumo contínuo, a reclamação deixa de ser possível.

Em 2008, em Nova York, como sempre fiz ao longo de mais de vinte anos, contratei uma empresa de transporte para ir ao aeroporto. Trata-se de um hábito comum na cidade. Com cerca de vinte minutos de atraso, um motorista estava à nossa porta. Notei como, ao longo dos anos, o serviço dessa empresa foi se deteriorando. Naquele início de tarde, fui surpreendido por um motorista vestido com panos coloridos, uma longa barba, sem saber praticamente falar inglês. Tinha deixado o carro numa outra esquina. Levou um tempo imenso para chegar. Quando estacionou, quase se chocou com uma policial que vinha numa viatura pequena. Ele começou, então, uma incompreensível discussão. A policial desistiu e foi embora. Eu não podia atrasar, com o risco de

uma ação judicial contra a empresa, o que não fazia sentido tendo em consideração não apenas ao valor do serviço e os altos custos da acção, mas também pelo tempo perdido com procedimentos legais extremamente burocráticos. Perguntei como eles podiam contratar alguém como aquele motorista. Soube que eles tinham centenas de motoristas e que nem mesmo chegavam a conhecer todos. Tudo era automático. Qualquer um que preenchesse os requisitos iniciais poderia se tornar, automaticamente, motorista daquela empresa. O controle de qualidade funcionava através das reclamações, que não mais existiam. Perguntei se eles não se incomodavam em perder um cliente. «Perder um cliente? Não faz qualquer diferença. Temos milhares de clientes todos os dias» – foi a resposta.

A nova realidade substituiu a indenização e a assistência técnica pelo silêncio ou, no melhor dos casos, pela pura e simples reposição do produto – pois ele é *low cost*.

social, justiça, corrupção de governantes e assim por diante. Quando acontecem, é com relativo pequeno impacto envolvendo uma pequena parte dos cidadãos, mesmo quando as razões para o protesto são avassaladoramente terríveis.

Os níveis de tributação conheceram aumentos dramáticos, políticos passaram a ser cada vez mais acusados de fraude e enriquecimento ilícito, o nível do ensino se degradou claramente, a justiça se tornou mais politizada, burocrática e lenta, os Estados eliminaram muito do que era o direito à privacidade do indivíduo – mas apenas raramente as pessoas protestaram com veemência contra aqueles acontecimentos.

Sabidamente, John Stuart Mill dizia que «não há uma relação natural entre impulsos fortes e uma consciência fraca. A relação natural é no sentido oposto».

Narciso e Narcose: burocracia, *low cost* e formato

Toda revolução evapora e deixa para trás apenas o limo de uma nova burocracia.

Franz Kafka

Dar início a uma pequena empresa, em grande parte dos países, representava assumir impostos e custos burocráticos equivalentes a mais de 50% das receitas. Esse nível de impostos e de custos burocráticos exigidos pelo Estados tornava praticamente impossível o surgimento de novas empresas com futuro duradouro.

Por outro lado, quando o Estado detectava que uma empresa atuando num país estrangeiro se beneficiava de menores cargas tributárias no outro país, passava a estabelecer impostos compensatórios, como forma de punir a empresa por aquele benefício.

Até aos anos 1980, países com forte orientação socialista geralmente impunham às empresas a obrigatoriedade de assumir o Estado como parceiro majoritário, sem que este se dispusesse a qualquer tipo de contrapartida. Esse fato era considerado escandaloso pelos chamados países “livres”. Entretanto, no início do século XXI, todos os países passaram a fazer o mesmo, de forma disfarçada, nunca declaradamente. Em praticamente todos os países do mundo, o Estado se tornou sócio majoritário obrigatório das empresas, através de impostos diretos ou indiretos.

Os antigos países socialistas, atrás da então chamada *cortina de ferro*, justificavam o gigantismo

A história pela qual passou o compositor francês revela várias faces do universo contemporâneo – a superficialidade dos dados, a incompetência dos seus operadores e a fragilidade de um sistema de vigilância extremamente volátil.

Fosse outra pessoa vítima de idêntica afirmação em maio de 1968 mas que não o famoso como Pierre Boulez, seguramente não teria a mesma sorte e estaria condenado uma injustiça ainda mais cruel.

E, se tivesse acontecido num outro país – pois a Suíça ainda era considerada um dos mais rigorosos e sérios países do mundo – o desastre certamente seria ainda mais avassalador.

Nos Estados Unidos, em 2006, cerca de sessenta milhões de pessoas perderam os seus empregos e outros cerca de sessenta milhões de pessoas começaram um novo trabalho, num ritmo que seria repetido anualmente – não ficando

identidade e acaba aquilo que era um grande valor da antiga classe média – a *lealdade*.

Criticando as mudanças planetárias no final do século XX, George Soros dizia, no seu livro *The Crisis of Global Capitalism*, que «numa sociedade em que as relações estáveis sejam dominantes» as pessoas necessitam de ser honestas para ter sucesso. «Mas, quando se goza de liberdade total (...) a sociedade se torna instável».

Na verdade, não se trata de existir mais liberdade, mas sim de haver uma crescente regulação que, paradoxalmente, é fortemente instável. Tudo passou a ser regulado, mas nunca se sabe exatamente o que é o quê, pois tudo muda constantemente.

A partir dos anos 1980, criou-se em praticamente todo o mundo a idéia de que surgia uma forte e irreversível onda de *desregulação* total, liberando todo o comércio, eliminando controles e barreiras de toda a natureza.

De fato, o célebre acordo Bretton Woods, assinado em 1944 pelas nações mais industrializadas, gerou uma pesada regulação nos mercados financeiros – seguindo o pensamento de John Maynard Keynes, para quem o Estado tinha do dever de intervir na economia.

Mais tarde, Estados Unidos e Inglaterra promoveram uma onda mundial de liberação de preçosecomércio na qual Ronald Reagan e Margaret Thatcher foram verdadeiros paladinos nos anos 1980. Assim, os países europeus eliminaram as suas fronteiras, a *Organização Mundial do Comércio* estabeleceu novos parâmetros de livre comércio, canais de televisão passaram a ser controlados por entidades privadas, o mesmo aconteceu com empresas de energia e de telecomunicação, acordos internacionais determinaram critérios para livre trânsito de mercadorias e pessoas, o controle de preços foi praticamente eliminado e assim por diante.

automação dos processos burocráticos com a promessa de redução do seu impacto na vida das pessoas. Mas, a seguir, para além de um formidável aumento burocrático com sistemas de controle cada vez mais complexos, os princípios conhecidos como *welfare* foram desmantelados com um avassalador aumento dos riscos individualizados.

Aquilo a que David Garland chamou, em 2001, da emergência de uma “cultura do controle”.

Já no início da década de 1990, o governo central do Canadá operava mais de duas mil e duzentas bases de dados com cerca de vinte arquivos para cada cidadão!

Como David Lyon sublinhou, «cada vez menos e menos transações e interações são baseadas em relacionamentos face a face. (...) Seres humanos, pessoas com corpo, são assim abstraídas do lugar e são sifonadas como dados em fluxos, para serem reconstituídas como ‘imagens

complexa teia de interesses, muito mais pesada que a anterior, que essencialmente tinha uma natureza paradigmática.

Curiosamente, refletindo uma expectativa geral, o jornal *Le Monde* de seis de novembro de 2008 anunciava através das palavras de Hubert Védrine: «Todo o mundo se considera hoje em dia a favor do restabelecimento dos controles sobre o sistema financeiro. Os Estados deverão bater o ferro enquanto está quente e não deixar que os “desreguladores” lancem mão».

Se tomarmos a questão como um todo, em termos históricos, perceberemos que o mundo caminhou, desde as últimas décadas do século XX, no sentido de uma crescente regulação, tendendo à configuração com um novo tipo de autoritarismo – uma espécie de ditadura do próprio sistema, sem a figura de um tirano específico.

E uma das faces dessa metamorfose está diretamente relacionada à emergência de um

se deram conta de que podiam fazer dinheiro embarcando no Japão toneladas de relógios, televisores e utensílios... Em 1967 não havia qualquer serviço de transporte marítimo ligando o Japão aos Estados Unidos. No ano seguinte já haviam sete empresas. (...) Em 2005, haviam mais de três mil e quinhentos navios mercantes cruzando os mares, com mais de quinze milhões de *containers* a bordo».

Essa curiosa origem ilustra o processo que *desenha* a realidade *low cost*, seguindo uma lógica de *distribuição* contra a de *concentração* que caracterizava a antiga *classe média*.

Assim, o mundo articulado por ideologias – fortemente literário – forjado no princípio do *paradigma*, desintegra-se num complexo de natureza *sintagmática*. Não mais se trata de um concentrado de idéias que designam uma ação política coerente e estável, mas uma confusão de ações que projetam os mais diversos atores políticos.

Nesse contexto, na comunicação jornalística, o antigo trabalho do repórter muda radicalmente. Grande parte das notícias passa a ser controlada por centrais que vendem, a baixo preço, informação padrão, com sucesso garantido junto ao público.

Assim, boa parte dos jornais, televisões e rádios passa a difundir as mesmas notícias, com mínimas variações. Pouca diferença passa a existir entre este ou aquele jornal, esta ou aquela revista – em termos jornalísticos – quando poucos anos antes aquela diferença era fundamental. O *conteúdo* deixou de ser importante.

Em janeiro de 2000, quando a *Time Warner* e a *American On Line* se fundiram, o secretário geral da *Federação Internacional de Jornalistas*, Aidan Whillee comentou sobre a realidade que emergia: «Vemos agora o domínio de uma mão cheia de companhias controlando informação e como essa informação alcança as pessoas. Ao menos que uma ação seja adotada no sentido de assegurar

fortemente não linear, foi gerado pela contaminação digital – a transformação de um antigo meio de comunicação pela emergência de um *híper meio*: os computadores pessoais em rede, um meio para a realização de todos os outros.

A ordem hierárquica que designava a antiga comunicação jornalística determinava o tipo, tamanho e localização de textos e imagens nos jornais e revistas, projetava o chamado *horário nobre* na televisão, orientava os noticiários televisivos numa ordem de natureza francamente hierárquica, e determinava, assim, o melhor *formato* para cada meio.

O ideal do *formato* é um produto da natureza de mão única dos meios de comunicação. Quando eles se tornam interativos, como é o caso da Internet e do telefone, o *formato* simplesmente desaparece ou passa a segundo plano.

Com a gradual desintegração do *formato*, as figuras políticas se tornaram menos definidas

de tempo.

Mas, na *low power society*, o desemprego passou a ser uma das metas centrais dos mais variados governos, empurrando para a frente a burocracia.

Com a obsessiva aspiração a maiores quantidades de produtos por preços cada vez mais baixos, todo o tipo de automação passou a ser intensificado, associando-se ao aumento da rotatividade de mão de obra. Isso fez com que houvesse cada vez mais pessoas menos qualificadas, implicando ainda um aumento dos desempregados.

Numa sociedade *low power*, o Estado passou a assumir, direta ou indiretamente, a função de empregador procurando absorver um grande contingente de consumidores sem qualificação técnica – pois eles seriam os eleitores.

Na sociedade do *low cost*, com profunda

mobilidade, volatilidade e turbulência, o emprego – não o trabalho – passou a ser o objetivo individual e social por excelência.

Aquilo que era sagrado para a antiga classe média, o amor a uma *profissão*, palavra cuja origem etimológica está ligada ao *professar*, foi praticamente eliminado. As competições entre alunos nas escolas e universidades, não raramente, passaram a seguir a aspiração a um emprego duradouro e compensador em termos econômicos e que fossem portadores de *status* social – mas não obrigatoriamente que representassem uma *profissão*.

Curiosamente, utilizando-se das mais avançadas tecnologias que eles próprios condenavam, os mais temidos grupos terroristas da passagem do milênio pregavam exatamente o contrário do que acontecia com a nova sociedade *low cost*: não mais a aspiração a um emprego duradouro e rentável, mas a dedicação a uma causa.

E embora muitos dos formulários dessa nova burocracia fossem informatizados, eliminando na maior parte das vezes a necessidade de um intermediário humano, a sua crescente complexidade acabava por exigir um grande contingente de novos burocratas, direta ou indiretamente ligados ao Estado.

Na arquitetura, por exemplo, até ao meio do século XX, em muitos países, a aprovação de um projeto por parte das autoridades era praticamente automática. As pessoas se conheciam e a competência estava assegurada. Somente cinquenta anos mais tarde, não apenas não mais se conheciam os arquitetos, tamanha a sua quantidade, como a complexidade burocrática se tornou de tal dimensão que fez surgir um novo tipo de arquiteto – o especialista burocrático na aprovação por parte das autoridades da cidade.

O mesmo aconteceu em praticamente todas as outras atividades liberais.

No Direito, não raro, erros em detalhes processuais passaram a ser mais perigosos para uma condenação que uma fragilidade do mérito da causa.

Todo esse universo burocrático passou a implicar um crescimento tentacular do Estado – mesmo nos países onde havia uma tradição oposta a essa tendência.

Esse universo híper burocrático gerou uma explosão de associações de classe e uma crescente vigilância sobre qualquer movimento humano. Cada profissão passou a ser dividida em dezenas, senão em centenas – como é o caso da medicina e da engenharia – de especializações. Cada especialização passou a contar, muitas vezes, com uma associação profissional específica.

O valor de um profissional passou a ser estabelecido não pela obra realizada, mas pelo número de associações a que pertencia, isto é, qual o seu grau de envolvimento com o sistema burocrático.

Da mesma forma que a lógica de distribuição gera uma sociedade *low power* onde o poder está distribuído em baixa intensidade num largo e contínuo espectro, cada pessoa passou a viver um universo burocrático permanentemente presente.

Um universo avesso à existência da *família*. Documentos, impostos, taxas de compensação fiscal, controles de saúde, taxas e obrigações em relação a associações, consultas médicas, correções dentárias, consumo de novos produtos, *shampoos*, cremes, controles de escolaridade, equipamentos escolares, controles comportamentais numa sociedade cada vez mais violenta, controles de chamadas telefônicas, vigilância de computadores, implicações de natureza financeira – tudo constituindo um fluxo de atenção em dispersão contínua.

Cada um daqueles elementos constituindo um específico leque de atividade burocrática.

Televisão: a emergência de uma aristocracia burocrática – mais controle: o Estado contra a Nação

Aquele que controla o passado, controla o futuro. Aquele que controla o presente, controla o passado.

George Orwell (1984)

Essa espécie de *low cost* mental tem uma das suas origens na televisão. Nela, o sistema de varredura dos tubos catódicos substituiu o movimento sacádico ocular, que é fundamental para a percepção da forma. Assim, a tela da televisão se tornou numa espécie de prótese sensorial, passando a ser responsável por uma função que

A burocracia inaugurou ainda uma nova espécie de aristocracia política – onde os seus atores são legalmente protegidos, muitas vezes intocáveis, livres até mesmo de qualquer possibilidade de serem julgados por atos de incompetência, malversação do erário público ou até mesmo de roubo.

No início do século XXI, a maioria dos países, os sistemas democráticos estavam formalizados no princípio representativo e não na democracia direta. Uma vez eleitos, os políticos se tornavam livres para adotar um vasto leque de medidas, mesmo que fossem contrárias ao que tinham prometido ou ao interesse das populações – afinal, eles tinham sido eleitos.

Em muitos casos, os eleitores nem mesmo votavam diretamente nos seus representantes, mas sim num partido político – que, mais tarde, deveria designar aqueles que assumiriam efetivamente cargos públicos segundo regras burocráticas e de poder. De grupos de identidade

ideológica, a grande maioria dos partidos políticos se transformou em organizações burocráticas de caráter aristocrático, profundamente sectário.

Então, seguramente, o único país do mundo cujo governo se encontrava mais próximo dos ideais da democracia direta era a Suíça. Todos os outros eram dominados por aristocracias burocráticas autoritárias e ditatoriais.

O mais curioso é que esse fato não era, aparentemente, percebido pelas populações dos outros países, que aceitavam de bom grado a imposição muitas vezes ditatorial todo o tipo de leis e regulações, parecendo acreditar que aqueles que controlavam o país estavam melhor preparados!

A nova aristocracia burocrática – ela mesma constituída por uma grande quantidade de pequenos ditadores, isoladamente com baixo poder – exigiu um permanente aumento de custos por parte do Estado, que geralmente passou a

ser justificado pelas mais variadas modalidades de benefícios sociais inexistentes e de segurança, muitas vezes com o argumento de proteger até mesmo a integridade física do cidadão comum.

Em vinte de abril de 2008, o *New York Times* revelava como, entre 2002 e aquele ano, o Pentágono tinha infiltrado agentes nos principais canais de televisão do país, com o declarado objetivo de influenciar e dirigir informação favorável à administração de George W. Bush, constituindo uma espécie de censura.

Assim, como definiu Noreena Hertz, autora do *bestseller The Silent Takeover*, «o Estado político se tornou no Estado corporação».

Desde a segurança para além da criminalidade urbana, tal como aconteceu com a chamada luta contra o terrorismo, até uma espécie de segurança na prevenção de erros de edificação em relação aos Planos Diretores Urbanísticos, ou mesmo a segurança no trabalho – tudo passou a

Daí os hospitais terem se tornado verdadeiros centros comerciais e de lazer, tal como os aeroportos, estações ferroviárias, museus e assim por diante.

Gradualmente, o Estado se transformou numa entidade policial, supervisionando tudo e todos, fazendo até mesmo com que tenha deixado de ser chocante face à opinião pública uma aproximação de políticos ocidentais a antigos sistemas ditatoriais como a China, onde até ao início do século XXI simplesmente não existia liberdade de pensamento ou de expressão.

Esse grande crescimento do Estado, o seu novo carácter fortemente policial e a desigualdade em termos fiscais – praticamente libertando de impostos as grandes empresas e as grandes fortunas – gerou um contínuo aumento tributário que, novamente, afetou mais especialmente a antiga *classe média*.

Paradoxalmente, o aumento do Estado e dos seus custos parece ter sido diretamente proporcional ao seu descrédito.

Se, antes, uma figura política era largamente admirada por praticamente todos os setores da população, reconhecendo nela um centro de poder, no início do século XXI ela passou a contar com uma crescente aversão por parte daqueles mesmos setores, principalmente entre a população mais jovem.

Em 1964, segundo o *American National Election Studies*, mais de 70% dos americanos acreditava que o governo se dedicava exclusivamente aos interesses dos cidadãos. No ano 2000, 60% das pessoas nos Estados Unidos acreditava que o governo era manipulado por grandes grupos econômicos.

Em Portugal, no ano de 2008, uma pesquisa de opinião pública realizada pela Universidade Católica Portuguesa mostrou que cerca de 70% da

primeiro ministro Silvio Berlusconi foi fortemente contestada porque ele também era o proprietário de grandes corporações no país.

No Brasil, José Alencar Gomes da Silva, vice presidente com Lula da Silva, também era proprietário de uma das mais importantes corporações do país, controlando um império no campo têxtil com a *Coteminas* como a sua mais importante companhia.

Na administração de George W. Bush, Dick Cheney ingressava na equipe vindo da companhia de serviços de petróleo *Halliburton*; Karl Rove, chefe da política estratégica, tinha sido chefe da política estratégica para a *Philip Morris* entre 1991 e 1996; Mitchel Daniels, líder do setor de Administração e Orçamento da Casa Branca, foi vice presidente do império da indústria química *Eli Lilly*; o Secretário do Tesouro, Paul O’Neill, era funcionário do gigante de alumínio *Alcoa*; e Condoleezza Rice, chanceler, era administradora e accionista da *Chevron* – antiga *Standard Oil of*

da população do país. Mais de quinhentas mil famílias eram objeto de ações legais nos tribunais, por não pagamento de dívidas.

Nos Estados Unidos, entre 1993 e 2004, o débito dos consumidores – que inclui cartões de crédito, empréstimos, financiamentos de todo o tipo – foi multiplicado por dois mil e quinhentos, chegando a equivaler a cerca de 3% da economia mundial!

No mundo antigo, a escravidão representava, para os seus senhores, um hábil recurso de concentração energética, gerando sociedades do luxo e do prazer.

Na sociedade *low power*, todos se tornaram simultaneamente escravos e consumidores de luxo e prazer.

Mas, ainda pior, de acordo com Loretta Napoleoni, «quase qualquer produto que consumimos tem escondido uma história suja,

de uma pessoa existir livre de impostos – um fenômeno inédito pela sua abrangência total.

Por essa via, acabou a liberdade em termos fiscais: todos passaram a nascer obrigatoriamente devedores ao Estado.

Mas, a liberdade individual conheceu outras transformações.

Fundamentado na obsessiva aspiração à *segurança* – coletiva, individual, do corpo, dos bens e até mesmo do conhecimento – todo o tipo de proibição passou a ser imposto, sem encontrar qualquer reação por parte das pessoas.

Tornou-se aquilo que o genial Georg Simmel dizia da emergência de uma “sociedade de estranhos”.

A palavra *segurança* surgiu da fusão das partículas latinas *se* e *cura*, significando *sem cuidado, sem atenção, abandonado*. Seria apenas

no ano de 1582, em inglês, após mais de um século de intensificação do uso da visão e literatura, que – numa aparente inversão – a palavra passaria a indicar a idéia de *algo fora de perigo*. Assim, passou a significar algo que não necessita de atenção ou cuidado, pois já está protegido, em *segurança*.

Gradualmente, com a aproximação do século XX, *segurança* passou a significar controle permanente. Dessa forma, no início do século XXI, algo em segurança passou a indicar a idéia de algo permanentemente vigiado, controlado e, portanto, sempre potencialmente em perigo.

Para existir segurança, o perigo se tornou imprescindível.

Em nome da segurança, as pessoas passaram a estar proibidas de iniciar um negócio ou exercer qualquer atividade comercial sem estar preventiva e permanentemente controladas pelo Estado através de múltiplas declarações, documentos, impostos ou nada simpáticas visitas de fiscais.

Passou a ser proibido publicar um jornal ou revista que não estivesse submetido à vigilância e responsabilidade de um jornalista que, por sua vez, era controlado por uma entidade de classe.

As proibições passaram a se estender nas mais diversas direções, tal como a interdição de exercer a advocacia sem permissão expressa do Estado e de entidades de classe, interdição de exercer medicina sem estar preventivamente controlado pela burocracia e assim por diante.

A idéia de que cada pessoa deve ser livre e responsável pelo seu próprio destino passou a ser encarada como uma aberração por vezes relacionada a antigas ideologias totalitárias!

Mesmo a solicitação de exames de saúde passou a estar condicionada pela autorização de um médico. As pessoas deixaram de ser livres até mesmo para conhecer livremente os seus corpos.

conjunto de regras e normas, cujo objetivo primeiro era de exercer o controle sobre tudo.

Por essa via, passou a emergir, um pouco por todo o lado, uma grande quantidade de *empresas de certificação técnica*, cuja única função é preencher centenas de formulários para obtenção das necessárias autorizações governamentais.

A antiga divisão social em claras e visuais *classes* foi rapidamente substituída por uma gigantesca massa de consumidores sem perfil definido e sem ideologia.

Não apenas, numa sociedade extremamente volátil, a aspiração ao controle total por parte do Estado surgiu como uma espécie de reação de equilíbrio num sistema dissipativo. Assim, muitas vezes contando com argumentos fundamentados na luta contra o terrorismo, o Estado passou a invadir vorazmente todas as esferas de privacidade, interceptando livremente ligações telefônicas, abrindo cartas e desviando mensagens eletrônicas

entre outros recursos, sem contar com qualquer oposição significativa por parte da população, que parecia estar permanentemente sedada pelo consumo.

Em 2008, projeções conservadoras estimavam a presença de mais de quarenta mil ciberpoliciais atuando continuamente na China, checando permanentemente comunicações privadas na Internet.

Naquele ano, o governo chinês passou a exigir de todos fabricantes de computadores a instalação prévia de um programa de censura, bloqueando automaticamente o acesso a determinados *sites*. A aplicação recebeu o nome – em tradução livre – de *Barreira Verde – Escolta da Juventude*. Em agosto de 2009, sob alguma pressão dos Estados Unidos e da Organização Mundial do Comércio, a China retirou essa exigência, mas apenas para computadores de uso privado e num momento em que vários fabricantes já incorporavam aquele programa.

O complexo sistema de censura chinês, conhecido como a *Grande Ciber muralha* ou a *Grande Muralha de Fogo*, permitia bloquear o acesso a diversos *sites*, identificar *emails*, discussões, fóruns e blogues que utilizassem palavras ou expressões que pudessem indicar temas proibidos pelas autoridades.

Várias empresas, como a *Google*, a *Yahoo* ou a *Microsoft* entre outras, incorporaram sistemas de censura como condição imposta pelo governo de Pequim para poder operar na China.

Ainda em 2008, o sinólogo Jean-Luc Domenach, em entrevista a Nicolas Arpegian, denunciava o fato do governo chinês dispor de equipes dedicadas ao *grampo* telefônico, em particular sobre estrangeiros que habitam os quarteirões das embaixadas ou que tenham certos números de telefone.

Muitas pessoas chegaram até mesmo a

vezes, contraditórios.

Uma das constantes críticas que eram feitas ao uso do *Echelon* – para além da sua flagrante ofensa aos antigos direitos de privacidade – é que, ao que tudo indica, ele não era utilizado apenas para a identificação de grupos terroristas, mas também como instrumento de espionagem industrial e comercial – beneficiando grandes conglomerados de empresas em prejuízo de pequenos e novos grupos.

Em 1985, sob a propaganda de ser um princípio de livres fronteiras, foi criado pelos países europeus um sistema semelhante ao *Echelon*: *Schengen*, que leva o mesmo nome da cidade do Luxemburgo onde o projeto foi lançado.

Inicialmente, *Schengen* foi anunciado como um acordo de liberação de fronteiras, com o objetivo de reconhecimento mútuo de vistos e de reforço das relações multilaterais.

revista científica *Science* ter dedicado parte da sua edição de maio de 2009 a uma análise sobre o impacto de contaminações de vírus em telefones celulares. Se a contaminação ocorresse através de *Bluetooth* ela teria uma configuração semelhante àquela que acontece com a gripe; mas se acontecesse através de *MMS, Multimedia Messaging Service*, ela seria quase instantânea.

Curiosamente, na mesma edição da *Science* havia um artigo sobre falsificações de produtos para uso científico feitos na China, outro sobre uma epidemia de plágios de artigos científicos na Internet e, finalmente, um interessante artigo sobre a crescente dificuldade de se estabelecer dados demográficos com relativa precisão, devido à grande mobilidade populacional.

Era como se, num quadro de mudanças estruturais, de verdadeira mutação civilizacional, uma *ciberguerra* sem quartéis, espécie de guerra civil, desta vez virtual, estivesse acontecendo.

De acordo com o jornal português Público, «o *chip*, ou dispositivo eletrônico das placas dos automóveis, pretende facilitar o trabalho das forças de segurança, que terão acesso à informação sobre a inspeção periódica e o seguro obrigatório. O *chip* vai permitir, igualmente, o reconhecimento de veículos acidentados e abandonados, além de poder vir a ser utilizado de forma integrada na cobrança de pedágios e outras taxas rodoviárias. As despesas com a compra e instalação do *chip* ficam a cargo do condutor».

Com aquele *chip*, imposto por lei, os deslocamentos dos cidadãos portugueses serão controlados em tempo real! Quando a bizarra e autoritária decisão governamental foi anunciada, não aconteceram protestos públicos nas ruas. As pessoas estavam entorpecidas.

E o mesmo aconteceu, também em Portugal, com a introdução do chamado Cartão do Cidadão – na verdade, uma carteira de identidade que reúne

um *chip*, reunindo as mais diversas informações sobre o seu possuidor, para permanente controle e vigilância, de uso obrigatório, sem que a pessoa tenha qualquer direito de o recusar.

A mesma exigência, entre tantos outros países no início do século XXI, era feita pela Suécia, onde todo o sistema de identificação e controle era centralizado no *Skatteverket*, que é o departamento fiscal do Estado. Todos controlados pelo dinheiro.

A recusa no uso desses cartões coloca imediatamente a pessoa numa situação de ilegalidade e, portanto sujeito à prisão!

Em 1952, o governo britânico tentou tornar definitiva a obrigatoriedade das carteiras de identidade criadas como instrumento contra espionagem na Segunda Guerra Mundial. Houve uma forte reação popular e as carteiras de identidade foram destruídas em grandes fogueiras em todo o país. Um dos juizes que apresentou

as mais contundentes justificativas contra o seu uso argumentou que as carteiras de identidade tornavam automaticamente cidadãos em suspeitos e os mais distraídos em criminosos.

Apenas cinquenta anos mais tarde, sem contar com grande resistência, governos de todo o mundo – incluindo o britânico ou o americano – algumas vezes sob o disfarce de se tratar de emissão de outros documentos como a carteira de motorista, estabeleceu a definitiva obrigatoriedade das carteiras de identidade, tornando todas as pessoas em suspeitos e potenciais criminosos.

Na primeira década do século XXI, era impressionante verificar a ausência de reação de muitas pessoas diante da implantação coerciva de sistemas de permanente controle e vigilância, tais como a carteira de identidade. Para a maior parte das pessoas, trava-se de algo normal, sinal dos tempos e um benefício contra criminosos e terroristas. Elas não tinham consciência do terrível risco que colocavam a si mesmas e a todos: de que

todo o mundo.

Thierry Meysan, autor do perturbador livro *11 septembre 2001, L'effroyable imposture*, publicado no início de 2002, escrevia: «No Reino Unido, a lei antiterrorista autoriza a detenção de suspeitos estrangeiros sem que haja nenhuma instrução, em violação à Convenção Européia dos Direitos Humanos. No Canadá, a lei antiterrorista obriga os jornalistas a entregar as suas fontes de informação, sob requisição de um magistrado, sob pena de encarceramento imediato. Na Alemanha, aos serviços de Inteligência foram atribuídos poderes de polícia judicial, para se transformarem em polícia política. Em Itália, os serviços secretos estão autorizados a cometer todo o tipo de delito no território nacional, se for no interesse da Defesa Nacional, sem necessidade de prestar contas com a Justiça...».

Naquele mesmo ano, a administração americana procurou dar início à chamada Operação *TIPS—Terrorism Information and Prevention System*,

grande parte dos jornalistas em todo o mundo!

Ameaças veladas, um pouco por todo o mundo, muitas vezes na forma de avisos por parte de autoridades fiscais, passaram a constituir um quadro de censura disfarçada.

Países como a China ou como o Iran, entretanto, não necessitavam de subterfúgios para acobertar atos de censura. Na terça-feira, dia dois de junho de 2009, um dia antes dos vinte anos do massacre perpetrado pelas autoridades chinesas em Tiananmen, o governo chinês bloqueou o *Twitter*, o *Flickr*, servidores de *blogues* e até mesmo o *Hotmail*. A censura já tinha começado semanas antes, com o bloqueio do *Blogspot*, da *Wordpress* e até do *Youtube*. Mais de seis mil *sites* de universidades foram igualmente bloqueados, impedindo qualquer discussão sobre o que tinha acontecido vinte anos antes.

No final de 2005, atendendo a uma ordem de censura do governo chinês, a *Microsoft* apagou

aquele número saltou para mais de quinhentas companhias, empregando mais de sessenta e um mil *lobistas*. Em 2005, haviam mais de dez mil *lobistas* trabalhando em Bruxelas.

Parelamente a esse dramático aumento de lobistas em todo o mundo – isto é, aumento de pessoas capazes de penetrar e manipular os segredos de Estado de forma a retirar benefícios pessoais ou corporativos dessa informação – tudo passou a se tornar secreto, nas seus mais diversos desígnios.

Tudo no Estado se tornando, de alguma forma, secreto, fez com que ele se transformasse numa entidade estranha ao indivíduo, que perdeu a sua antiga condição de cidadania.

Sempre genial e tantas vezes profético, H. G. Wells seria revelador na sua história de ficção científica, escrita em 1907 e publicada no ano seguinte, intitulada *The War in the Air*, sobre uma guerra mundial e ataques aéreos contra a cidade

Em vários países, a única solução para receber um pagamento do Estado passou a ser a corrupção.

O antigo princípio da reciprocidade entre Estado e Nação praticamente terminou. Se um cidadão comum não pagasse os impostos que lhe eram cobrados, seguramente iria para a prisão. Mas, nada aconteceria se o Estado não pagasse as suas dívidas, como passou a ser cada vez mais frequente a partir dos últimos anos do século XX. Mesmo se em alguns Estados o direito à defesa face às autoridades estivesse assegurado pelos tribunais, as perdas do cidadão em tempo e outros, nunca seriam pagos. Perdas que muitas vezes comprometiam o trabalho ao longo de toda uma vida. Da mesma forma, geralmente nada acontecia a políticos corruptos ou importantes funcionários públicos envolvidos em atos ilícitos.

Segundo os princípios que caracterizaram o universo da classe média, o dinheiro acumulado após o pagamento de impostos era uma questão

Mesmo na Suíça, quando evidências de crime surgem, o sigilo bancário é automaticamente suspenso através de autorização judicial.

Com o fim do sigilo bancário sem autorização judicial, seguindo apenas critérios burocráticos e políticos, em diversos países, delações entre cidadãos – tal como era comum na Idade Média – foram sendo gradualmente incentivadas como meio de amplificação do controle pelos Estados.

Nos primeiros anos do século XXI, a Suíça passou a sofrer todo o tipo de ataques, muitos com o único objetivo de descredibilizar aquela que ainda era, seguramente, a única democracia do mundo, numa campanha feroz visando terminar com o seu sistema bancário e estabelecer o padrão da burocracia aristocrática internacional.

Mas, esse crescente conflito de Estados contra Nações também apresentava as suas flagrantes contradições. Se, de fato, o Estado policial

Nos trinta anos que se seguiram, houve um movimento generalizado de privatização das auto-estradas, canais de televisão, unidades de produção de energia e redes de telefonia. Mas, esse parece ter sido um acontecimento superficial, que deu aos Estados, cada vez maiores, a possibilidade de uma rápida mas extremamente frágil e provisória entrada de capital.

Se por um lado, as grandes empresas privadas continuavam a ter integradas nos seus quadros funcionários ou ex-funcionários dos respectivos Estados, políticos de toda a natureza – evidenciando um novo tipo de promiscuidade, ainda mais profundo e livre dos antigos pudores – por outro lado, a contínua ampliação da burocracia exigiria um crescente aumento de receitas, através dos impostos.

Mas, o princípio da *democracia* exige que os centros de poder econômico sejam independentes da autoridade política, como defende Robert Reich.

Para ele, gradualmente, o mundo mergulhou numa era do que chamou de *supercapitalismo* a partir dos anos 1970, com uma dramática degeneração dos antigos valores da democracia.

Três elementos essenciais designavam a compreensão clássica dos sistemas econômicos do século XIX: a soberania espontânea do consumidor, a soberania suprema do eleitor, e a submissão das empresas às leis do mercado.

Com a sociedade *low cost*, o consumidor individual simplesmente deixa de ter importância. O que passa a valer são os grandes números, os dados estatísticos. Por outro lado, a oferta passou a possuir uma tal diversidade que o consumidor se adaptou rapidamente aos movimentos das modas, transitando de setor a setor, entre diferentes fornecedores. A soberania do consumidor morreu com o fim do direito à reclamação, ao protesto, que simplesmente deixa de fazer qualquer sentido.

Mesmo aquilo a que Galbraith chamou de

do século XXI, a Europa, os Estados Unidos, a Austrália, o Canadá e o Japão entre outros países não forneciam a autorização necessária até mesmo para uma visita turística quando se tratava de pessoas pobres. O direito de migração livre foi virtualmente eliminado, e com ele também um dos pilares dos direitos civis: o direito de ir e vir.

Em 1999, o governo holandês adotou um decreto lei, que se chamou *Lei sobre os Sem Documentos*, ou *Wet Ongedocumenteerden*, que tornava possível a imediata detenção e deportação de qualquer aspirante a asilo político que não possuísse um passaporte. Uma pessoa que está em fuga do seu país raramente tem acesso à documentação fornecida por aquele país – o que equivale, em termos objetivos, a uma eliminação até mesmo ao direito de asilo político.

Na prática, leis e infundáveis trâmites burocráticos vetavam, na maior parte dos países no início do século XXI, o direito à migração a centenas de milhões de pessoas, contrariando

B. Traven ou Ret Marut não poderiam acontecer no princípio do século XXI, onde tudo passou a ser rigidamente controlado por uma micro burocracia tentacular.

Num dos seus manifestos, datado de 1919, Ret Marut escrevia: «Não posso pertencer a qualquer partido político, porque eu vejo nisso uma limitação à minha liberdade pessoal, porque me conformar a um programa de partido me impede a possibilidade de evoluir para aquilo que considero o mais elevado e nobre objetivo na Terra: ter o direito a ser um ser humano!».

A Sociedade *Low Power* praticamente elimina, na realidade, os partidos políticos, transformando-os em acéfalos departamentos burocráticos de revezamento. Por outro lado, estabelece um elemento comum a todos, como um imenso partido único: o consumo contínuo.

O capitalismo gera grandes médias – e isso

Em termos políticos, a nova sociedade do prazer no consumo, do não protesto, da não reclamação, desenhada pelo domínio das grandes empresas sobre os Estados, e principalmente sobre a classe política, salvo raras exceções, pouco passou a importar quem era eleito.

Os chamados representantes do povo passaram a ser espécies de interfaces entre flutuações do mercado e zonas de grandes interesses econômicos, praticamente nada significando ao cidadão comum, estranhos à realidade das pessoas.

Tudo passou a ser designado por massas de dados estatísticos com baixo impacto nas vidas pessoais.

Assim, o desenho das políticas nacionais passou a ser ditado por tendências de mercado com o objetivo de manter o desemprego e a inflação em níveis aceitáveis.

consumo energético e simultânea *miniaturização* da sua distribuição, muitas vezes referimos apenas as empresas *low cost* que conheceram grande sucesso a partir dos anos 2000, tais como a *Skype*, a *Ikea*, a *Zara*, o *Google*, a *Ryanair*, a *easyJet* ou a *Wal-Mart* esquecendo algumas das pioneiras – tais como a *Microsoft*, a *Apple Macintosh* e a *IBM* que foram responsáveis pela emergência do *computador pessoal*; a cadeia de restaurantes de comida *low cost McDonald's*, responsável pelo *fast-food*; a *Coca Cola*, com o seu *fast-drink*; ou a *BIC* com as suas populares canetas *low cost* que tiveram um sucesso planetário a partir dos anos 1960.

Da mesma forma que o surgimento do automóvel redesenhou a família, tornando possível a sua expansão geográfica, as relações humanas não ficaram imunes ao aparecimento de novas tecnologias da informação.

Os novos meios de telecomunicação interativa *low cost* em *tempo real*, como o

Skype, o *Messenger* ou simplesmente *MSN* entre outros, fizeram com que muitos grupos de jovens passassem várias horas, todos os dias, fechados nos seus quartos mas conectados com outros jovens, como se estivessem em grupo, formando um forte comportamento gregário à distância, virtual.

Ainda, a gigantesca avalanche de *compact discs*, mais tarde quase extintos pela música comprimida em *MP3*, filmes gravados em *DVDs*, o fabuloso universo da Internet com o *YouTube*, o *Hi5*, o *MySpace*, o *FaceBook*, o *Second Life*, *EverQuest*, *flickr*, *43 Things*, *Technorati*, *del.icio.us*, os *blogs* e o *MSN*, para além de incontáveis *sites* com música, fotografia, filmes, textos, livros e jogos, absorveu uma grande quantidade de tempo que antes era dedicado à família e aos amigos num contato físico e direto.

Na passagem do terceiro milênio surgiram os *MMORPG* – *jogos de função online para multijogadores de massa*: jogos dinâmicos, envolvendo pessoas em todo o mundo, que

Segundo ele, a violência seria produzida não apenas pela falta de identidade, mas também por determinados fatores bioquímicos neuronais gerados pelo isolamento.

Como defendeu o jornalista e especialista na história da China Orville Schell em 2001, durante um debate na Universidade da Califórnia, o aparecimento do *fast-food* alterou os antigos hábitos da família, praticamente eliminando, em muitos casos, a realização das tradicionais refeições em casa.

Os antigos almoços e festas das famílias, que reuniam dezenas de pessoas até aos anos 1960, foram sendo gradualmente eliminados.

Para se ter uma idéia da dinâmica dessas transformações, apenas na Austrália cerca de 14% das famílias, no ano de 2003, já eram monoparentais; e 31% das crianças nascidas em 2001 eram filhos de mães solteiras.

Na Grã Bretanha, em 2005, haviam cerca de dois milhões de famílias monoparentais, com mais de três milhões de crianças, representando cerca de 25% das jovens famílias inglesas.

E em 2003, na Suécia, um estudo demonstrou que as pessoas que tinham crescido no seio de uma família monoparental tinham três vezes mais tendências ao suicídio que as pessoas nascidas e criadas em famílias que contavam com a presença do pai e da mãe.

Nos Estados Unidos, em 2007, aproximadamente 26% das pessoas com menos de vinte e um anos de idade cresceram em famílias monoparentais. Cerca de 84% dos responsáveis por essas famílias eram mulheres.

Esse fenômeno indica uma possível transição para uma sociedade de caráter cada vez mais acentuadamente matriarcal – as mulheres passaram a estar mais tempo junto aos filhos e passaram a ser, conseqüentemente, mais responsáveis pela educação.

Entre 1983 e 2003, em apenas vinte anos, o volume do mercado da pornografia terá aumentado, em termos mundiais, mais de sete vezes.

Segundo um estudo do *Instituto Forrester*, em 2004 metade dos americanos consultava sites pornográficos na Internet, com uma média de permanência de uma a dez horas por semana.

Na Europa, ainda em 2007, o *PhoneErotica* – serviço telefônico com gravações pornográficas – registrou mais de setenta e cinco milhões de chamadas por semana.

No ano de 2004 foram distribuídos mais de onze mil filmes pornográficos em todo o mundo, contra apenas cerca de três mil e quinhentas longas metragens convencionais.

Na Tailândia, em 2002, o jornal *The Nation* revelou que cerca de 71% dos jovens entre os doze e os vinte e cinco anos visitavam frequentemente sites pornográficos na Internet.

baixo preço num contexto de consumo contínuo – integra aquilo que na antiga sociedade da classe média eram consideradas as minorias sociais, tantas vezes repudiadas e reprimidas. Agora, são todos consumidores.

Rex Wockner, activista homossexual em São Francisco, dizia, numa reportagem realizada pela revista *Wired* numa edição de 1998, que «nos velhos tempos, o ativista A tinha de chamar o repórter B de um jornal C e esperar que o editor estivesse interessado. Aquela estratégia tomava habitualmente duas semanas para obter algum resultado e alcançava apenas os leitores dos jornais dedicados aos homossexuais. A rede mudou tudo isso. Agora, bastam dez minutos para alcançar milhões».

Mas, como se estivéssemos assistindo a um processo de dissipação, típico dos fluídos e da viscosidade, grupos de fundamentalistas religiosos e guetos de todas as espécies parecem ter se tornado mais e mais intensificados.

Nos primeiros anos do século XXI, um dos problemas que chamou a atenção dos responsáveis pelo sistema educacional na Holanda, país tradicionalmente multicultural, foi o aparecimento de um grande número de escolas exclusivas para grupos fechados, com uma filosofia francamente excludente – tal como estabelecimentos de ensino exclusivos para brancos, europeus ou muçulmanos, por exemplo.

Um fenómeno que não é exclusivo da Holanda. Em países tão diferentes como o México, Brasil, Argentina, França, Estados Unidos ou Portugal – num processo que é cada mais vez intensificado – existe uma clara divisão entre escolas para ricos e escolas para pobres.

Teleantropos - educação, viscosidade, estresse: a emergência dos neognósticos – *copyrights* e clones

Maus artistas copiam. Bons artistas roubam.

Pablo Picasso

Ainda, o contexto de consumo contínuo não implica uma formação contínua – ao contrário, basta existir um poder de compra baixo, contínuo e generalizado, para além de uma educação mínima e superficial suficiente para o ímpeto ao consumo.

formação são atirados ao mercado de trabalho – porque a qualificação não é mais um pressuposto essencial, mas sim o alargamento da classe de consumidores contínuos.

Por essa via, todos os projetos culturais e de arte de alto repertório se tornam restritos a grupos *underground* de elite – uma elite marginal, muitas vezes falsamente disfarçada como gente pobre, tentando imitar a nova gigantesca classe de eternamente pobres consumidores, mas cada vez mais inexistente em termos estatísticos.

Semelhante processo acontece com o desenho das cidades que, um pouco por todo o mundo, vai intensificando a presença de comunidades fechadas instaladas no seio de gigantescas massas disformes de aglomerados humanos, como as megacidades – fenômeno que começa a conhecer uma acelerada expansão ainda na década de 1980.

São as *edge cities* – conceito cunhado por

pelas viagens mais fáceis. Mas aquele a quem amamos assim é sempre uma abstração, e quem paga o preço é o amor ao próximo exigido durante milênios pela moral judaico cristã».

Em 1993, David W. Cordes e Neville Doherty lançariam a expressão *burnout*, que significa “combustão completa” para designar o estado psicológico de exaustão total devido a um estresse intenso.

Em 2005, na Grã-Bretanha surgiram até mesmo reclamações contra os odores corporais de trabalhadores como sendo responsáveis pelo aumento de estresse no local de trabalho.

Segundo o jornal *Le Monde*, em 2004, mais de 11% dos franceses declararam estar sob intenso estresse e depressão. A quantidade de pessoas com depressão na França aumentou quatro vezes entre 1970 e 1980, e mais de sete vezes entre 1970 e 1996!

Relatórios da *American Psychological Association*, de 2004, revelavam que 54% da população americana estava muito preocupada com o nível de estresse na sua vida cotidiana, 62% consideravam que o trabalho exercia um impacto significativo nos níveis de estresse; e que um crescente número de crianças e adolescentes diziam viver sob estresse. Esses mesmos relatórios indicavam que 73% das pessoas, nos Estados Unidos, apontavam o dinheiro como fator fundamental no aumento do estresse.

O dinheiro se tornou, pela primeira vez, num elemento essencial do *tempo real*. Cartões de crédito, caixas eletrônicos e Internet tornaram complexas operações financeiras de débito, crédito, empréstimos e investimentos um acontecimento imediato, não importando onde quer que se esteja.

No Japão, estima-se que todos os anos o estresse no trabalho provoca o suicídio de mais de dez mil pessoas – a ponto de ter sido criada uma

realidade de todos os que estão por perto e surge uma situação de estresse. Não é o *conteúdo* de algo que produz estresse, mas a *estrutura do tempo*. Com o *tempo real* tudo muda *imediatamente* e, seguramente, seria possível estabelecer uma história do estresse a partir do surgimento do telégrafo e do telefone no século XIX.

Em 2004, Michael Marmot, Professor de Epidemiologia e Saúde Pública e diretor do Centro Internacional para a Saúde e Sociedade na University College em Londres, publicou *Síndrome do Status: Como a sua posição social afeta diretamente a sua saúde e expectativa de vida*, onde ele demonstra que em qualquer grupo social os indivíduos no topo da hierarquia são até quatro vezes menos estressados e assim, quatro vezes menos sujeitos a doenças. Pessoas no topo de estruturas hierárquicas são menos sujeitos a *pressões de tempo real*.

Numa estrutura horizontal, *plana*, como a sociedade *low power*, há cada vez menos pessoas

que podem se considerar “no topo”. Todos passam a estar cada vez mais sujeitos a pressões, nos empregos, do Estado, do consumo, das dívidas – tudo funcionando em *tempo real*.

Como mostrou Robert Sapolsky, cada vez que somos submetidos a um grande volume de informação em curto espaço de tempo desencadeamos a produção de glucocorticóides e entramos em estresse. A secreção de glucocorticóides está diretamente relacionada com degeneração neuronal, para além de problemas cardíacos ou mesmo ósseos.

O fenômeno do *tempo real* está intimamente ligado ao do aparecimento do *teleanthropos*.

Cunhado por René Berger nos anos 1990, o termo *teleanthropos* indica o ser humano formado à distância, como uma espécie de produto de um *Frankenstein* coletivo e virtual.

No ano de 1800, apenas 2% da população

planetária era urbana. Em 1950 a população urbana, em todo o mundo era de cerca de 30%. No ano 2000 essa população era de cerca de 50%. Em 2005 o número de pessoas vivendo em cidades foi estimado em quase três bilhões e duzentos milhões de habitantes.

Assim, em 2008 já haviam mais pessoas nas cidades, em todo o planeta, que no campo. Apenas na segunda metade do século XX, de acordo com as Nações Unidas, a população urbana mundial foi multiplicada por quatro. Estima-se que em 2030, mantendo-se as tendências do início do século XXI, a população urbana mundial ultrapasse os 70%.

Ainda segundo os relatórios das Nações Unidas, quase 90% do crescimento urbano entre os anos de 2000 e 2030 acontecerá em países pobres.

Mais de 13% da população dos Estados Unidos em 2005 tinha nascido em outro país – na França e na Alemanha esse número era de

aproximadamente 11%. E cerca de 22% do PIB mundial era dedicado às viagens turísticas, em todo o mundo!

Em 2008, mais de quinhentos mil chineses viviam permanentemente na África.

De acordo com dados de 2001, o aeroporto de Heathrow, em Londres, transportava anualmente mais de sessenta e três milhões de passageiros através de mil duzentos e cinquenta vôos diários.

No início do século XX, um americano típico viajava, durante toda a sua vida, cerca de dois mil quilômetros. Apenas cem anos mais tarde, ele passou a viajar vinte mil quilômetros a cada ano e apenas no seu automóvel!

Nos mercados de praticamente todas as cidades, tornou-se comum a comercialização de frutas que crescem em partes diferentes do planeta, até mesmo enganando o ritmo natural das estações climáticas.

planeta.

Ainda assim, poucos eram os estabelecimentos com uma cozinha refinada. A maior parte dos restaurantes surgidos durante os últimos anos do século XX obedeciam aos princípios do *low cost*: comida de aparente boa qualidade com preço baixo, boa aparência e acessível a praticamente todas as pessoas.

Para se ter uma idéia acerca da velocidade com que essa transformação aconteceu, até os anos 1960 e 1970 a *pizza* era praticamente desconhecida em Portugal, um país europeu distante apenas cerca de mil e setecentos quilômetros da Itália. Até os anos 1980, a fruta *kiwi* era desconhecida no Brasil, e assim por diante.

Responsável por uma espécie de explosiva distribuição planetária de um tipo específico de alimentação – por vezes severamente criticado pela baixa qualidade alimentar devido ao grande peso de calorias e gorduras animais saturadas

– a cadeia de restaurantes *McDonald's* tinha, no início do século XXI, mais de trinta mil unidades operando em mais de cem países.

Estimavam-se, nos primeiros anos do século XXI, existirem quase dois bilhões de aparelhos de televisão funcionando em todo o mundo – com uma média de um aparelho para cada três pessoas. Mas, nos países mais pobres, que somavam cerca da metade da população planetária, essa média ainda era de um aparelho para cada doze pessoas. Apesar da grande diferença, era um número surpreendente ao compararmos com a realidade de poucas décadas antes, quando a presença da televisão naqueles países era praticamente inexistente.

Centenas de canais de televisão surgiram num fluxo contínuo, transmitindo imagens e informação de toda a parte do planeta. Passou a ser possível seguir um conflito armado ou um desastre internacional *ao vivo* – como aconteceu com a guerra com o Iraque em 1991 e em 2003, ou

o Google Earth, você poderá voar para qualquer local da Terra para ver imagens de satélite, mapas, terrenos, edifícios em 3D e até explorar galáxias no Céu. Poderá explorar conteúdo geográfico complexo, guardar os locais visitados e os partilhar com outros utilizadores».

Cidades, novos espaços em todo o planeta que passaram a ser visitados gratuitamente por milhões de pessoas, onde quer que estivessem.

Outro sensacional aplicativo é o *Google Sky*, que permitiu uma experiência semelhante ao *Google Earth*, mas com imagens do Universo. Assim, tornou-se possível e acessível a praticamente todos não apenas voar virtualmente sobre o planeta Terra mas também mergulhar na vastidão do espaço sideral, aventura antes reservada a especialistas em astronomia.

O sucesso do *Google Earth* e do *Google Sky* foi tal que em abril de 2008 surgiu a notícia de que estaria em preparação o *Google Ocean* – então

produção cinematográfica mundial passou a possuir cenas eróticas. Na publicidade, o apelo ao corpo e aos impulsos sexuais se tornou generalizado.

A emergência de uma cultura dos prazeres, uma sociedade fortemente hedonista, implica a expansão de grandes *médias* em termos sensoriais e projeta o efeito da experiência exclusivamente individual.

Virtualmente todos passaram a ter acesso a praticamente todo o tipo de música – mas, não mais a uma música *diferente*. Todos passaram a ter acesso ao mais variado tipo de informação, sempre pela média estatística.

Jacques Attali mostra no seu fascinante livro *Bruits: Essai sur l’Economie Politique de la Musique*, de 1977, como aquilo a que chamamos de “música” é uma espécie de desenho de poder na ordenação lógica dos sons.

Assim, o estabelecimento de uma ordem

intensamente comercializados praticamente somente a partir dos anos 1970, já era maior do que toda a indústria cinematográfica mundial apenas vinte anos mais tarde.

Centenas de novos jogos eram criados nos mais diversos pontos do planeta, do Japão aos Estados Unidos, e eram jogados por participantes espalhados pelos mais diferentes locais do planeta.

A média do *low power* em baixa intensidade e larga distribuição, tornou aquilo que antes eram elementos de reflexão no tempo em pura distração em *tempo real*, imediatamente, rebaixando as capacidades de concentração e de auto crítica.

Esse fenômeno fez com que praticamente todos os ambientes se tornassem meios audiovisuais. Casas, edifícios, lojas, restaurantes, supermercados, bancos e farmácias foram sendo transformados em verdadeiros veículos de comunicação.

Pela primeira vez na história do ser humano, virtualmente todos os espaços edificados passaram a ser sonorizados.

Isso aconteceu com a eletrônica e, principalmente, depois da invenção dos *compact discs* no final do século XX.

Mesmo os *compact discs* tiveram uma vida relativamente curta. Criados nos últimos anos do século XX, logo na primeira década do século XXI eles começaram a ser substituídos por informação acumulada em *microchips*, com uma distribuição ainda mais eficiente.

Assim, passamos a ouvir música de praticamente todo o planeta nos nossos carros, onde quer que estivéssemos, à espera de sermos atendidos ao telefone, num consultório médico, numa livraria ou ao fazer compras nos supermercados – com músicas vindas dos mais distantes lugares e numa alucinante diversidade!

Ninguém mais pode comprar tudo o que está a venda. Os antigos limites foram desintegrados pela gigantesca quantidade e diversidade de produtos, muitas vezes vindos das mais diferentes partes do mundo.

A pressão pelo consumo passou a ser tal que o objetivo primeiro das pessoas, em geral, deixou de ser cultivar uma profissão e se transformou na simples aspiração de ganhar dinheiro, o mais rapidamente possível.

Isso fez com que as próprias pessoas passassem a aspirar uma hiper rotatividade no mercado de trabalho, na esperança de maiores ganhos e, conseqüentemente, de maior consumo.

Por outro lado, fortemente orientada para o tempo presente, num universo de consumo contínuo, o antigo sentido de investimento a longo prazo dependendo de um retorno futuro assegurado – típico da classe média – praticamente

de mudar facilmente de fornecedor, em diferentes países, seguindo sempre o princípio do preço mais baixo, ao fácil trânsito entre diferentes tempos e culturas.

Don Tapscott e Anthony Williams, respectivamente professores na Universidade de Toronto e na *London Business Scholl*, disseram no seu livro *Wikinomics*, de 2007: «A empresa autenticamente global não tem fronteiras, nem estruturas regionais. Ela constrói ecossistemas transnacionais para conceber, montar e distribuir produtos para todo o mundo».

Mesmo em termos políticos, embora alguns autores sublinhem o fato de que as fronteiras com a Europa e com os Estados Unidos ou mesmo com a China tenham se tornado ainda mais rigorosas, a antiga realidade de fronteiras nacionais, dividindo centenas de países, deu lugar à emergência de uma espécie de muralhas continentais.

Ainda assim, mesmo que tais muralhas

fossem relativamente impermeáveis à passagem de pessoas, elas se tornaram inexistentes para os grandes ecossistemas internacionais, incluindo o comércio de drogas.

Esse fluxo complexo, como se tratássemos de fluídos, projetou uma realidade descontínua, mas não-linear e totalmente diferente daquela produzida pela literatura.

Paralelamente ao fenômeno de uma sociedade de contínuo, generalizado e baixo, contínuo e generalizado poder – para a qual a superficialidade é signo primeiro – surgiram pontos de alta concentração de conhecimento: verdadeiras *singularidades*.

Como um claro mas aparentemente paradoxal fenômeno na química, tal como as zonas de atração que se formam nos fluídos em turbulência, também nesse complexo de viscosidade são formadas *singularidades* das mais diversas naturezas.

Assim, da mesma forma que tudo na Natureza opera por contrários, um sistema híper conectado também é portador de *estranhas* tendências de fragmentação, projeção de *singularidades*, de pequenas estruturas relativamente estanques.

Trata-se de um curioso fenômeno que não apenas revelou grupos de fanáticos nacionalistas e religiosos reagindo por vezes desesperadamente contra a incontrolável emergência de algo maior e mais avassalador que uma *aldeia global*, como também pequenos agregados de multimilionários para quem o dinheiro em muito ultrapassou qualquer relação com o consumo. Pessoas fechadas em mundos isolados, mergulhados numa permanente competição de números.

Dados de 2003 do *World Bank* mostravam que 20% da população planetária controlava mais de 80% das riquezas e cerca de 60% da energia comercial mundial. Entretanto, se esse estudo fosse mais aprofundado, seguramente revelaria

fluxos, turbulências que nos mostram o planeta funcionando não mais como uma estrutura fortemente hierarquizada, tal como era típico na imagem do mundo literário, mas enquanto um sistema de nano decisões distribuído em descontinuidade, numa espécie de viscosidade.

Telefones celulares – cada vez menores, com mais autonomia e mais flexibilidade. Milhões de usuários de correio eletrônico e de Internet. *Neognósticos*. Televisão a cabo, multiplicando exponencialmente o fenômeno de comunicação de massa que inaugurou os anos 1960. Internet e televisão digital interativa estabelecendo definitivamente o padrão do *tempo real*, nunca antes experimentado pelo ser humano – pelo menos até o surgimento do telefone. Cada vez mais edições de livros, jornais e revistas.

O planeta nunca esteve tão *ligado*, tão transformado pela híper comunicação.

Contas de serviços, como eletricidade ou

água, passaram a ser pagas em terminais virtuais – assim como passaram a ser comprados bilhetes aéreos, ou feitas reservas para viagens, jantares, ou cinema.

O dinheiro acabou por ser praticamente substituído por cartões de crédito, e estes por cartões inteligentes que, para além de possibilitar a existência de um dinheiro virtual, passou a localizar a presença de cada pessoa no território físico, registrando todos os seus passos.

Essa notável metamorfose fez com que o planeta se transformasse, essencialmente, num mundo de *serviços*.

Entre 1960 e o ano 2000, a parcela do orçamento familiar dedicado aos serviços passou de 25% para 50%.

Em 2006, os serviços representavam cerca de 70% de toda a atividade econômica dos países presentes na *OCDE Organização para a Cooperação*

centenas de pequenos produtos e serviços nele incluídos – rádios, leitores de cd, leitores de DVD, ar condicionado, sistemas de navegação, computador de bordo, ABS, geladeiras, televisores para além de um incontável número de diferentes equipamentos, por exemplo – e o carro em si mesmo se tornou numa boa desculpa para uma avalanche de consumo.

O universo dos serviços amplifica exponencialmente e transforma o antigo conceito conhecido como *Efeito Diderot*.

Denis Diderot, que viveu entre 1713 e 1784, e que ficaria conhecido como o editor chefe e criador da célebre *Enciclopédia*, foi responsável por um pequeno e interessante ensaio chamado *Regrets sur ma vieille robe de chambre ou avis à ceux qui ont plus de goût que de fortune – Lamentos sobre o meu velho roupão ou aviso aos que têm mais gosto que dinheiro* – publicado em 1772.

Nele, Diderot poeticamente descreve a

fortemente caracterizada pelos *serviços* e pelo *consumo contínuo low cost*, deixou de ser uma realidade construída por objetos e passou a ser designada por relações.

Como desígnio da imensa massa de consumo contínuo, surgiu um grande movimento estético de alta redundância cujas referências primeiras são a pobreza. Mas não a pobreza extrema, a miséria, e sim a *mediocridade*.

Uma vez mais, não se trata de julgamentos de valor. Boa parte dos *clips* de vídeo são um notável exemplo de como esse fenômeno acontece. Quando os observamos com atenção – não como consumidores – e desligamos o som, podemos observar mais claramente.

Em geral, são imagens com grande qualidade, excelente definição, de corpos em posições sensuais, loiras com grandes seios, mulheres negras com pernas esculturais, rapazes musculados, todos com olhares sensuais, pessoas

que saltam, correm, muitas vezes quase nus, imagens de cidades – quase nunca do campo – muitas pessoas, geralmente focalizando minorias de toda a espécie.

Quando assistimos aos vídeo *clips* sem som, geralmente tudo acontece como se estivessem contando uma história, que está presente na letra da música, como se revelasse o resgate do meio anterior, a literatura, como *conteúdo*. Tudo orientado para os adolescentes, o seu mercado principal.

Quando associamos o som às imagens, o ritmo é o elemento principal, não raro com uma pulsação um pouco acima do batimento cardíaco normal. Complexos movimentos sincopados e uma espécie de contraponto entre imagem e som encerram uma receita para um profundo envolvimento individual, hipnótico.

Sob esse signo passa a acontecer a maior parte da música popular, muitas vezes copiada

de antigos sucessos, tal como se desenrola boa parte da arquitetura com os chamados *arquitetos de catálogo* – que se orgulham de copiar com habilidade sucessos na construção, colocando-se como conhecedores daquele repertório, situando-se dentro da moda – fenômeno que há muito era conhecido da publicidade.

Nesse universo, o direito autoral parece retornar, de alguma forma, ainda por via fragmentada, ao que era comum durante a Idade Média, quando o plágio era visto como sinal de *conhecimento atualizado*, do sujeito *bem informado*.

A questão do direito autoral é uma das mais complexas no universo da sociedade *low power*.

A raiz etimológica da palavra *autor* é o indo europeu **aweg*, que significava “crescer” e estava relacionada ao desenvolvimento das plantas, como o momento que antecede a colheita.

O antigo indo europeu passou ao latim *augere* que se transformou no Francês *accroître* indicando exatamente a idéia de crescimento das plantas.

Daí as palavras *augusto* – que gerou o nome do mês de agosto a partir do título de Júlio César, mas não devemos nos esquecer de que as vindimas, na Europa, acontecem em setembro e outubro, depois do crescimento das plantas em agosto. A palavra latina também gerou *augmentar*, *augurar*, *fundador* e *autor*.

Etimologicamente, o *autor* é aquele que faz crescer novas idéias. Essa noção implica a idéia de que o autor nunca cria *ipsis literis* algo do nada, mas transforma coisas já existentes.

De fato, o que sabemos não nos pertence, como mostrou Marcel Proust no célebre e inesquecível *A la Recherche du Temps Perdu*, ou como sabiamente afirmou Eugène Delacroix quando disse que aquele que aprende consigo

um indivíduo, ou se é parte de uma colectividade.

As idéias de Abraham Moles, relacionando o objeto ao seu consumidor, indicando que por vezes a destruição do objeto implicava um sentimento de morte por parte daquele que a possuía, acabariam por alertar para o fenómeno inverso: o *status* do indivíduo dá ao objeto a sua qualidade primeira, a noção de *particularidade* em oposição ao *universal*.

Por isso, apenas se considerarmos o indivíduo como uma unidade concreta, isolada de tudo, poderemos facilmente reconhecer o direito à propriedade. Mas, se o tivermos enquanto parte do todo, de uma comunidade, como tal poderia ser reconhecido?

O conceito de *indivíduo* está diretamente relacionado a um fenómeno visual – a *sístase*. Quando olhamos algo não vemos uma coisa de cada vez, tudo é abrangido num único lance – isso é a *sístase*.

Sociedades mais intensamente visuais, isolam com mais facilidade as pessoas identificando mais efetivamente *indivíduos*. Quando tal acontece, a *culpa* se torna responsabilidade da pessoa enquanto entidade autônoma – e a própria idéia de *responsabilidade*, que etimologicamente significa *resposta a algo*, passa a emergir como algo *pessoal*.

Um confessionário seria algo impossível para uma cultura predominantemente oral. A invenção do confessionário, típico da igreja Católica, apenas ganharia popularidade a partir do século XIII, quando o indivíduo já estava mais intensamente *visual* – e perderia impulso no final do século XX, como a emergência dos sistemas de híper telecomunicação interativa em *tempo real*.

A confissão lida com o indivíduo e embora acústico no seu *conteúdo*, o confessionário é uma *embalagem fechada e individualizada e pecados pessoais*.

Ainda assim, mesmo que possamos identificar – com maior ou menor precisão – figuras como Tales, Anaxágoras, Anaximandro, Anaximenes, Heráclito, Parmênides, Zenão, Sócrates, Platão, Xenofonte, Aristóteles ou Tucídides entre tantos outros, seria somente já em pleno Império Romano, com Cícero, que teríamos as primeiras determinações em relação ao chamado *direito de autor*.

Isto é, foram necessários milhares de anos de gradual intensificação visual – passando pelo mundo sumério, pela cultura acádica, pelo universo egípcio até ao *Milagre Grego* – para que a onda visual produzida durante o Império Romano pudesse gerar o princípio da idéia de *direito de autor*.

Mas, há um detalhe importante: a diferença entre os conceitos de *propriedade* e de *posse*. Uma pessoa pode ser proprietária de algo e não ter a sua posse, e o contrário é igualmente verdadeiro.

Assim, o termo *posse* significa, nas suas teias etimológicas, a idéia de *domínio sobre uma ligação*, sobre uma relação, sobre um *ato de união*, revelando as profundas relações entre *poder* e *consumo*.

Quando tratamos de *direitos de autor* estamos, normalmente, tratando sobre os *direitos de posse* e não obrigatoriamente de *propriedade*.

Quem tem a posse de algo também tem, obrigatoriamente, o seu usufruto.

Assim, partindo de Cícero, o sujeito que realiza uma *transformação* tem o direito à posse do seu produto, como reconhecimento pelo surgimento de algo novo. É a idéia de *posse* e não de *propriedade* sobre o conhecimento que foi defendida por Cícero – que usou especificamente a palavra latina *possessio*.

Se uma tal idéia já existia em relação a bens materiais, seria Cícero a inaugurar o conceito em

termos imateriais, como a defesa da autoria de uma idéia.

Cerca de cem anos mais tarde, o grande poeta Ibérico Marcial passaria a aplicar o termo *plagiarius* – até então utilizado para designar alguém que roubava um escravo – ao *roubo literário*, roubo da *forma de uma idéia*, refinando o conceito do direito, agora aplicado ao mundo imaterial das idéias, fazendo assim emergir o conceito de *plágio*.

Foi necessária uma forte intensificação do uso especializado da visão através do alfabeto fonético e do papiro para que a *visualização* de elementos imateriais pudesse acontecer.

Fenômeno que permitiu a emergência do direito de posse sobre algo que não existe, em princípio, em termos materiais.

Em termos lógicos, a forte *visualidade* de Cícero é patente nos seus textos. Em *De Inventione*,

Cícero argumentava que «todo o assunto que contém em si mesmo uma controvérsia a ser resolvida pela discussão e pelo debate envolve uma questão sobre o fato, sobre uma definição, sobre a natureza de um ato, ou sobre processos legais. Essa questão, então, da qual todo o caso emerge, é chamada *constitutio* ou ‘mérito’. (...) Há uma controvérsia sobre a natureza do caráter de um ato quando apesar de existir concordância em relação ao que deve ser feito e certeza sobre como o ato deveria ser definido, também existe uma questão sobre quão importante é ou de que tipo, ou ainda em geral sobre a sua qualidade, e. g. o que é justo, injusto, lucrativo ou não lucrativo». Cícero interpola departamentos de categorias num processo de natureza fortemente visual.

Questões relativas à posse ou à propriedade, ao que é ou não lucrativo, ao justo ou ao injusto face a um *corpus* legal estável, seriam fortemente eclipsadas quando Roma perdeu o controle sobre Alexandria e conseqüentemente sobre a produção de papiro, mergulhando no período conhecido de

como *Statute of Anne* – que dizia: «Onde quer que impressores, vendedores de livros e outras pessoas que tenham frequentemente tomado a liberdade de imprimir, re-imprimir, publicar ou levar à impressão, re-impressão e à publicação de livros e outros escritos sem o consentimento dos autores ou proprietários desses livros e escritos, para o seu grande prejuízo, e muitas vezes para a sua ruína e das suas famílias: para prevenir portanto tais práticas no futuro, e para o encorajamento de pessoas esclarecidas para que componham e escrevam livros úteis, assim deseja a Sua Majestade que seja promulgado, e que seja promulgado pela Mais Excelente Majestade a Rainha, por e com o conselho e consentimento dos Senhores Espirituais e Temporais, e os Comuns neste presente Parlamento em Assembleia, e pela autoridade do mesmo, que a partir do dia dez de abril de mil setecentos e dez, o autor de qualquer livro ou livros já impressos que não tenha transferido para qualquer outra pessoa direito sobre cópia ou cópias de tal livro ou livros, ação ou ações, para livreiro ou livreiros, impressor

significa *casal* ou *par*.

Logo após o início da fabricação de papel na Europa no século XII, o termo *cópia* emergiu com um novo significado, indicando a idéia de “recursos”. Apenas cerca de cem anos mais tarde, surgiria o sentido de “cópia de um manuscrito”, e no século XVI seria amplamente utilizado como qualquer tipo de cópia, tal como fazemos hoje.

A idéia da *abundância* relacionada com a da *duplicação* de uma coisa indica uma *ampliação* – em termos materiais ou imateriais.

Esse era o antigo sentido dos *copistas* romanos que *ampliavam* a herança grega, tantas vezes através de réplicas em pedra para originais em metal.

Quando transitamos para um universo virtual em *tempo real*, a *cópia* dá lugar ao *clone*.

A palavra *clone* foi cunhada em 1903

Por outro lado, daquela antiga partícula *s também surgiu a palavra indo européia *segh que indicava a idéia de uma qualidade inerente à coisa – algo que caracteriza o objeto, que a ele pertence como elemento essencial que, portanto, o designa. Passou à palavra grega hektos, significando “que se pode ter”, e a expressão epokhê, que significa “paragem”, *descontinuidade de uma qualidade* – fazendo surgir a nossa palavra *época*.

Quando tratamos de determinada uma época, fazemos, portanto, uma espécie de *corte* no tempo.

Aquilo que definimos como *ética* passou a ser a compreensão de usos e costumes de um determinado povo, numa determinada *época*. Uma abordagem tipicamente visual, delimitando e classificando tempo e espaço.

Nos anos 1960, o legendário crítico e filósofo da arte Herbert Read e o não menos genial médico e cientista Lewis Thomas, seu contemporâneo,

cartas ou mensagens de grupos de criminosos, formando *gangs* internacionais, que procuram convencer pessoas incautas e gananciosas de que possuem uma grande soma de dinheiro numa conta bancária e que necessitam de alguém como correspondente, a quem caberá uma generosa comissão. Na verdade, assim que a vítima responde, fica estabelecida uma ponte com os criminosos que iniciam um processo de extorsão, com graves ameaças, chegando mesmo ao sequestro.

Para Moisés Naím, editor da revista *Foreign Policy*, «desafiando regulamentos e impostos, tratados e leis, virtualmente tudo de valor é colocado à venda no mercado global de hoje – incluindo drogas ilegais, espécies ameaçadas, bens humanos para escravatura sexual, cadáveres humanos e órgãos vivos para transplantes, metralhadoras e lançadores de mísseis, centrífugas e substâncias químicas usadas no desenvolvimento de armamento nuclear».

Numa onda aparentemente incontrolável,

vários grupos utilizando as mais avançadas tecnologias de clonagem passaram a produzir grandes quantidades de dinheiro falso na Europa e em todo o mundo. Mais que cópias, as clonagens de dinheiro eram muitas vezes praticamente idênticas aos originais.

A expansão da base monetária, que antes era privilégio exclusivo dos bancos centrais, passou a contar com um elemento estranho e fortemente turbulento: a clonagem.

Mercados de rua, mesmo nas grandes cidades européias, passaram a ser constantes alvos de rusgas policiais na busca – quase sempre com grande sucesso – dos mais diferentes produtos falsificados, não apenas de dinheiro falso. Produtos que por vezes eram tão bons quanto os originais, mas que custavam uma pequena fração do seu preço.

De acordo com a *Interpol*, o comércio de contrafação nos Estados Unidos cresceu cerca de

oito vezes entre o início dos anos 1990 e 2005, em apenas quinze anos. Na União Européia, o comércio de contrafação cresceu cerca de 900% apenas entre 1998 e 2001 – dobrando no ano seguinte!

Mais de 40% dos produtos *Procter & Gamble* e cerca de 60% dos produtos *Honda* são falsos – e em torno de 95% dos programas de computador para negócios, em todo o mundo, são contrafações.

O universo da contrafação foi ampliado de tal forma que levaria Moisés Naím a afirmar que pessoas vivendo confortavelmente em países ricos «estão mais conectados com o tráfico – e com os seus efeitos globais – do que muitos de nós poderiam imaginar».

O próprio conceito de indústria – tal como o moderno conceito de democracia – é uma produção literária.

Com a literatura, o sentido de identidade é estabelecido com o leitor em silêncio, transformado em *ponto de fuga* soberano em todo o processo e, portanto, isolado de todos os mundos que não lhe pertencem. Mas, com os sistemas virtuais tudo passou a acontecer de forma diferente.

Com os novos meios digitais todos os mundos passaram a pertencer à pessoa e ela – enquanto entidade separada de tudo, enquanto *indivíduo*, tal como acontecia com a sociedade da literatura – começou a se desintegrar.

Essa desintegração, profunda mudança de mentalidades, não é algo de caráter *patológico*, como geralmente consideramos a *necrose*, mas uma metamorfose que por vezes nos parece muito sutil, como se tudo acontecesse por *apoptose* – e olhamos o mundo como se ele sempre tivesse sido assim.

Apoptose é um termo utilizado pelos biólogos para indicar a queda das folhas de uma

Photographers of America, a *APA Advertising Photographers of America* ou a *NPPA National Press Photographers Association* rapidamente se mobilizaram contra a reforma *orphan works*.

Os defensores da reforma argumentavam que, com ela, antigas imagens, de caráter histórico, poderiam ser salvas e preservadas por museus e centros de cultura. Por outro lado, os críticos alertavam para o risco de que fotos não identificadas, até mesmo por acidente ou por roubo, circulando livremente na Internet poderiam ser oficialmente consideradas *órfãs*, eliminando automaticamente o direito dos seus autores.

Com o objetivo de utilizar com fins comerciais uma imagem, qualquer pessoa a poderia colocar circulando na Internet sem identificação e isso legalizaria automaticamente o roubo.

Todas as legislações de direito autoral permitem o uso de obras – sejam visuais ou não – para uso didático. O principal propósito do *Orphans*

Act 2008 parece ser o alargamento do direito de livre comércio a todos, praticamente eliminando o antigo conceito de direito de autor.

Se aprovada, a pretendida reforma *orphan works* aproximaria, na prática, os Estados Unidos de países como a China, onde o valor do direito autoral é extremamente relativo, senão praticamente inexistente.

Toda a discussão sobre *orphan works* gira em torno de um fato: a transformação de *cópia* em *clone*. Imagens na Internet, ou mesmo em revistas, passaram a estar sujeitas a rápidas e baratas clonagens sem a necessidade de investimentos ou conhecimento técnico.

Aquilo que fazíamos como *cópia*, tornou-se *clone* – e, em termos lógicos, no universo do *clone* não há livre arbítrio.

Por isso, muitas vezes o crime cometido por uma pessoa passou a ser explicado pelas suas

origens sociais e pelo ambiente em que viveu; por vezes o sucesso de uma pessoa também passou a ser justificado pelas oportunidades que a vida lhe presenteou – abordagens que seriam profundamente estranhas para a mentalidade literária do século XIX.

É interessante fazer uma breve reflexão sobre a questão da delinquência e do delito nesse contexto.

Michel Foucault defendia que a emergência de uma sociedade da vigilância no século XVIII, típica nos hospitais e nas prisões, teria desencadeado o conceito de *delinquência* – «Foi a institucionalização dessa nova forma de poder, local e capilar, que impeliu a sociedade a eliminar certos elementos tais como as cortes e o rei».

Foi uma época que gerou a figura do *delinquente* como parte essencial dos sistemas de produção da nova sociedade. Até então, a figura do criminoso era tolerada pela sociedade, tal como

revela – como se aqui pudéssemos resgatar Lacan e as suas geniais reflexões – uma natureza enquanto *ligação*, ou a reincidência na quebra de ligação. E tal apenas é possível quando temos presente as idéias de *cópia* e de *repetição*.

A palavra *delinquente* apareceria apenas no século XIV, coincidentemente com a imprensa de Gutenberg.

A *cópia* traz em si, obrigatoriamente, o erro. O *clone* é a extensão automática de um *ambiente*.

F de Falso: destino e livre arbítrio – responsabilidade e competência

Eu prometi que durante uma hora eu contaria apenas a verdade. Aquela hora, senhoras e senhores, acabou. Durante os últimos dezessete minutos eu estive mentindo à solta.

Orson Welles

No mundo acústico, o destino é soberano. No mundo visual, o seu lugar é tomado pelo livre arbítrio.

Apenas com o livre arbítrio pode existir a figura do *pecado*.

Quando alguém pertencente ao universo oral mata outra pessoa, ou quando sofre um atentado, acima de todo e qualquer julgamento possível foi a Natureza – ou Deus – que produziu o evento, algo totalmente fora do controle pessoal, mesmo que haja punição. Mas, quando alguém pertencente ao mundo literário mata outra pessoa, ele é o responsável absoluto, isolado, sem atenuantes.

Essa abordagem de flagrante conflito entre o destino, ou o sentido de pura causalidade, e o livre-arbítrio tem sido motor de calorosos debates desde os tempos mais antigos.

Quando existe o livre-arbítrio, também existe – em termos lógicos, ou estéticos – uma espécie de *estrutura em perspectiva*, com o agente revelado enquanto *ponto de fuga* de um sistema fortemente hierárquico. Essa é a natureza

fundamental da *sístase*, da visão.

Aquela *estrutura em perspectiva* é a responsável pelos nossos sentidos de mérito e profissionalismo.

Ao deslocarmos a intensificação de uso para outros sentidos, ou mudarmos a configuração sensorial, redesenhamos a nossa *paleta sensorial* e estabelecemos valores segundo princípios lógicos diferentes.

O papel e o alfabeto fonético, amplificados pela imprensa de tipos móveis de Gutenberg, projetaram o universo literário, o mundo em silêncio, como uma espécie de solipticismo que tornou possível a emergência de um personagem genial como Montaigne, por exemplo.

Em torno do ano 1000 – antes de sofrer os efeitos do início de produção de papel, ainda mergulhado em pleno espírito medieval – o primeiro sistema policial inglês era baseado no

girava em torno da aspiração a uma competência, a uma profissão.

Tal como acontece com a estrutura social das sociedades não visuais, onde o valor é estabelecido a partir das relações e não de um resultado da ação, a realidade *low power* é, por excelência, a dos privilégios e das “igrejas”, grupos fechados de interesses e relações de obrigação, na maior parte das vezes de natureza informal. Por isso, tornou-se cada vez mais difícil encontrar livros de não ficção escritos por pessoas que não estejam amarradas a algum organismo acadêmico. Tornou-se cada vez mais difícil a existência do indivíduo independente.

A competência implica a independência num quadro de interdependência. Quem conheceu algum regime comunista sabe que um dos traços mais evidentes é a da desresponsabilização – tudo funcionando numa cadeia de relações.

A realidade da sociedade *low power*,

profundamente mergulhada no consumo e entretenimento *low cost*, é a da incompetência.

Para Jean-Marc Vittori, «o que acaba com as classes médias é uma nova revolução industrial. A máquina aumentou de maneira espetacular a eficiência daqueles que nada sabiam fazer. Ela deu vantagem de poder aos braços. Ao contrário, as tecnologias de informação dão vantagem de poder ao cérebro. O computador e a Internet não trazem qualquer coisa a quem não sabe ler».

Há uma nova revolução, mas não mais de caráter industrial. De fato, os computadores e a Internet nada trazem a quem não sabe ler em termos absolutos. Mas, há diversos níveis de domínio de linguagem. Não é necessário muita competência no domínio da linguagem verbal para se operar um computador ou navegar na Internet. Plataformas e programas são amigáveis e facilitam todo o percurso.

E, em última instância, tudo é “utilização

do cérebro”. O mais interessante é saber com que tipo de utilização estamos lidando.

A palavra *competência* tem a sua antiga raiz etimológica no indo europeu **pet*, que indicava a idéia de impulso criativo, de energia do fazer, e daí também a palavra *ímpeto*.

Todo o *impulso* para realizar coisas implica mudança.

Mas, de forma semelhante ao que acontecia durante o período medieval, a *mudança* passou a ser vista, na passagem do terceiro milênio, como algo perigoso, como algo contrário ao fluxo do consumo contínuo. Ainda que nesse universo tudo seja mudança, todo o tempo, quando temos somente mudança aparente, nada é, de fato, mudança.

E esse é um dos indicadores por excelência do universo da superficialidade gerado pela televisão e pelo entretenimento total.

Um universo para o qual já não pode mais existir uma *elite*. Assim, toda a referência a qualquer tipo de *elite* se tornou maldita.

O universo da antiga classe média é o mundo das *elites*. Mas, no mundo da sociedade *low power* até mesmo aqueles que se consideram parte de alguma *elite* pouco ou nada têm a ver com as antigas *elites*.

A realidade da antiga classe média estabelecia *elites* nos mais diversos domínios. Em qualquer deles, essa condição implicava um conhecimento especializado e inacessível à maioria das pessoas.

Poderia haver uma elite cultural, uma elite política ou uma elite industrial. Mas, com os sistemas de hiper comunicação planetária todo o conhecimento passou a ser acessível a todos. Por outro lado, a rápida rotatividade dos empregos praticamente eliminou o antigo *connaisseur*.

tortura na Síria durante quase um ano.

As autoridades canadenses realizaram um inquérito provando que Arar era inocente, que as informações dadas às autoridades americanas eram infundadas e que ele tinha sido severamente torturado na Síria, reconheceram o terrível erro e lhe pagaram uma indenização.

Por outro lado, os Estados Unidos jamais reconheceram qualquer responsabilidade em relação ao caso e até fevereiro de 2009 Arar ainda estava incluído nas listas americanas de suspeitos de atividades terroristas, não reconhecendo qualquer valor do inquérito canadense.

O universo de incompetentes e de irresponsáveis, típico de uma sociedade *low power*, permeia todos os extratos sociais e também se revela nas decisões dos Estados.

Nas grandes empresas até ao início do século XXI, os pequenos erros diários ainda eram tantos

como boa ou má, correta ou errada, assim como não se trata de estabelecer um quadro absoluto, mas de tendências gerais.

Nessa onda de transformações, o relacionamento do ser humano com a morte também parece ter mudado radicalmente.

Durante o período medieval era comum que todos participassem da morte de uma pessoa, como uma espécie de espetáculo admirado até mesmo por crianças.

Somente no século XVIII surgiram as primeiras representações pictóricas de quartos de moribundos sem a presença de crianças.

Ainda assim, como mostrava Philippe Ariès, «a solenidade ritual da morte no leito tomou, a partir do final da Idade Média, entre as classes instruídas, um caráter dramático, uma carga emocional que antes não possuía».

Por outro lado, um crescente número de pessoas passou a desejar não mais presenciar a morte. Nos hospitais, seções especiais passaram a reservar ao moribundo um local antisséptico longe de qualquer presença humana. Uma proteção contra os olhares daqueles que não são médicos ou enfermeiros.

Mais e mais, em diversas partes do mundo, principalmente entre os jovens, as pessoas passaram a preferir não ver o morto durante os funerais.

Nos Estados Unidos, surgiu uma verdadeira indústria de cosméticos para dar aos mortos a aparência de vivos, disfarçando o acontecimento da morte, já tornada tabu.

Pesquisas indicavam que, no início do século XXI, a maior parte das crianças não chegava a saber o que era a morte real – tinham apenas a superficial consciência produzida pelas imagens, muitas de animação, vistas na televisão, no cinema, em jogos

do Povo. Mas, doze anos mais tarde, em vinte e cinco de abril de 2002, a cadeia de televisão americana *CNN* anunciava que o diretor do *U.S. Patent and Trademark Office* tinha criticado o governo chinês pela falta de ação em relação ao contínuo e sistemático roubo de propriedade intelectual no país: «Ainda, apesar dos acordos com a *Organização Mundial do Comércio*, há pouca evidência de qualquer condenação de cidadãos chineses por crimes de roubo de direitos autorais. Mesmo a filha de Deng Xiaoping teve a biografia que escreveu sobre o pai pirateada pela imprensa chinesa». Naquele ano, a China era responsável por 49% dos produtos piratas apreendidos pelas autoridades americanas.

De acordo com Robert Reich, em 1994 a China era responsável por uma produção de mais de setenta e cinco milhões de *compact discs* áudio falsificados por ano.

Até mesmo a comida passou a ser falsificada. «A contrafação de marcas de comida é um grande

Nesse ano John Kennedy, chairman e CEO daquela poderosa federação acusava: «Tem sido permitido que o roubo de direitos autorais corra livremente nas redes de Internet sob o argumento de desenvolvimento tecnológico. Alguns estimam dizer que não menos de 80% de todo o tráfego da Internet compreende ficheiros que violam os direitos autorais na redes *peer-to-peer*».

A Federação Internacional da Indústria Fonográfica alertou ainda para o fato das vendas da indústria musical terem caído mais de 22%, em todo o mundo, entre 1998 e 2003.

Calculava-se que nos primeiros cinco anos do século XX o número de ficheiros piratas de música em livre trânsito pela Internet subiu de um milhão para mais de um bilhão – número que não parou de aumentar.

Era estimado, em 2005, que mais de um milhão de filmes estavam disponíveis na Internet,

transformando num novo ambiente. Os selos de gravadoras estão pro-ativamente se reinventando, afastando-se do modelo de ‘gravadora centrismo’ e diversificando os seus fluxos de receitas através de um muito mais amplo espectro de produtos e plataformas. O lançamento de um artista hoje pode aparecer em dezenas, por vezes centenas, de diferentes produtos. Consumidores têm mais chances do que nunca de estar conectados e de poderem experimentar a música do seu artista favorito – eles podem comprar uma autorização de *downloading*, um *compact disc*, um *wallpaper* para o seu telefone celular, um *mastertone*, um *e-ticket*, um vídeo de música, tornar-se amigo numa rede social ou assinar a subscrição de um serviço. Em muitos casos, os consumidores escolherão vários produtos e os comprarão em diferentes plataformas».

Curiosamente, nesse relatório da *Federação Internacional da Indústria Fonográfica* sobre música digital, com vinte e oito páginas, possui somente uma referência à chamada *música clássica*, e

os Direitos Reservados’ para ‘Alguns Direitos Reservados’. Somos uma organização sem fins lucrativos. Tudo o que fazemos – incluindo os programas que criamos – é grátis».

A sua direção incluiu os especialistas em direito no ciberespaço e propriedade intelectual James Boyle, Michael Carroll, Molly Shaffer Van Houweling e Lawrence Lessig; o professor de ciência computacional no MIT Hal Abelson; o advogado, realizador de documentários e especialista em direito no ciberespaço Eric Saltzman; o famoso cineasta documentarista Davis Guggenheim, diretor do filme *Uma Verdade Inconveniente* de Al Gore; o empresário japonês Joi Ito; e o editor de domínios web Eric Eldred.

Não controlada pelos Estados, portanto fora das agências governamentais de defesa do direito autoral, *Creative Commons* surgiu como um novo instrumento na defesa dos direitos de autor, e rapidamente se espalhou por todo o mundo.

Por outro lado, Bill Gates acusaria o *Creative Commons* de ser uma ameaça potencial aos lucros dos setores baseados na pesquisa de *software*.

Em 1996, John Perry Barlow – que quatro anos antes tinha co-criado a *Electronic Frontier Foundation* – lançou em Davos, Suíça, a sua *Declaração de Independência do Ciberespaço*, onde ele defendia: «Os seus (governo) conceitos legais de propriedade, expressão, identidade, movimento e contexto não são aplicáveis a nós (utilizadores do ciberespaço). Eles são baseados na matéria, e aqui não há matéria. As nossas identidades não têm corpo, assim, diferentemente de vocês, nós não podemos ser sujeitos a ordens através da coerção física».

Em 1992, poucos dias antes de morrer, John Cage disse-me: «A idéia de capital mudou. Agora o dinheiro passou a ter o sentido de *uso* e não mais de *propriedade*».

Ciberpanspermia

É melhor fazer uma peça musical que a tocar, é melhor tocar uma do que a ouvir, é melhor a ouvir que a utilizar erradamente como meio de distração, entretenimento, ou aquisição de “cultura”.

John Cage

Em 2006, no seu livro sobre o futuro *Une Brève Histoire de l’Avenir*, Jacques Attali descreve, em fato, o que já era uma realidade presente: «De uma forma geral, passaremos da compra ao acesso. A desmateralização da informação, em particular, tornará mais fácil passar da propriedade de dados para o seu uso, permitindo o acesso à cultura, à educação e à informação. O controle

Sempre que pensamos em poder, também pensamos em dinheiro. Mas, numa sociedade *low power* praticamente deixou de existir dinheiro *real*.

Em 2005, Li Pan, pesquisador da *Xi'an Jiaotong University*, na China, defendia que «o dinheiro eletrônico está rapidamente se tornando na moeda de uma nova era, pois o uso do dinheiro eletrônico conheceu um gradual crescimento na última década. O dinheiro eletrônico é visto como a segunda transformação radical da forma monetária. O dinheiro eletrônico não apenas impacta essencialmente o comércio eletrônico, mas também influencia, direta ou indiretamente, o presente sistema monetário e a implementação de políticas monetárias. O dinheiro eletrônico desafia a tradicional política monetária do banco central. Os bancos centrais deveriam estudar seriamente o dinheiro eletrônico».

Especulava-se que somente cerca de 15% do dinheiro, em todo o mundo, teria referência em

valores concretos. Todo o resto seriam números, pura abstração, sem lastro – sendo, assim, livre para ser *redesenhado*, para qualquer tipo de manipulação.

Naquela realidade de dinheiro *invisível*, o preço de praticamente todos os produtos caiu dramaticamente como uma curva assintótica. O preço de um aparelho de televisão em 1967 era apenas 50% do preço original no início dos anos 1950, e somente cerca de 6,5% daquele preço no ano 2000. Então, ele se tornou acessível a 90% das famílias localizadas abaixo da linha de pobreza. O mesmo aconteceu com fornos microondas. Em 1967, o preço de um aparelho microondas era cerca de 38% do preço original quando o equipamento foi lançado em 1955. Em 2002, ele era apenas 15% daquele preço, sendo acessível a 73% das famílias muito pobres. O preço de um rádio no ano 2000 era apenas 6,5% do seu preço em 1962, e o preço de um computador pessoal em 2008 era menos de um terço daquele que era comum apenas dez anos antes.

se tornaram muito menos caros, praticamente acessíveis a todos.

Mas não se trata apenas de produtos novos. O mercado dos leilões e de venda de objetos usados alcançou uma dimensão inesperada a partir do ano 2000 – alterando completamente a própria idéia de *ciclo de vida* do produto, válida para uma sociedade da classe média.

A dinâmica desse novo e efervescente mercado *low cost* de objetos usados lembra, mesmo estando inserido no mundo digital, o turbulento movimento de ofertas e negociações do *bazar* oriental.

A palavra *bazar* surge do persa *baha-char*, que significa exatamente “lugar dos preços”.

Tudo passando a girar em torno de *preços*.

E os preços deixaram de ter uma referência estável. Passou a ser comum encontrar produtos

que antes eram caros por preços irrisórios, e produtos que antes eram baratos por preços elevados. Roupas ou equipamentos eletrônicos, que implicam uma grande quantidade de mão de obra, por vezes a preços muito baixos. Líquidos para lavar vidros ou sabões para máquinas de lavar pratos por preços surpreendentemente altos.

As águas minerais passaram a custar, muitas vezes, mais que gasolina – mesmo com o aumento dos preços do petróleo nos primeiros anos do século XXI.

Essa irracionalidade nos preços fez com que tudo se tornasse na realidade do bazar, onde não há *preço de mercado*. A barganha, tão comum aos países onde o bazar é a realidade do mundo comercial, tornou-se na procura aleatória nas grandes superfícies.

Por vezes, os preços do mundo *low cost* se tornaram tão baixos que facilmente passaram a existir, sem que o cliente se desse conta,

Algo impensável poucos anos antes.

O mesmo passou a acontecer com os hotéis, entre muitos outros serviços. A reserva de um quarto num hotel, para alugar um automóvel, para uma viagem num navio, uma excursão turística ou férias num *resort*, por exemplo, tornaram-se muito semelhantes a verdadeiros leilões.

Nas televisões, desapareceu o conceito de *horário nobre* – que orientava, como uma espécie de *ponto de fuga*, toda a programação diária. Todos os momentos passaram a identificar algum tipo de público, espalhando-se uma fragmentação de *momentos nobres* num fluxo contínuo.

Mas, ainda, o admirável mundo novo da sociedade *low power* também contou com uma crescente presença de pessoas mais velhas que são rapidamente integradas no universo do *consumo contínuo*. «O avanço na idade significava lentidão e inatividade, fidelidade às marcas e subconsumo: hoje, tornou-se um período de vida marcado pelo

na realidade sem esforço da nova sociedade *low power*.

A antiga estratégia social da classe média previa que tudo fosse verificado pelo cliente – cada indivíduo, antes de realizar a compra verificava o preço e a qualidade do produto. Procurava nunca comprar por impulso. Mas, com o *low cost* generalizado, o hábito da verificação e do *não impulso* praticamente acabou.

O consumidor passou a se mover como se designasse grandes médias estatísticas conhecendo sempre, aproximadamente, o custo geral das suas compras, mas não individualizando preços.

Em 2006, estimava-se que, em média, até 60% das compras feitas nos supermercados franceses resultavam de impulsos irrefletidos.

Aquilo que antes designava o sentido da qualidade diferenciada praticamente deixou de existir, passando a estar confinado a pequenos

A realidade do universo literário, simplificando todas as relações através do alfabeto fonético formado por cerca de vinte e cinco sinais básicos, estabelecia um quadro de não contradições, coerente e estável, para o qual a aspiração máxima era o não controle e a não regulação – como caracterizou os ideais da Revolução Francesa e da formação do Estado Americano.

Por outro lado, a metamorfose do universo digital e da sociedade *low power*, tornou todas as relações complexas através de um fabuloso sistema de amplificação e prótese de inteligência, estabelecendo um quadro de profundas contradições, incoerente e instável, para o qual a aspiração máxima passou a ser a *segurança*.

Jacques Attali apontava para o ano de 2050 uma realidade que já estava fortemente presente em 2008: «Todas as empresas, todas as nações se organizarão em torno de duas exigências: proteger

vez.

Entre 1950 e 1995, os processadores digitais tiveram um aumento da sua capacidade de memória e de processamento de informação de cerca de dez bilhões de vezes. Entre os primeiros experimentos digitais nos anos 1920 e os do final do século XX, esse aumento foi de cerca de um trilhão de vezes.

Em 1965, Gordon Moore, co-fundador da *Intel*, fazia uma previsão que seria confirmada ao longo das décadas seguintes: a capacidade de processamento de informação de um *chip* duplicaria a cada dezoito meses.

Estima-se que devido à natureza quântica dos materiais empregados na fabricação de *microchips*, esse crescimento encontraria o seu limite em torno do ano 2020, quando os seus componentes teriam se tornado tão pequenos que inviabilizariam a continuação do processo de miniaturização e conseqüente aumento de

velocidade.

Mas, então, quando esse limite for alcançado, prevê-se que a nanotecnologia estabelecerá novos parâmetros de escala, acelerando ainda mais a velocidade de processamento de informação.

Essa expansão de informação levou Paul Saffo, especialista em previsões e ensaísta, a defender, nos anos 1990, que estaria se iniciando uma nova disciplina, a que chamou de *ecologia eletrônica*.

Uma afirmação de Saffo, de 1991, ilustra com clareza a dinâmica gerada pelo universo virtual: «Somos olhos, ouvidos e órgãos sensoriais pendurados nos nossos computadores e nas nossas redes, pedindo a eles que observem por nós o mundo físico e que o manipule. Quanto mais conectados estiverem os computadores ao mundo físico, mais importante será o tecido de interação».

A desmaterialização da cultura material, a efemeridade, o distante próximo – mesmo no contexto de uma híper superficialidade tudo é *peessoal* numa sociedade *low power*.

A sociedade *low power* se articula como uma massa disforme de inúmeras classes sem clara distinção, onde a pessoa é o único valor – não como individualidade, mas enquanto dado estatístico. Para a sociedade literária, característica da antiga classe média, o valor estava na relação entre o indivíduo e a sociedade. Tratava-se de uma sutil diferença.

Para a sociedade *low power* o valor está na quantidade de aspirações que apontam para uma tendência. O valor não mais está na *relação* entre pessoas e sociedade, mas na intensidade da aspiração ao consumo.

Com a sociedade *low power*, a realidade deixou de ser a da cidade ou da aldeia global, para se tornar no planeta transformado numa

Em 1985, o cidadão médio Americano consumia quarenta vezes mais energia que um cidadão médio na Índia.

Em 2007, o *Cercle des Economistes* na França demonstrava que se apenas a China alcançasse o nível europeu *per capita* de consumo de gasolina, que era cerca de quatro vezes inferior ao dos Estados Unidos, seriam necessários cinco planetas Terra para atender à demanda!

Calcula-se que até 2015 cerca de 80% dos *consumidores contínuos* estarão, pela primeira vez, localizados fora dos chamados *países industrializados*.

O brilhante historiador canadiano Harold Innis, que tanto inspirou Marshall McLuhan, defendia que «a concentração sobre um meio de comunicação implica uma tendência no desenvolvimento civilizacional no sentido de uma ênfase ou no espaço e na organização política, ou no tempo e na organização religiosa». E, de fato,

finais, mais ajudas para organizações *locais*.

Naquele mesmo ano, o *Earth Institute* da *Columbia University* lançava o *Millennium Villages Project*, uma «abordagem de baixo para cima, de forma a capacitar aldeias localizadas em países em desenvolvimento a escaparem por si próprias à armadilha da pobreza».

O que, de fato, passou a existir foi uma nova lógica, um novo ser humano.

Mesmo assim, 95% de toda a energia consumida no planeta em 2008 ainda era de origem fóssil, com um *design* de alta concentração na sua estrutura molecular.

Inesperadamente, esse novo mundo nos lançou, por misteriosas vias, a parte do antigo mundo grego.

Há cerca de dois mil e quinhentos anos, o filósofo Anaxagoras imaginou que a vida era

A idéia permaneceria adormecida, uma vez mais, até ao século XIX quando vários cientistas – e entre eles o genial Hermann von Helmholtz – a resgataram novamente na tentativa de explicar o surgimento da vida na Terra.

Mais tarde, os astrónomos Fred Hoyle e Chandra Wickramasinghe seriam outros importantes defensores dessa hipótese.

Nos anos 1990, René Berger proporia uma nova abordagem para o princípio da *panspermia*, desta vez em termos culturais. Segundo essa nova hipótese, sementes do conhecimento estariam espalhadas um pouco por todo o lado. Com os sistemas de redes globais de telecomunicação interativa em *tempo real*, aquelas partículas de conhecimento seriam cada vez mais espalhadas pelo planeta.

A esse fenômeno, René Berger chamou *ciberpanspermia*.

Assim, ainda que a sociedade *low power* manifestasse uma evidente mediocrização geral, partículas do conhecimento estariam livres, numa quantidade cada vez maior e, agora, articuladas segundo um princípio de distribuição, preparando uma nova e formidável mutação humana.

Entre 1995 e 2005, apenas no Estados Unidos, a publicação de livros convencionais conheceu um aumento de 50%. De 1880 a 1980, foram publicados um milhão e trezentos mil livros nos Estados Unidos – apenas entre 1980 e 2000 esse número subiu para dois milhões.

Em vinte anos, a partir de 1980, a França aumentou o volume de publicação de livros em cerca de três vezes.

Um novo mundo que possui uma nova lógica, uma nova estética, *operando por coordenação* – idéia que tenho defendido desde 1982 com meu texto *Uma Breve História do Desenho do Tempo*.

Uma realidade do planeta transformado numa hípercidade, onde a antiga noção de território se desintegra em meio a um acelerado processo de desmaterialização da cultura material.

Um universo sensorial para o qual «o essencial não é mais dominar um território, mas sim ter acesso a uma rede», como defende Jean-Marie Ghéhenno.

Trajetória para uma lógica do hidrogênio e do fóton, da cidade à *hípercidade*, numa metamorfose para uma civilização do *Tipo I*.

Uma nova civilização que parece ter subvertido definitivamente a afirmação de Nietzsche quando dizia, em *A Vontade do Poder*, que «o objetivo não é a felicidade, mas a sensação de poder».

Para a sociedade *low power*, felicidade é *poder*.

*A revolução planetária está aqui:
Mas há opções –
Conduzida com cabeça quente,
Revolução sangrenta –
Todos perdem;
Conduzida com cabeça fria,
Ciência design e computadores
Revolução de contabilização de riqueza –
Toda a humanidade ganha.*

Richard Buckminster Fuller



Dados sobre o conceito Low Power Society

2006, 18 a 20 de maio

Apresentação da conferência *Amores-Eros & Low Power Society* por *Giorgio Alberti* no Encontro Internacional de Arte e Ciência O Espírito da Descoberta, realizado pela Fundação para as Artes, Ciências e Tecnologias – Observatório, em Trancoso, Portugal. Encontro dirigido por *Emanuel Pimenta*.

2006

ALBERTI, Giorgio – Amores-Eros & Low Power Society, in *Technoetic Art Journal of Speculative Research*, Bristol, Inglaterra, Volume 4, Número 3, publicado em julho de 2006. Número que contou com Emanuel Pimenta como editor convidado.

2007, 17 de abril

Encontro Internacional *The End of a Belief, Towards an Era of Underdevelopment*, na Fundação Monte Verita, em Ascona, Suíça, dirigido por *Giorgio Alberti*.

2007, abril-junho

ALBERTI, Giorgio – Introduction to *The End of a Belief, Towards an Era of Underdevelopment*, in Cenobio Rivista Trimestrale di Cultura, Locarno, Suíça.

2007, 21 a 23 de junho

Encontro Internacional de Arte e Ciência Low Power e O Espírito da Descoberta, realizado pela Fundação para as Artes, Ciências e Tecnologias – Observatório, em Trancoso, Portugal. Encontro dirigido por *Emanuel Pimenta*.

2007, junho

PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo – *Low Power Society*, conferência no Encontro Internacional de Arte e Ciência Low Power e O Espírito da Descoberta, realizado pela Fundação para as Artes, Ciências e Tecnologias – Observatório, em Trancoso, Portugal. ASA Art and Technology, UK, Londres.

2007, junho

BRENNER, Joseph – *Transdisciplinarity, Logic and the Low Power Society*, conferência no Encontro Internacional de Arte e Ciência Low Power e O Espírito da Descoberta, realizado pela Fundação para as Artes, Ciências e Tecnologias – Observatório, em Trancoso, Portugal. Encontro dirigido por *Emanuel Pimenta*.

2008, 8 de março

Encontro Internacional *Low Power Society, Not Low Price Society* na Fundação Monte Verita, Ascona, Suíça, dirigida por *Giorgio Alberti*.

2008, outubro

PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo – Sociedade Low Power, ASA Art and Technology, UK, Londres – ebook.

Site *Low Power Society* em www.asa-art.com/low-power.html, dirigido por Emanuel Pimenta.

Bibliografia

- *Andrejevic, Mark – iSpy Surveillance and Power in the Interactive Era, University Press of Kansas, 2007.*
- *Appadurai, Arjun – Modernity at Large, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1996.*
- *Ariès, Philippe – Essais sur l’histoire de la mort en Occident du Moyen Age à nos jours, Seuil, 1975.*
- *Arpagian, Nicolas – La Cyberguerre, La Guerre Numérique a Commencé, Vuibert, Paris, 2009.*
- *Ascott, Roy – Telematic Embrace, University of California Press, Berkeley, 2003.*

- *Asimov, Isaac – Asimov’s Chronology of Science and Discovery, Grafton, London, 1989.*
- *Attali, Jacques – Une Brève Histoire de l’Avenir, Fayard, Paris, 2006.*
- *ATTALI, Jacques – Bruits: Essai sur l’Economie Politique de la Musique, Presses Universitaires de France, Paris, 1977.*
- *Bacca, Juan David García–Los Presocraticos, Fondo de Cultura Económica, México, 1980.*
- *Bainbridge, William Sims – Nanoconvergence, Prentice Hall, 2007.*
- *Beck, Ulrich – Pouvoir et Contre-Pouvoir à l’heure de la mondialisation, Flammarion, Paris, 2003.*
- *Bentham, Jeremy – The Panopticon Writings, Verso, London, 1995.*
- *Berger, René – L’Origine du Futur, Editions du Rocher, Paris, 1995.*

- *Bimber, Bruce – Information and American Democracy, Cambridge University Press, 2003.*
- *Boas, Franz – Primitive Art, Dover, New York, 1955.*
- *Brin, David – The Transparent Society, Perseus, Massachusetts, 1998.*
- *CAMPANELLA, Tommaso – A Cidade do Sol, Guimarães Editores, Lisboa, 1996.*
- *Castronova, Edward – Synthetic Worlds: the Business and Culture of Online Games, University of Chicago Press, Chicago, 2005.*
- *Cavazos, Edward A., Morin, Gavino – Cyberspace and the Law, MIT Press, Cambridge, 1994.*
- *Cottrell, Fred – Energy and Society, Greenwood Press, Westport, Connecticut, 1955.*

- *Cunnane, Stephen C. – Survival of the Fittest, the Key to Human Brain Evolution, World Scientific, New Jersey, 2005.*
- *Devine, John (org) – Youth Violence, Annals of the New York Academy of Sciences, volume 1036, New York, 2004.*
- *Elias, Norbert – The Civilizing Process, Blackwell, 2000, Oxford.*
- *Elias, Norbert – The Society of Individuals, Continuum, New York, 2001.*
- *Foucault, Michel – Surveiller et Punir: Naissance de la Prison, Gallimard, Paris, 1975.*
- *Friedman, Thomas – Hot, Flat and Crowded, transl. Quente, Plano, Cheio, Actual, Lisboa, 2008.*
- *Friedman, Thomas – The World is Flat: A Brief History of the Globalized World in the 21st Century, Penguin, New York, 2005.*

- *Guéhenno, Jean-Marie – O Fim da Democracia, Bertrand, Rio de Janeiro, 1993.*
- *Giemulla, Elmar; Schmid Ronald; ed alt – Montreal Convention, As pen Publishers, Aspen, 2004.*
- *Goudsblom, Johan – Fire and Civilization, 1992, as Storia del Fuoco, Donzelli, Roma, 1996, 2008.*
- *Haggerty, Kevin D. and Ericson, Richard V. (ed) – Surveillance and Visibility, University of Toronto Press, Toronto, 2007.*
- *Hall, Edward T. – Beyond Culture, Random House, New York, 1976.*
- *Hall, J. Storrs – Nanofuture, Prometheus, New York, 2005.*
- *Hastings, Glenn and Marcus, Richard – Identity Theft Inc., Desinformation, New York, 2006.*

- *Maquiavelli, Nicoló – Il Principe, Portuguese edition, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1980.*
- *Marmot, Michael - Status Syndrome: How your social standing directly affects your health and life expectancy, Springer, London, 2004.*
- *McCracken, Grant – Culture and Consumption, Indiana University Press, Bloomington, 1990.*
- *McLuhan, Marshall – Forward Through the Rearview Mirror, MIT, Cambridge, 1996.*
- *McLuhan, Marshall – Understanding Media: The Extensions of Man, Routledge, Cambridge, 1964.*
- *Meadows, Donella; Randers, Jorgen; Meadows, Dennis – Limits to Growth, Chelsea Green Publishing Company, Vermont, 2004.*
- *Mill, John Stuart, On Liberty, transl. Sobre a Liberdade, Europa-América, Lisbon, 1996.*

- *Moan, Jaina L. e Smith, Zachary A. – Energy Use Worldwide, ABC Clío, Santa Barbara, Califórnia, 2007.*
- *Monahan, Torin (ed) – Surveillance and Security, Routledge, New York, 2006.*
- *Montaigne, Michel de – Essais, Flammarion, Paris, 1979.*
- *Moles, Abraham – l’Affiche dans la Société Urbaine, Dunod, Paris, 1969.*
- *Moles, Abraham – Psychologie du Kitsch, Maison Mame, Paris, 1971.*
- *Naím, Moisés – Illicit, Anchor Books, New York, 2005.*
- *Napoleoni, Loretta – Rogue Economics, Seven Stories, New York, 2008.*
- *Negroponte, Nicholas – Being Digital, Hodder & Stoughton, London, 1995.*
- *Nissanoff, Daniel – Future Shop, Penguin, London, 2006.*

- *Noronha, Durval de – Diário da Crise, Observador Legal, São Paulo, 2010.*
- *O’HARA, Kieron and NIGEL, Shadbolt – The Spy in the Coffee Machine, The End of Privacy as we Know It, Oneworld, Oxford, 2008.*
- *Orwell, George – 1984, Record, Rio de Janeiro, 1976.*
- *Pedersen, Cort A. – Biological Aspects of Social Bonding and the Roots of Human Violence, in Youth Violence, Annals of the New York Academy of Science, Volume 1036, 2004.*
- *Penn, Mark J. – Micro Trends, Twelve, New York, 2007.*
- *Perkins, John – Confessions of an Economic Hit Man, BK, San Francisco, 2004.*
- *Perkins, John – The Secret History of the American Empire, Plume, New Yoek, 2007.*

- *Reeves, Hubert – Mal de Terre, Seuil, Paris, 2003.*
- *Ribeiro, Darcy – O Processo Civilizatório, Estudos de Antropologia da Civilização, Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1979.*
- *Rifkin, Jeremy – The End of Work : The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era, Putnam, New York, 1995.*
- *Rifkin, Jeremy – The Hydrogen Economy, New York, 2002.*
- *Rosnay, Joël de – 2020 Les Scénarios du Futur, Fayard, Paris, 2008.*
- *Sacks, Jonathan – The Dignity of Difference: How to Avoid the Clash of Civilisations, Greenberg, London, 2002.*
- *Schrödinger, Erwin – What is Life?, in Portuguese, O que é a Vida?, Editorial Fragmentos, Lisboa, 1989.*

- *Solove, Daniel J. – The Future of Reputation, Yale University Press, 2007.*
- *Soros, George – The Crisis of Global Capitalism, Little, Brown & Co. London, 1998.*
- *Soysal, Yasemin Nuhoglu – Limits of Citizenship, University of Chicago, Chicago, 1984.*
- *Swenson, Rod – Spontaneous Order, Autocatakinetic Closure and the Development of Space-Time, Annals of the New York Academy of Sciences, volume 901, New York, 2000.*
- *Tapscott, Don; Williams, Anthony D. – Wikinomics, Pearson, Paris, 2007.*
- *Torpey, John – The Invention of the Passport, Cambridge, 2000.*
- *Traven, B. – Dans l’Etat le Plus Libre du Monde, l’Insomniaque, Paris, 1994.*

- *Veblen, Thorstein – Conspicuous Consumption, Penguin, New York, 2006.*
- *Veblen, Thorstein – The Theory of the Leisure Class, Dover, New York, 1994.*
- *Vittori, Jean-Marc – l’Effet Sablier, Grasset, Paris, 2009.*
- *Weinberger, David – Everything is Miscellaneous, Holt, New York, 2007.*
- *Wilson, Douglas L., Stanton, Lucia – Thomas Jefferson, The Modern Library, New York, 1999.*
- *Zoja, Luigi – La Morte del Prossimo, Einaudi, Milan, 2009.*
- *Zureik, Elia and Salter, Mark B. – Global Surveillance and Policing, Willan, 2005.*

- *Surveillance Countermeasures – A Serious Guide to Detecting, Evading, and Eluding Threats to Personal Privacy. ACM IV Security Services, Paladin Press, Boulder, Colorado, 1994-2005.*

- *Science, Vol. 324, nº 5930, May 22, 2009*

http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0042-96862007001200017&lng=en&nrm=is
0

http://en.wikipedia.org/wiki/Books_published_per_country_per_year

<http://www.domaintools.com/internet-statistics/>

<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>

http://www.bologna-bergen2005.no/Docs/00-Main_doc/990719BOLOGNA_DECLARATION.PDF

<http://www.census.gov/prod/2007pubs/p60-233.pdf>

<http://digitaldaily.allthingsd.com/category/international-federation-of-the-phonographic-industry/>

<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/467289/police/36612/Collective-responsibility-in-early-Anglo-Saxon-times>

http://www.china-licensing.com/Echina_copyrights.html

<http://archives.cnn.com/2002/TECH/industry/04/25/>

http://www.nppa.org/news_and_events/news/2008/05/orphan02.html

<http://capwiz.com/illustratorpartnership/issues/bills/?billid=11320236>

<http://www.copyright.gov/docs/regstat031308.html>

http://www.gdspublishing.com/ic_pdf/fsa/gds3.pdf

<http://www.evancarmichael.com/Management/1055/Globalization-and-Disparities-in-global-wealth.html>

http://www.bcg.com/publications/files/Tapping_Human_Assets_GW_Sept_2007.pdf

<http://www.electionstudies.org>

http://www.iata.org/whip/_files/wgid_0250/conditions%20of%20contract%20and%20other%20important%20notices.pdf

<http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1336530&idCanal=57>

<http://creativecommons.org/>

http://thesimpsonsbr.files.wordpress.com/2007/05/walp_simpsons_movie_homer.gif

http://onemansblog.com/wp-content/uploads/2007/08/300_movie_wallpaper.jpg

http://www.wallpaperbase.com/wallpapers/movie/transformersmovie/transformers_movie_4.jpg

http://www.celebritywonder.com/wp/Sophie_Monk_in_Date_Movie_Wallpaper_2_1024.jpg

http://www.sexandthecitymovie.com/library/wallpapers/1280x1024_SATC_2.jpg

<http://apoteosedoabsurdo.files.wordpress.com/2008/03/nocountryforoldmen.jpg>

<http://www.buzoentrevista.blogger.com.br/bannerCDDfilme.jpg>

http://www.wallpaperbase.com/wallpapers/celebs/madonna/madonna_1.jpg

http://www.hipakistan.com/wallpapers/images/popular/hipakistan_shilpa.jpg

<http://www.lib.utah.edu/services/prog/gould/1998/index.html>

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Image%3APollution_over_east_China.jpg

http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Aerosol_mod_2006.jpg

<http://www.environmenttimes.net/>

<http://maps.grida.no/go/graphic/global-human-development-indicators>

<http://maps.grida.no/go/graphic/world-poverty-distribution>

<http://www.privacyinternational.org>

<http://wiki.creativecommons.org>

Índice Onomástico

- | | |
|------------------------|---------------------------|
| Aalbers, Manuel | Berlusconi, Silvio |
| Aalto, Alvar | Berners-Lee, Tim |
| Abelson, Hal | Bertalanffy, Ludwig von |
| Adriaansens, Alex | Beuys, Joseph |
| Alberti, Giorgio | Bianda, Bianda |
| Allighieri, Dante | Bianda, Lorenzo |
| Amiet, Pierre | Boas, Franz |
| Anastasi, William | Bonaparte, Napoleon |
| Anaxagoras | Boole, George |
| Anaximandrus | Boutrif, Ezzeddine |
| Anaximenes | Bowie, David |
| Angel, John Lawrence | Boyle, James |
| Appadurai, Arjun | Bradshaw, Dove |
| Ariès, Philippe | Brahms, Johannes |
| Aristotle | Brenner, Joseph |
| Ascott, Roy | Breuer, Marcel |
| Asimov, Isaac | Brown, Gordon |
| Attali, Jacques | Brunelleschi, Filippo |
| | Buddha (Siddarta Gautama) |
| Bach, Johann Sebastian | Bush, George W. |
| Bacon, Francis | |
| Barlow, John Perry | Caesar, Julius |
| Benjamín, Walter | Cage, John |
| Benveniste, Émile | Camões, Luis Vaz de |
| Berger, René | Carneiro, Robert |

Castoro, Rosemarie
 Castronova, Edward
 Carroll, Michael
 Chao, Manu
 Chardin, Teilhard de
 Charles, Daniel
 Cheney, Dick
 Churchill, Winston
 Clinton, Hillary
 Clinton, William (Bill)
 Cicero, Caius Tullius
 Cohen, Samuel
 Cole, Simon A.
 Colosi, Nina
 Coomaraswamy, Ananda
 Le Corbusier, see Charles-
 Edouard Jeanneret-Gris
 Cordes, David W.
 Costa, Lúcio
 Cottrel, Fred
 Coulton, Jonathan
 Cunnane, Stephen

 Daniels, Mitchel
 Darvas, Gyorgy
 Darwin, Charles
 Delacroix, Eugène
 Diderot, Denis
 Doherty, Neville
 Duchamp, Marcel

Eldred, Eric
 Einstein, Albert
 Elias, Norbert

 Freud, Sigmund
 Friedman, Thomas
 Fukuyama, Francis
 Fuller, Richard Buckminster
 Furtado, Gonçalo

 Gabriel, Peter
 Gaggi, Massimo
 Galbraith, John Kenneth
 Gandhi, Mahatma
 Garreau, Joel
 Gates, William (Bill)
 Gautama, Siddarta – see
 Buddha
 Ghéhenno, Jean-Marie
 Giedion, Sigfried
 Goldberg, Paul
 Gorer, Geoffrey
 Goudsboom, Johan
 Graham, John
 Gropius, Walter
 Grostein, Marcia
 Guggenheim, Davis
 Gutenberg, Johannes

Mariotti, Francesco
 Marmot, Michael
 Marshall, Alfred
 Marshall, Thomas Humphrey
 Martial
 Marut, Ret
 Marx, Burle
 Marx, Karl
 Mauss, Marcel
 McLuhan, Marshall
 Mello, Eduardo Kneese de
 Mendes, Aristides de Sousa
 Mercer, Brandon
 Mill, John Stuart
 Miller, George Tyler
 Milner, Peter
 Moles, Abraham
 Monod, Jacques
 Montaigne, Michel de
 Moore, Gordon
 More, Thomas
 Morin, Edgar
 Murdoch, Rupert
 Mussolini, Benito

 Naím, Moisés
 Napoleoni, Loretta
 Narduzzi, Edoardo
 Nash, John
 Negroponte, Nicholas

Nicolescu, Basarab
 Niemeyer, Oscar
 Nietzsche, Friedrich
 Nixon, Richard
 Novak, Marcos

 Obama, Barak Hussein
 Olds, James
 O'Neill, Paul
 Orsenna, Eric
 Orwell, George
 Ovid

 Paik, Nan June
 Pan, Li
 Pardo, Carmen
 Parmenides
 Pascal, Claude
 Pedersen, Cort
 Peirce, Charles Sanders
 Perkins, John
 Pessoa, Fernando
 Petrarca, Francesco
 Piaget, Jean
 Pinto, António Cerveira
 Plato
 Pollock, Jackson
 Pontell, Henry N.
 Powell, Michael
 Prigogine, Ilya

Proust, Marcel
 Publicola, Publius Valenius
 Publius
 Pythagoras

 Rameau, Jean-Philippe
 Read, Herbert
 Reagan, Ronald
 Reich, Robert
 Revelli, Carlo
 Ricardo, David
 Richardson, Lewis Fry
 Rifkin, Jeremy
 Riley, Audrey
 Rosnay, Joël de
 Rove, Karl

 Saffo, Paul
 Saltzman, Eric
 Sapolsky, Robert
 Sarney, José
 Saussure, Ferdinand de
 Schell, Orville
 Schelling, Thomas
 Schmandt-Besserat, Denise
 Schrödinger, Erwin
 Shakespeare, William
 Silva, José Alencar Gomes da
 Silva, Ignácio Lula da
 Simplicius

Smith, Adam
 Snell, Bruno
 Socrates
 Soros, George
 Spencer, Herbert

 Tange, Kenzo
 Tapscott, Don
 Tarabella, Leonello
 Thales
 Thatcher, Margaret
 Thomas, Lewis
 Thomson, William
 Thoreau, Henry David
 Thucydides
 Toffler, Alvin
 Torvalds, Linus
 Tse Dong, Mao

 Unabomber, see Theodore
 Kaczynski

 Vasulka, Steina
 Vasulka, Woody
 Veblen, Thorstein
 Védrine, Hubert
 Vinci, Leonardo da
 Viola, Bill
 Virgil
 Vittori, Jean-Marc

- Ward, Olivia
- Warhol, Andy
- Webber, Herbert John
- Weiser, Mark
- Weiss, Monika
- Welles, Orson
- Wells, H. G.
- Wheeler, John Archibald
- Whilee, Aidan
- White, Leslie
- Wickramasinghe, Chandra
- Williams, Anthony
- Wockner, Rex
- Wright, Frank Lloyd
- Wright, Robert

- Xenophon
- Xiaoping, Deng

- Zennstrom, Niklas
- Zeno
- Zoja, Luigi

Índice temático

1984 (George Orwell)
43 Things

Abstração

Acadia

Acaso

Ação

Acionistas

Acumulação

Advertisement Photographers
of America APA

AND – Ácido Desoxido

Ribonucleico

Aeroportos

Heathrow (Londres)

África

África do Sul

Afrodite

AgoraVox

Agregação

Água

Alcoa

Aldeia Global

Alemães

Alemanha

Alexandria

Alfabeto fonético

Alimentação

Fast food

Food miles

Al Qaeda

Altamira

Amazon (books)

American Institute of

Architects

American Management
Association

American National Election
Studies

American On Line

American Psychological
Association

American Society of Media
Photographers ASMP

American Telecom Reform
(1996)

Americanos

Amor

Antropologia

Etnocentrismo

Evolucionismo

Apoptose

Apple Macintosh
 Argentina
 Arquitetura
 ARN – Ácido Ribonucleico
 Arte
 Artista
 Arte Conceitual
 Artes Gráficas
 Artificial
 Ascona
 Assistência técnica
 AT&T
 Audiência
 Aura
 Austrália
 Autor
 Autoria
 Direitos de Autor

 Babilônia
 Bagdá
 Banco Mundial
 Bazar
 Beleza
 BIC (caneta)
 Bicicleta
 Big Bang
 Big Brother (1984)
 Blogues
 Bolonha (Declaração)

Bom e mal
 Bororo (Brasil)
 Brasília
 Brasil
 Bretton Woods
 Britannica - Enciclopédia
 Bruxelas
 Burocracia

 Cam Ranh Bay
 Canadá
 Capitalismo
 Supercapitalismo
 Carbono
 Carmina Burana
 Çatalhöyük
 Causalidade
 Centros Comerciais
 Cercle des Economistes
 (France)
 Cérebro – metabolismo
 Cetona
 CD – compact disc
 Cidade
 Bubble Cities
 Edge City
 Megacidade
 Hypercidade

 Cinema
 Civilização

	Crime no ciberespaço	Dinheiro
	Criminalidade urbana	Dinheiro electrónico
	Culpa	(e-money)
	Cultura	Dinheiro invisível
	Cultura erudita	Dinheiro virtual
	Cumberland Packing	Dispersão
	Cuneiforme	Dissipação
	Ciberespaço	Dissipação positiva
	Declaração	Distribuição (Princípio de)
	de Independência do	Downsizing
	Ciberespaço	DVD – Digital Video Disc
	Cibercultura	
		EasyJet
	Damaphada	eBay
	Davos	ECCO
	Décathlon	Echelon
	Desconstrução	Economia
	Defense Security Directorate	Recessão econômica
	Del.icio.us	Liberalismo
	Delphi Oracle	Neoliberalismo
	Demografia	Ecologia
	Explosão demográfica	Ecologia electrónica
	Expectativa de vida	Edinburgo
	Descoberta	Educação
	Desregulação	EFF – Electronic Frontier
	Desagregação	Foundation
	Design	Egipto
	Desenho industrial	Eleições
	Design Sensorial	Eli Lilly
	Diderot (Efeito)	Elite

(São Paulo)
 Sírio Libanês, Hospital (São Paulo)
 Hotéis
 Humanidade
 Hungria

 IATA – International Transport Association
 IBM
 Identidade
 Ideosfera
 Ikea
 Iluminismo
 Ilusão
 Ilusão de contiguidade
 Impostos
 Improvisação
 Índia
 Índios (Brasil)
 Inglaterra
 Informação
 Design de informação
 Instituto dos Arquitetos do Brasil
 Instituto Forrester
 Inteligência
 Intenção
 International Federation of the Phonographic Industry

Digital Music Report
 International Stress Management Association
 International
 Telecommunication Union
 Internet
 Internautas
 INSEAD
 Intel
 Invenções
 Isonomia
 Itália

 Jano
 Japão
 Jogos
 Teoria dos Jogos
 Jogos digitais
 Jogos de Vídeo
 Joanesburgo
 Jornais
 El Mundo
 Le Monde
 Observer
 Público
 The Nation
 The New York Times
 Toronto Star
 Washington Post
 Jornalismo

- Moscovo
 MP3
 Música
 Música clássica
 Música erudita
 Música contemporânea
 experimental
 Temperamento
 Música popular
 Música tonal
 MySpace

 Nações Unidas
 Food and Agriculture
 Organization FAO
 Millennium Project
 United Nations
 Development Program
 1999 Human Development
 Report
 2006 Human Development
 Report
 Nanotecnologia
 Narciso
 Narcose
 NASA
 National Press Photographers
 Association NPPA
 National Security Agency NSA
 Natureza

 NCR
 Necrose
 Neognósticos
 Neolítico
 Nova York
 Nihilismo
 Níneve
 Nitrogénio
 Nómade
 Noosfera
 Noruega

 Omron
 Organization for the
 Economic Cooperation and
 Development OECD
 Ordem
 Desordem
 Organização Mundial do
 Comércio
 Orphan Works Act
 Orfeu
 Oslo
 Oxigênio

 Paleta Sensorial
 Panspermia
 Ciberpanspermia
 Paris
 Parnaso (Monte)

- Paleolítico
- Papel
- Papiro
- Paradigma
- PDA
- Pecado
- Pedra
- Pequim
- Pergaminho
- Pérsia
- Perspectiva
 - Perspectiva plana
- Petróleo
- Philip Morris
- Pintura
- Plágio
- Piratas
- Pobreza
- Poder
 - Sociedade High Power
 - Sociedade Low Power
 - Poder de compra
- Política
 - Partidos Políticos
- Polímeros
- Pornografia
 - Imagens Eróticas
 - PhoneErotica
- Porto Alegre
- Portugal
- Possessão
- Predicação
- Presença
- Prevenção
- Prisão
- Privacidade
- Procter & Gamble
- Professional Photographers of America PPA
- Profissão
- Progresso
- Propriedade
- Prosa
- Prótese (sensorial)
- Proteínas
- Public Opinion Strategies Survey
- Qualificação (profissional)
- Quénia
- Quioto
- Rádio
- Realidade
 - Realidade Virtual
- Reciprocidade
- Reclamações
- Renascimento
- Repertório
- Repetição (Princípio da)

Representação
 Reprodução
 Reprodução celular
 Responsabilidade
 Restaurantes
 Revistas
 Revolução
 Revolução Francesa
 Rio de Janeiro
 Românico
 Roma
 Roterdam
 Rouan (França)
 Rússia
 Ryanair

 Sacarina
 Sagrado
 São Francisco
 São Paulo
 Segurança
 Seleção Natural
 Serendipidade
 Second Life
 Serviços
 Sexo
 Sign
 Sílica
 Singularidades
 Sistemas digitais

Skype
 Sociedade
 Sociedades acústicas
 Aristocracia burocrática
 Sociedades High Power
 (ver poder)
 Sociedades literárias
 Sociedades de baixa
 energia
 Sociedades Low Power (ver
 poder)
 Sociedade da afluência
 Sociedades virtuais
 Software
 Malicious software
 Sol
 Standard Oil
 Streaming Museum
 Subsídios
 Suméria
 Supermercados
 Hípermercados
 Grandes superfícies
 Síçua
 Sweet'n Low
 Symantec
 Simbiose
 Símbolo
 Sintagma
 Sístase

R **U** **N** **I** **V** **E** **R**
U **R** **Â** **N** **I** **O**
P **L** **A** **N** **O**
O **R** **E** **M** **E** **N** **T** **A**
L **E** **M** **E** **N** **T** **A**
D **E** **M** **E** **N** **T** **A**
E **M** **E** **N** **T** **A**
A **D** **E** **M** **E** **N** **T** **A**
D **E** **M** **E** **N** **T** **A**
E **M** **E** **N** **T** **A**
S **O** **C** **I** **E** **L** **E** **M** **E** **N** **T** **A**
S **O** **C** **I** **E** **L** **E** **M** **E** **N** **T** **A**

Universo
Ur
Urânio
Urano
Urbano
 Hiperurbano
 Planos Directores
US Steel
Utopia

V2 Organization
Valor
 Ordens de valor
Vênus
Vestuário
Vida
 Ciclo de vida
Vídeo
Vidro
Vigilância
 Ciberpólcias
 Vídeo vigilância
Violência
Visão
 Visão Central
 Visão Periférica
Viscosidade
Vírus (ver computador)

Washington DC
We7
Wikinomics
Wikipedia
Wired
World Economic Forum
World Energy Council
World Health Organization
World Social Forum
World Trade Center

Xerox's Computer Science
Laboratory PARC

Yahoo
YouTube

Zapping
Zara
Zen
Zhoukoudien

Wal-Mart

Emanuel Dimas de Melo Pimenta tem sido considerado em importante músico, arquiteto, escritor, fotógrafo e artista intermedia no início do terceiro milênio – segundo depoimentos escritos por personalidades como **John Cage, Ornette Coleman, Merce Cunningham, René Berger, Daniel Charles, Dove Bradshaw, Phill Niblock** ou **William Anastasi** entre outros. Com vários prêmios internacionais, mais de trinta livros publicados, muitos livros eletrônicos e vinte *compact discs*, os seus trabalhos estão incluídos em algumas das mais importantes coleções de arte e instituições reconhecidas mundialmente como o **Whitney Museum** de Nova York, o Museu de Arte Contemporânea **ARS Aevi**, a **Bienal de Veneza**, a **Bienal de São Paulo**, o **Cyber Art Museum** de Seattle, o **Kunsthaus** de Zurique, a **Coleção Durini** de Arte Contemporânea, a **Bibliothèque Nationale de Paris**, e o **MART** Museu de Arte Moderna e Contemporânea de Rovereto e Trento entre outros. Os seus trabalhos também estão incluídos na **Enciclopédia Universalis (Britannica)** desde 1991, no **Sloninsky Baker’s Music Dictionary** (Berkeley), no **Charles Hall’s Chronology of the Western Classical Music**, assim como no **All Music Guide – The Expert’s Guide to the Best Cds**. Importantes músicos como **John Cage, David Tudor, Takehisa Kosugi, John Tilbury, Christian Wolff, Maurizio**

